



Um Amor Perigoso

Melanie George

Escócia, 1375

Quando os pais de Cat MacDougal foram executados pelos temíveis MacPherson, ela jurou se vingar do líder do clã. Fazendo segredo de sua identidade, Cat corajosamente se aventurou nas terras hostis do inimigo, mas sua sede de vingança enfraqueceu quando Duncan MacPherson a tomou apaixonadamente nos braços e a fez querer ficar ali para sempre.

Duncan ficou ao mesmo tempo intrigado e fascinado com aquela jovem linda e audaciosa, que fazia seu sangue ferver de desejo. Até que ele descobriu que Cat pertencia ao clã que era seu inimigo de longa data, e a fez sua prisioneira. Mas quando eclodiu uma violenta guerra entre os dois clãs, Duncan se viu dividido entre defender o seu povo e seguir seu próprio coração...

Título Original: Dangerous to Love

Disponibilização: Vania / Digitalização: Marina
Revisão: / Formatação: Edina



ARE



CAPÍTULO I

Terras Altas da Escócia.

--Não se preocupe, amor. Prometo tratá-lo bem. Ao ouvir voz tão suave, Duncan MacPherson parou e pensou se não estaria imaginando coisas ao escutar as delicadas palavras trazidas pelo vento.

— Não seja tímido. Saboreie esta fruta — continuou a voz doce e sedutora. — Garanto que jamais provou uma tão gostosa.

Cuidadoso, Duncan avançou na direção de onde provinha a voz, esquecendo-se da busca do corcel selvagem que o levava a sair do castelo e avançar pelas terras do feudo. Agora, o tom suave e convidativo da voz feminina já produzia uma reação instantânea na região de seu corpo escondida sob o kilt escocês.

— Como você é teimoso.

Vendo o corpo reagir ainda com mais força, Duncan se sentiu como um adolescente incapaz de controlar os hormônios. O que o motivava a avançar era a tentação de descobrir quem era aquela mulher, cuja maneira de falar o atingia tão fortemente.

— Venha. Você é grande e poderoso, mas não me amedronta. Vê o que tenho para lhe entregar? Prove para ver que sabor tem.

Tomado pelo desejo, ele de repente compreendeu como Adão sucumbira aos encantos de Eva. Será que o homem sabia o risco que corria ao se deixar envolver pelo paraíso escondido entre as coxas de uma mulher? Se Eva falasse como aquela que ele ouvia, suas palavras seriam capazes de enrijecer e tornar afiada até mesmo uma espada velha e enferrujada.

Sem fazer ruído, ocultou-se atrás do tronco de uma árvore centenária, refletindo que talvez fosse necessário lutar com aquele ao qual a voz se dirigia. Com a excitação crescendo a cada instante, pensou que seria capaz de enfrentar um exército para ver aquela moça! Talvez ela o aceitasse de bom grado, pois apesar de ele trazer no corpo cicatrizes de lutas e batalhas, muitas mulheres haviam dito que era um homem bonito e atraente.

Oculto pela árvore e arbustos, Duncan afastou as folhas cuidadosamente e foi brindado com a visão de curvas perfeitas sob o tecido de uma longa saia. Viu também que a desconhecida não se dirigia a um homem e sim a Atlas, seu próprio cavalo, que ele deixara solto, após desmontar, para caminhar pelas redondezas. Inadvertidamente, contudo, ao criar mais espaço entre as folhas, Duncan provocou um ruído que chamou a atenção da mulher, fazendo-a se virar, alarmada, e arregalar os olhos cor de ametista.

Flagrado espionando como um tolo, resolveu se revelar e emergiu por detrás das plantas. Ao ver a desconhecida de frente, confirmou que a moça era atraente como seu tom de voz o fizera pressupor.

Seu pensamento seguinte, entretanto, mudou o curso das reflexões, aquela mulher não era uma MacPherson e, portanto, estava invadindo o feudo do qual ele era senhor.

Os MacPherson e os MacDougal eram clãs inimigos, envolvidos em lutas feudais havia muitos anos. Desde criança, Duncan ouvia dizer que os MacDougal roubavam as provisões alimentícias dos MacPherson, vivendo assim dos frutos do trabalho alheio. A despeito disso, hoje em dia era o clã Gordon que os atacava para roubar o que seu povo obtinha à custa de árduo trabalho.

De qualquer modo, trespassar os limites das terras dos MacPherson era uma ofensa punível com morte, e tanto os MacDougal quanto os Gordon sabiam disso.

Todavia, Duncan jamais impingiria tal castigo a uma mulher. Mesmo sendo guerreiro, nunca atacaria mulheres ou crianças, e impunha tal princípio a seus comandados.

Os dois se encararam, imóveis, por um longo instante, mas o cavalo de Duncan fungou de repente, quebrando sua imobilidade. Sem avisar, a jovem desconhecida agarrou as rédeas do garanhão que, Duncan agora via, ela tentava conquistar com uma maçã que tinha na mão. Sem avisar, atirou a fruta ao solo e, em um gesto inesperado, montou agilmente nas costas do animal. A facilidade com que subiu na sela o teria surpreendido, caso ele não estivesse agora irritado por ela ter invadido suas terras.

Atlas, seu fiel cavalo, não rejeitou a desconhecida que agora o montava, e simplesmente abaixou a cabeça para comer a fruta que rolara a seus pés.

— Mova-se! — comandou a moça, batendo os calcanhares contra os flancos rijos, incitando o animal a galopar.

Para satisfação de Duncan, o cavalo não obedeceu e seguiu mastigando a maçã calmamente.

— Desça já do meu cavalo — ordenou, avançando com a intenção de retirá-la das costas de Atlas. Ao se aproximar e erguer os braços para forçá-la a obedecer, ela o atingiu no rosto com um pontapé da bota de couro que calçava.

— Fique longe de mim, diabo infernal! Vai se machucar se tentar me tocar outra vez.

Surpreendido pela inesperada reação, Duncan a fitou nos olhos, mas permaneceu onde estava.

— Sabe com quem está falando? — ele perguntou.

— Pelo brilho arrogante de seus olhos, deve ser um maldito MacPherson.

Maldito? Pelo visto, ela gostava de abusar da sorte.

— Se sou quem você diz, deve saber que está invadindo as terras do clã que insulta — replicou Duncan em tom hostil.

— Claro que sei — ela afirmou, erguendo o queixo com o ar imponente de uma princesa guerreira, montada em seu garboso corcel. — Estou nas terras manchadas de sangue do clã MacPherson.

Ela sabia onde estava, refletiu Duncan, ainda mais surpreso ante sua coragem. A maioria dos guerreiros não admitiria estar invadindo os domínios de um clã poderoso se não estivesse garantido por companheiros que o defendessem.

O que mais o surpreendia, entretanto, não era o destemor da moça e sim o fato de ele não fazê-la pagar por proferir tal insulto. A desconhecida tinha um espírito forte, e sem dúvida não era covarde.

— Tem certeza de que sou um MacPherson?

— Sim — replicou ela com a mesma altivez. — O brilho arrogante em seus olhos denuncia o clã ao qual pertence.

— Arrogância é o que não lhe falta também — revidou Duncan, cruzando os braços sobre o peito. — Não parece se importar em colocar seus pezinhos delicados sobre as terras das quais desdenha com tanta ousadia. E não creio que pertença ao clã que ofende com tais palavras.

— Maldito seja você! — ela exclamou com mais determinação ainda. — O que desejo é que todos os MacPherson apodreçam no inferno.

Duncan sabia que perderia a cabeça se ela continuasse falando daquela maneira. Mulher ou não, um insulto do gênero normalmente era punido com um golpe fatal de espada, e ele teve de se esforçar para se controlar, dizendo a si mesmo que se tratava de uma mulher. E, provavelmente, uma mulher que não estava em posse de suas faculdades mentais normais.

— Está abusando, moça — avisou friamente —, mas talvez não saiba com quem está falando.

— Estou falando com o filho de Lúcifer.

— Sempre foi tão delicada?

— Não sou delicada com homens que usam roupas com as cores dos MacPherson.

— Compreendo — recomeçou Duncan, coçando o queixo. — Sou um maldito MacPherson que tem a audácia de caminhar pelas terras do feudo ao qual pertence... O que me pergunto é se essa sua lógica não me obrigaria a enterrar a espada em sua barriga — ele ameaçou, tocando o cabo da arma que trazia presa à cintura.

— Faria melhor enterrando a espada em seu próprio estômago — ela volveu com uma frieza maior que a do mar do Norte.

Duncan se perguntou até onde a desconhecida teria coragem de avançar com os comentários venenosos. Não sabia o que pensar. Se ela usasse trajes com as cores dos MacDougal ou Gordon seria compreensível que dissesse tais coisas. Todavia, suas roupas não tinham cor alguma que a identificasse.

Quem seria? E por que odiava tanto os MacPherson?

Resoluto, resolveu que tinha de desvendar o mistério.

— Admito que tenha razão ao dizer que sou um MacPherson. A questão é, o que pretende fazer a respeito?

— Eu poderia matá-lo.

— Creio que não ouvi bem — replicou Duncan, sem crer que ela pudesse ameaçá-lo daquela maneira.

— Ouviu, sim. Não é quem eu pretendo matar, mas serviria até eu encontrar quem procuro — ela finalizou, decidida.

— E quem procura? — ele quis saber, cada vez mais intrigado com a moça que não tinha travas na língua e era dona de uma coragem excepcional.

— Está rindo de mim, mancebo? O que foi que eu disse que o diverti? — ela perguntou, os olhos ametista brilhando com a frieza de um metal de espada.

— Mancebo? — ecoou Duncan, sem conseguir acreditar no que ouvia.

— É o que você é: um infante e imberbe convencido que, provavelmente, crê ser um valente guerreiro. — Nisso ela estava com a razão, admitiu Duncan. Afinal, ele fazia questão de se barbear diariamente. — E não deve ter pelos no peito também — continuou a desconhecida, incitando Duncan a tirar a túnica e provar que seu corpo tinha todos os atributos de um homem adulto e viril. — Não passa de um menino procurando problemas.

— Crê que estou procurando problemas? — ele perguntou, irônico, recostando-se a um tronco de árvore. — O que não parece perceber é que sou eu quem pode lhe causar mais problemas do que poderá solucionar.

— Estou cansada de sua conversa tola — ela declarou, tomando as rédeas de Atlas e se preparando para partir. — Se não quiser se machucar, é melhor não tentar me impedir.

— Para onde pretende ir?

— Não é da sua conta.

— Que falta de senso de civilidade. Talvez eu possa ajudá-la, seja lá o que for que tem em mente.

A expressão hostil da face dela suavizou por um momento. No instante seguinte, porém, seus olhos ganharam outra vez um brilho agressivo.

— Jamais necessitaria ser ajudada por um MacPherson.

— Nunca diga "jamais" — retrucou Duncan. — Vivemos em um mundo duro, e não se sabe quando podemos precisar da ajuda de um amigo. Minha amizade talvez possa salvá-la dos perigos que enfrentará por aqui, e eu teria prazer em ajudar — finalizou, fazendo uma leve reverência com a cabeça. Ao erguer o rosto, percebeu que a cortesia não impressionara a desconhecida. — Deixe-me lembrá-la de que está em terras MacPherson. Há outros por aqui que não seriam tão condescendentes como eu ao sofrer ameaças e agressões físicas.

Sem se abalar, ela deu de ombros e se ajeitou sobre o cavalo, indicando que pretendia ir embora.

— Quem melhor do que um MacPherson para protegê-la nestas terras? — insistiu Duncan.

— Por que um MacPherson me ajudaria? Não creio que ajudar seja da índole desse clã — ela falou e depois meneou a cabeça como que reprovando a si mesma. — Devo estar louca para conversar com um de vocês... Fique distante se não quiser se machucar.

— Que tipo de homem seria eu, se deixasse uma moça perambular desprotegida por aqui?

A maneira como ela o fitou indicava que não pretendia responder à pergunta e muito menos concordar com o argumento.

— Está abusando de minha paciência e vai acabar com minha maneira gentil de ser.

Maneira gentil de ser? Pelo visto, a moça não sabia muito a respeito de si própria.

De repente, ela tornou a atizar Atlas com os calcanhares.

— Cavalo teimoso! — exclamou, transtornada, quando Atlas não saiu do lugar.

Ainda tentou obrigar o animal a obedecer, movimentando as rédeas em uma ordem clara. Atlas, contudo, permaneceu imóvel, obrigando Duncan a se esforçar para não rir da cena.

Ao concluir que o cavalo não obedeceria, ela desmontou sem tirar os olhos ametista dele.

Mal seus pés tocaram o chão, Duncan concluiu que a desconhecida era ainda menor do que ele pensara a princípio, não devendo ter mais do que um metro e sessenta. Tinha a estatura de uma criança, mas as roupas desgastadas que usava não escondiam as formas do corpo de mulher adulta. A blusa de algodão era justa o bastante para acentuar o contorno arredondado dos seios bem formados e volumosos. Admirando sua beleza, Duncan refletiu que somente um cego não notaria a sensualidade daquela criatura.

— Vou embora — declarou ela em um tom que soava como aviso para que ele não se atrevesse a segui-la. — Será um prazer deixá-lo — terminou, girando sobre os calcanhares e começando a caminhar.

— Aonde vai? Ainda não terminei com você.

— Eu terminei com você.

— Espere!

— Adeus, menino bonito — ela falou com sarcasmo, acenando com a mão sem se voltar para encará-lo. — Espero que saiba encontrar o caminho de volta para casa.

Irritado, Duncan caminhou rapidamente até Atlas e montou o enorme garanhão de pelo escuro. Ao tocar a rédea, o animal obedeceu prontamente e seguiu atrás da desconhecida, que, ironicamente, embrenhava-se ainda mais nas terras dos MacPherson.

Atlas não demorou a se aproximar pelas costas da moça.

Sem titubear, Duncan inclinou o tronco até agarrá-la pela cintura e a ergueu com facilidade. Embora ela reagisse, dando safanões no ar com os braços e pernas, ele a sentou à sua frente. Ela prosseguiu lutando, e ele não poderia dizer que os golpes que agora o atingiam fossem totalmente indolores. Apertando-a contra si, colocou-a em uma posição que a impediria de saltar. Esta, entretanto, a fez recostar as nádegas contra a região viril de seu corpo, causando uma fricção que, mais do que nunca, despertou-lhe o desejo.

Imobilizada por seu abraço, ela parou de lutar. Sua submissão o surpreendeu, pois ela não parecia ser do tipo que aceitava uma derrota com facilidade. Porém, poucos segundos passaram antes de ela revelar a verdadeira intenção da súbita calma: em um gesto inesperado, deslocou violentamente o cotovelo para trás, atingindo-o no estômago. Como se não bastasse, virou-se e lhe acertou uma sonora bofetada na face.

Aturdido pelo ataque inesperado, ele afrouxou o abraço que a prendia.

— Porco vadio! — ela insultou, aproveitando a surpresa de Duncan para se libertar e saltar para o solo.

Embora saísse correndo em disparada, em poucos segundos ele tornou a alcançá-la. Furioso, agarrou-a pelos cabelos cacheados com tanta força que quase a ergueu do chão. Ela começou a esmurrar o ar, todavia o movimento fez seus cabelos cair sobre os olhos, fazendo-a lutar às cegas.

Sabendo que ia machucá-la caso a mantivesse cativa assim, ele amainou a pressão. Seu estômago doía, depois do golpe que levava.

— Solte-me! — ela gritou, erguendo as mãos e tentando desprender os cabelos que Duncan ainda mantinha entre os dedos.

Ele a libertou por fim. Imediatamente, ela tentou escapar outra vez.

Com os diabos! Precisava capturá-la outra vez.

Algo dentro dele, entretanto, o deteve. Era um excelente rastreador e os cabelos vermelhos dela sobressaíam entre a folhagem e as árvores, denunciando seu rumo. Prendeu o ar quando ela se aproximou de três grandes rochas.

Atrás do pequeno bosque que as ladeava, havia um profundo fosso, algo que não podia ser visto de onde estavam. Duncan conhecia bem todos os recantos do feudo. O fosso tinha vários metros de largura, e alguém rápido, leve e ágil talvez conseguisse saltar para o outro lado. O problema era que se o salto não lograsse o intento, o infeliz saltador despencaria no abismo e se espatifaria nas rochas lá embaixo.

De repente, ela parou e tirou a saia, revelando uma calça de baixo masculina puída e desgastada, mas justa o suficiente para lhe revelar a forma dos quadris e coxas. A visão de sua seminudez o abalou, trazendo de volta a excitação que havia pouco sentira. Mas isso não durou mais do que poucos segundos, pois, antes que ele pudesse se aproximar, a moça tornou a correr na direção do abismo.

O coração de Duncan quase parou quando a viu saltar. Entretanto, ela atingiu o outro lado sã e salva.

Ao ver-se em segurança, agora com o abismo entre os dois, virou-se e o fitou com desdém.

— Adeus, menino bonito — disse sorrindo, antes de desaparecer floresta adentro.

Cat avançava pela floresta, abrindo caminho entre os arbustos. Ainda estava irritada com o infeliz que a seguira e a prendera pelos cabelos. Quem ele pensava que era? Um MacPherson, naturalmente, respondeu para si mesma.

O comportamento era típico dos membros daquele maldito clã. Não se importavam com ninguém a não ser com si próprios, e seus únicos sentimentos estavam relacionados ao que traziam entre as pernas. Ninguém no mundo a faria mudar de opinião a respeito deles, muito menos aquele brutamontes estúpido, que tivera a audácia de tentar conquistá-la fingindo-se preocupado com seu bem-estar e garantindo que ela estaria em segurança em sua companhia.

Resoluta, Cat resolveu que não se deixaria apanhar de surpresa outra vez. Tinha de permanecer concentrada em seu objetivo, sem permitir que a irritação a dominasse e a levasse a cometer erros.

Ao considerar que se encontrava em segurança, sentou-se ao lado de um pé de amoras silvestres e passou a comer as frutas. Estava com fome e exausta. Resolveu se deitar sobre a relva e cerrou os olhos. Havia exigido muito do corpo, e o cansaço cobrava seu preço. Precisava reunir energia novamente para atingir seu objetivo mais tarde.

Devagar, viu-se invadida por um delicioso torpor e logo adormeceu.

O sonho principiou da maneira usual: era primavera, a época do ano mais gloriosa nas Terras Altas da Escócia, e o aroma das flores inundava o ar. Sorrindo, ela descia a encosta da

montanha, colhendo ramos de lavanda. O céu azul não tinha nuvens, o ar estava límpido, a brisa fresca acariciava a pele e tornava a temperatura perfeita.

O sonho não tardou a se transformar em um pesadelo, e a luz, em escuridão. Por mais que tentasse, era impossível escapar à atmosfera sombria que começava a envolvê-la como os tentáculos de um polvo gigante. Pressentindo algo ruim, ela subiu ao topo da montanha até avistar a casa no vale, do outro lado.

Uma fumaça escura e ácida impregnou o ar. Era difícil respirar. Seus pulmões ardiam, e ela tentou correr. Subitamente, chamas imensas se ergueram à sua frente, barrando o caminho. A casa queimava. De repente, viu a mãe sair correndo de dentro da casa. Seu corpo ardia em chamas. Por um momento, seus olhares se encontraram, e ela pôde constatar sua dor e agonia. No instante seguinte, a mãe dela tombou no chão, inerte.

De repente, uma figura sinistra apareceu do nada, como uma fênix surgindo das cinzas. Ela queria correr, fugir, mas seus pés pareciam grudados ao solo.

Não! Por favor!, tentou implorar, enquanto uma gargalhada infernal ecoava ao redor.

Cat despertou de repente, o suor escorrendo pela testa, o coração disparado. Tentando escapar do terrível pesadelo, sentou-se e colocou a cabeça entre os joelhos, cerrando os olhos com força na tentativa de afastar as imagens ainda vividas. Respirou fundo na esperança de parar de tremer e fazer o coração retomar seu ritmo normal.

Levantou-se e passou a mão sobre a blusa para limpá-la dos gravetos. Um pesadelo assim era obra do diabo, mas ela não permitiria que o ser infernal lhe dominasse o espírito. Caminhar a ajudaria a se acalmar.

Buscou a trouxa de pano que carregava com os poucos pertences que possuía, porém não a encontrou onde a deixara.

— Por acaso está procurando isso?

Ao ouvir a voz aveludada, Cat fez meia volta e se deparou com o demônio de olhos azuis que deixara do outro lado do fosso profundo. Ele estava sentado no que restava do tronco de uma árvore e a fitava com expressão relaxada. Pior que tudo, segurava a trouxa que era dela! O maldito havia aproveitado o momento em que ela adormecera para atormentar-lhe a vida outra vez!

— Nunca desiste? Você é mesmo muito petulante!

— Não aprecio ser ludibriado por mulheres.

— Chega! Esgotou minha paciência. Tentei ser educada, mas você não merece esse esforço.

— Educada?

— Está ultrapassando meu limite — Cat alertou, ignorando o sarcástico comentário. — Não tem motivo para atrapalhar minha vida, e mesmo assim segue impondo sua presença nefasta. Não sabe quando deve parar? Mas não posso dizer que estou surpresa. Os MacPherson são tão desprezíveis quanto os ingleses.

— Esse insulto me atinge profundamente — replicou Duncan, embora com uma ponta de humor, o que irritou Cat ainda mais.

Ela estreitou os olhos para fitá-lo, tentando descobrir suas fraquezas. Infelizmente, para fazer isso, tinha de observá-lo detidamente.

O homem, no entanto, não parecia ter pontos fracos. Ao contrário, exibia a solidez de um carvalho centenário. Suas pernas tinham músculos fortes, e o resto do corpo não perdia em vigor. A túnica que trajava enfatizava os contornos esculturais do peito másculo. Era um homem na mais perfeita condição física e, mortificada, Cat sentiu um ligeiro calor tomando conta do corpo.

Para recuperar a compostura, desviou o olhar. Foi até a fogueira que acendera antes de adormecer e reavivou o fogo, que praticamente se extinguiu. A temperatura estava um pouco fria, algo normal nas Terras Altas mesmo durante o verão. Estranhamente, porém, naquele

momento ela se sentia mais quente do que o normal, e foi isso que a fez atentar para as roupas que trajava, um comprido camisão de homem e calças de baixo também masculinas, puídas e quase transparentes em locais embaraçosos. Estivera tão cansada que nem vestira um dos itens que trazia na trouxa, a mesma que o MacPherson agora segurava.

Ao erguer o olhar e encontrar o dele, Cat teve certeza de que ele sabia exatamente o que ela pensava.

— Passe-me meu saco de roupas, demônio, ou juro que se arrependerá.

— É mesmo? — perguntou Duncan com ar zombeteiro. Aquilo era demais. Era a última vez que ele a trataria com sarcasmo!

Perdendo totalmente o bom senso, ela abaixou a cabeça e investiu como um touro contra o homem que a atormentava. Honestamente, não acreditava que fosse conseguir muito mais do que machucar a si mesma fazendo aquilo, pois era como atacar uma rocha com uma vara de bambu. Surpreendentemente, porém, o golpe fez Duncan tombar e, no momento seguinte, ela se viu deitada sobre ele. A despeito do incômodo da situação, sentiu-se grata, pois o ataque resultará em algo. Talvez o maldito aprendesse uma lição de uma vez por todas.

— E suficiente ou quer mais? — indagou, fitando o rosto a poucos centímetros de distância. Embora arrogante, era necessário admitir, era um rosto lindo.

Ele meneou a cabeça como quem pede arrego e, satisfeita, Cat começou a se erguer. Entretanto, ele a enlaçou pela cintura e a manteve presa. Em seguida, e com uma agilidade descomunal para um homem de tamanhas proporções, girou com ela sobre o solo e comprimiu-lhe as costas contra a relva.

Ela lutou para se libertar, mas o peso dele a pressionava, anulando qualquer possibilidade de fuga. O brilho em seus olhos demonstrava a certeza da superioridade na questão da força física.

Cat se tornou selvagem de repente. Tendo somente os braços livres, começou a golpear o MacPherson com os punhos fechados, sem notar que ele não lutava de volta, que não a ameaçava como a besta do sonho. Ainda imersa na atmosfera do pesadelo, ela não via nada disso.

— Acalme-se, moça! Não vou machucá-la, não tenha medo.

Devagar, ela começou a se libertar da tempestade interior que a dominava. Quando por fim conseguiu abrir os olhos e fitá-lo, deparou-se com os olhos mais incrivelmente azuis e lindos que jamais vira.

Aos poucos o medo começou a ceder, como o nevoeiro dispersando lentamente quando o sol da manhã começa a esquentar os vales entre as montanhas das Terras Altas. Cat tomou consciência de que o guerreiro não pretendia machucá-la.

Então, a lucidez voltou. E com ela, a raiva.

— Saia de cima de mim, ser amaldiçoado!

Agora que a raiva substituíra o pânico, ela já não tinha certeza de que ele, de fato, houvesse tentado acalmá-la. Um vento frio perpassou-lhe a alma, fazendo seu corpo enrijecer enquanto memórias funestas retornavam outra vez.

Colocando as mãos contra os ombros do MacPherson, Cat o afastou. Sem oferecer resistência, ele aceitou a rejeição e rolou para o lado, libertando-a.

Ela se ergueu em um salto e coletou a trouxa de roupas agora caída sobre o solo. Fitou o homem que lhe causava tanto infortúnio. Por que ele não ia embora? Por que ele a seguia se não pretendia puni-la por invadir os domínios dos MacPherson?

— Ainda está aqui? — exigiu, por não ter outra coisa a dizer.

— Parece que sim... — Ele fitou braços e pernas significativamente.

— Pois eu não estarei mais — ela revidou com ironia, atirando a trouxa de roupas sobre o ombro, dando meia-volta e partindo.

Duncan se ergueu e a seguiu. A razão dizia para dar um fim àquela loucura, pois tinha coisas mais importantes a fazer. Ela obviamente não tinha intenção de revelar o que pretendia.

Além disso, era patente que ela preferia correr os riscos inerentes aos seus objetivos a passar outro momento com ele. E era isso o que mais o irritava.

Por outro lado, não era homem que aceitasse ser derrotado.

De repente, tomou uma decisão: iria conhecer melhor aquela mulher estranha e raivosa, quer ela gostasse ou não. O ódio que ela nutria pelos MacPherson era palpável. Para que a conhecesse melhor, no entanto, seria necessário permanecer a seu lado. Se não pudesse escoltá-la até atingirem os limites das terras do feudo MacPherson, só lhe restava levá-la para Skye Castle, o que poderia custar caro por inúmeros motivos.

— Pretende viajar comigo? — Cat perguntou ao notar que ele a seguia. — Está maluco?

— Por coincidência, vamos na mesma direção — ele mentiu, apressando o passo até alcançá-la. — A propósito, para onde você está indo? — perguntou, embora nessas alturas já estivesse claro que ela pretendia se aprofundar cada vez mais em suas terras. Outra vez, Duncan se perguntou por que não terminava de uma vez com aquele capricho.

— Que falta de educação a minha em não lhe esclarecer isso — ela começou com sarcasmo. — Peço desculpas por não dizer o que vou fazer, nem de onde venho ou para onde vou.

Seria necessário lembrá-la de que estava em terras MacPherson?, ele pensou.

— Era uma simples pergunta, nada mais — ele replicou, seco. — Mas estou vendo que não está de bom-humor. Portanto, não precisa responder.

— Uma simples pergunta? Sou eu quem vai fazer uma pergunta simples agora: por acaso eu o conheço? — Parou para fitá-lo. — A resposta é mais simples do que a pergunta, pois consiste somente de uma palavra: "não". Portanto, adeus para sempre — finalizou, recomeçando a caminhar.

— Sempre responde às próprias perguntas? — quis saber Duncan, também retomando a marcha. — Creio que tal hábito não leva a conversas interessantes, pois sabe de antemão o que vai dizer.

Sem parar de caminhar, ela virou o rosto e o encarou.

— Escute aqui... Não gosto nem um pouco de você e, mesmo que fosse a única pessoa sobre a Terra além de mim, ainda assim eu o desprezaria. Será que tenho de ser mais clara?

Sem esperar por mais comentários, tornou a caminhar, decidida.

Mas, desta vez, Duncan permaneceu parado. Era melhor deixá-la só por enquanto. Ela parecia necessitar de tempo para se livrar do que quer que fosse que lhe envenenava a alma. Mais tarde, ele poderia tentar uma reaproximação.

Isto é loucura, refletiu Duncan. Ele ainda acompanhava a uma distância suficiente para que ela não percebesse, porém perto o bastante para ela não escapar caso tentasse.

E ela certamente tentaria.

Era uma criatura estranha. Cultivava uma zanga tão grande pelo mundo que esta transparecia em cada palavra que dizia. Mesmo assim, ele intuía que outrora ela fora uma pessoa doce. Sem contar que era dona de uma feminilidade que sua permanente raiva não escondia.

E, mesmo vestida com roupas puídas, era a moça mais linda que ele já tinha visto. Pequena e delicada, com os cabelos vermelhos e sedosos chegando até a cintura. Mesmo manchada de sujeira, a pele da face era perfeita.

Eram os olhos, no entanto, que guardavam a chave de sua alma, demonstrando aquilo que as palavras e ações não diziam. De cor incomum, pareciam ametistas e se ajustavam perfeitamente aos traços suaves do rosto.

Como excelente rastreador que era, ele não havia tido problemas em encontrá-la. E o fato de ela ter parado para dormir também ajudara.

Vê-la deitada sobre a relva o afetara mais do que ele poderia prever. Encolhida para se esquentar, a moça tinha um ar vulnerável que inspirava proteção e carinho. A certa altura, ela pareceu ser vítima de um pesadelo, e por pouco ele não a havia despertado. O que teria ocorrido no passado para amedrontá-la a ponto de ter sonhos tão ruins?

Ao acordar, no entanto, ela voltara a ser a mesma pessoa. O mau humor estampado no rosto, expresso nos lábios contraídos e na testa franzida, atestava a ausência de paz interior. A zanga e raiva, contudo, não escondiam que dentro dela também havia medo.

Erguendo o olhar, Duncan avistou os cumes majestosos das montanhas Grampian. Desde a origem do clã MacPherson, nas Terras Altas da Escócia, seus integrantes viviam próximos do vale Great Glen, à sombra desses picos altos.

Subitamente, um assobio semelhante ao piar de um falcão soou. Aquela era a senha utilizada pelos MacPherson para se comunicarem ao avistar um intruso nas terras do feudo. Ela podia querer se movimentar por ali como bem quisesse, mas não passaria despercebida. Os MacPherson mantinham as terras sob vigilância contínua, tendo espalhado postos de controle por toda a região. Naquela propriedade, os estranhos jamais passavam sem ser notados rapidamente.

Duncan assobiou de volta, usando dois assobios curtos, o que significava que tudo estava bem e era desnecessário tomar uma atitude. Ao agir assim, sabia que os demais fariam perguntas; ele encontraria as respostas mais tarde.

— Que os deuses nos protejam! O filho pródigo está de volta — soou uma voz de repente.

— Maldição, homem! Anuncie sua presença — reclamou Duncan, virando-se para trás.

Era Angus quem se aproximava com seu jeito pesado, o kilt escocês deixando à mostra os enormes músculos das pernas, e trajando uma camisa que não parecia grande o suficiente para conter os braços maciços. A comida farta e rica, assim como as lutas amigáveis que serviam para treinar os guerreiros MacPherson, o haviam transformado no brutamonte que era agora.

— O Duncan MacPherson que conheço jamais necessitaria que alguém anunciasse sua presença, pois seria capaz de notar os movimentos de um rato do campo a metros de distância — replicou Angus. Angus fora o melhor amigo de seu pai e por isso se sentia livre para dizer tudo que lhe passava pela cabeça.

Tendo designado a si próprio como protetor de Duncan, muitas vezes o acompanhava como se fosse uma sombra.

Sem se importar com o comentário debochado, Duncan seguiu caminhando.

— Para onde vai? — inquiriu Angus, não necessitando mais do que dois passos para alcançá-lo. — Se pretende voltar para casa, está tomando o caminho mais longo.

Duncan nem sequer o escutou, pois tinha a mente ocupada com outros assuntos. Após caminhar mais alguns metros, parou atrás de um arbusto espesso e, lentamente, abriu espaço entre as folhas para espiar. Sem querer, refletiu que tal cena se repetia, como se ele fosse um perverso, ocupado em espionar mulheres. Entretanto, a jovem de cabelos vermelhos não era uma mulher qualquer, mas uma leoa enraivecida, que lhe cuspiria no rosto se fosse alta o bastante para tanto.

— Ouvi o sinal de Erik — continuou Angus. — Algo errado?

— Alarme falso — Duncan assegurou distraidamente. Angus franziu o cenho, aproximando-se para afastar as

ramas do arbusto e ver o que o chefe do clã observava.

— Não me parece tão falso — julgou, ao ver Cat pouco adiante. — Quem é a moça?

— Não sei dizer quem é, mas posso dizer quem não é.

— Não é MacDougal nem Gordon.

Duncan não perguntou como Angus sabia daquilo. Afinal, o enorme guerreiro era conhecido pelas faculdades perceptivas, e podia identificar um MacDougal ou Gordon à distância.

— O que não compreendo — continuou Angus, em um tom que prenunciava más notícias — é por que você se esconde atrás de arbustos. O normal seria que tivesse escoltado essa moça para fora de nossas terras. Porém, não o fez, e me pergunto por quê.

— Isso o deixa preocupado?

— Não estou preocupado — assegurou o homem, sincero. — Na verdade, me diverte. Estão brincando de esconder?

Duncan não apreciou escutar outro comentário debochado, mas, como nada disse, Angus prosseguiu:

— Se não o conhecesse, pensaria que tem algo obsceno em mente.

— De onde tirou tal idéia? — perguntou Duncan, sem dissimular a irritação que a conversa fiada do amigo começava a causar.

— Por que não diz de uma vez o que está pensando? O que falei não seria motivo para irritá-lo.

Sem ânimo para seguir com o diálogo, Duncan tornou a criar espaço entre os ramos do arbusto. Maldição! A garota desaparecera!

Sem mais nada dizer, recomeçou a avançar, apressado, como se lidasse com uma questão da maior importância.

Incapaz de prosseguir correndo, Cat curvou o corpo e apoiou as mãos sobre os joelhos. Seus pulmões pareciam a ponto de explodir por causa do esforço. Mas tinha valido a pena, pois conseguira despistar o MacPherson.

Após inspirar profundamente algumas vezes, tornou a se erguer e aguçou os ouvidos tentando identificar algum ruído suspeito. Ouviu apenas o piar de pássaros e as batidas aceleradas do próprio coração. Aliviada, sentou sobre a relva, encostando as costas no tronco de uma árvore. Consequira despistar seu perseguidor!

Um pouco surpresa, admitiu que despistá-lo fora fácil demais. Se não tivesse conseguido, ia terminar tendo de montar uma armadilha para acertar um golpe na cabeça do sujeito e tirar-lhe a consciência. A idéia era atraente, mas ela só o machucaria se não tivesse alternativa. A despeito de tentar convencer o MacPherson do contrário, ela detestava violência. Ser agressiva não ajudava, principalmente em vista do objetivo que se propunha a realizar.

— Olá, moça.

Cat se ergueu em um salto.

— Você outra vez? — Espantou-se ao se deparar com o MacPherson bem à sua frente. Como um homem tão grande podia se aproximar sem fazer ruído?

— Vejo que está contente em me ver — disse Duncan com ar divertido. — Sinto ter demorado, mas tive de parar para fazer minhas necessidades — explicou, divertindo-se ainda mais.

— Ainda bem que você se move devagar, caso contrário eu não a teria alcançado.

— Não seria uma pena se isso houvesse acontecido?

— replicou Cat com sarcasmo, tentando não fixar o olhar no homem. Por Deus, como era lindo! Até agora ela o chamara de "menino bonito" para amofiná-lo, mas ele era de fato muito belo.

Quando seus olhares se encontraram, ela prendeu a respiração. Os olhos do MacPherson tinham um tom azul inigualável, e a maneira como brilhavam era muito... viril.

Duncan tentou se aproximar, e a reação da moça não tardou.

— Mantenha distância! Não estou disposta a suportar outra de suas atitudes inconvenientes.

— Sinto muito, mas não consigo me controlar — ele desafiou com um sorriso, avançando até estarem a centímetros um do outro. Seguro de si, fitou a boca carnuda.

Em uma reação inconsciente, ela passou a língua nos lábios.

— Você me atrai como o pólen das flores atrai as abelhas

— Duncan murmurou. — E me faz ter vontade de provar seu néctar.

Incapaz de controlar as próprias reações, Cat sentiu um arrepio quando ele se aproximou mais. No último momento, no entanto, ela virou o rosto e se afastou. Aquele homem era um capeta para tentá-la dessa maneira! Por um instante, ele a fizera esquecer o objetivo que norteava sua vida agora, e aquilo a incomodou sobremaneira.

Pior ainda, ela quase se esquecera de quem ele era.

Considerou que a sedução do MacPherson era intencional, uma maneira de ele se provar no controle da situação. Sem dúvida, era essa a razão pela qual ainda não a conduzira para o lorde e senhor de seu clã.

Pois bem, Cat refletiu. Sou capaz de jogar o mesmo jogo.

Sustentou o olhar, agora sorrindo. A estratégia deu resultado, pois ele adquiriu um ar de desconforto. Sem deixar de sorrir, ela mirou a face perfeita, o pescoço forte, o peito cujos músculos vigorosos sobressaíam sob a túnica. Sem titubear, seguiu descendo, estudando-o detidamente até os pés.

Segundos passaram sem que nenhum dos dois dissesse nada. Foi Duncan quem rompeu a atmosfera sensual que ela provocava.

— Pare com isso.

— Com o quê? — ela perguntou ingenuamente.

— Pare de me olhar dessa maneira.

— De que maneira?

— Sabe a que me refiro.

— Compreendo. Não é errado você me fixar com desejo, tratar-me como se eu não tivesse nada na cabeça nem sentimentos no coração... Mas eu não posso fazer o mesmo. Tipicamente masculino.

Cat esperava desaparecer de vista caso necessário. Se ao menos tivesse tempo de tirar a saia para correr!

— Não se mova — disse Duncan, como se adivinhasse seus pensamentos.

O tom autoritário produziu nela uma raiva intensa, sentimento que a ajudou a enfrentar a situação.

— Não se atreva a me dizer o que devo ou não fazer! Sou dona de mim — assegurou, afastando-se para provar o que dizia.

— Pare! — ele exclamou antes de segurá-la. Ao esquivar-se com um passo para trás, as costas de Cat se chocaram contra uma árvore, e Duncan se colocou à frente dela, barrando-lhe o caminho.

De súbito, ela começou a tremer, descontrolada, e seus olhos cor de ametista se encheram de lágrimas. Surpreso, Duncan a observou por alguns instantes, então, num impulso, ele a abraçou e a fez recostar a cabeça em seu peito.

Cat suspirou. A razão lhe dizia que deveria resistir, mas seu corpo agia contrariamente. Cerrando os olhos, cruzou os braços por trás da cintura larga e repousou sobre seu peito forte. O calor dele a envolveu.

Ele a puxou ainda mais de encontro a si, e ela exalou o ar, abandonando-se ao sentimento de proteção. O cheiro dele inundou-lhe as narinas, um aroma másculo misturado a um perfume de almíscar, terra, couro e ervas silvestres que cresciam nas montanhas. Ele era as Terras Altas.

Sem pensar, Cat se aconchegou ainda mais, entregando-se ao contato. Seria impossível fazer outra coisa. Tão impossível como ordenar ao sol que parasse de brilhar ou exigir que a lua não se erguesse no céu.

— Conte-me o que a aflige — ele pediu suavemente. — Poderei ajudá-la, se me permitir.

Ao ouvir aquilo ela enrijeceu. Mesmo que uma estranha força a impelisse na direção daquele homem, ele era e sempre seria um MacPherson.

Cat se afastou, notando que ele a fitava com um brilho estranho nos olhos.

— Não quero nada de você — disse, quase em um sussurro.

— Eu poderia obrigá-la a me contar o que pretende.

— Sim, poderia. Mas fará isso?

Ao vê-lo cerrar a mandíbula, ela teve de resistir ao impulso de roçar os dedos no contorno da boca bem-feita para fazê-la recuperar sua expressão suave.

— O que quer que eu faça? — ele continuou. — Que ignore seus objetivos ao invadir a propriedade? Está se esquecendo de que há outros, por aqui, que já sabem de sua presença. Conte-me o que pretende. Sou um homem justo.

Cat comprimiu os lábios. Invadira as terras, e ele não tomava nenhuma atitude. Insultava-o, e ele nada fazia. Por quê? Que tipo de MacPherson era aquele? Ela já o ofendera mais do que qualquer homem suportaria. E ele já devia tê-la levado ao senhor daqueles domínios.

Pelo visto, teria de ser mais contundente e inventar novas táticas.

— Oh, meu Deus! — gritou de repente. — Atrás de você! O guerreiro reagiu tal como ela esperava: virou-se de

pronto. Sem titubear, Cat apanhou uma pedra do chão e o golpeou na cabeça com toda a força.

Sem se voltar, ele permaneceu imóvel... e não caiu.

Sentindo o sangue congelar nas veias, Cat percebeu que não seria fácil derrubar um gigante como ele. Perturbada, viu o sangue fluir abundantemente do corte profundo que lhe causara na cabeça. Após um instante, ele tombou pesadamente sobre o solo.

O sentimento de culpa ao ver o enorme corpo caído a surpreendeu. Dizendo a si mesma que não deveria se importar, ajoelhou-se e pressionou o dedo contra a garganta do MacPherson. Aliviada, confirmou que não o matara.

Embora soubesse que necessitava se apressar, rasgou uma tira da saia e a comprimiu contra o ferimento. Depois, ajeitou a cabeça do guerreiro contra o solo, de maneira a comprimir o tecido para estancar o sangue.

— Por que não se comportou como qualquer outro e me levou para seu senhor? — perguntou ao corpo inconsciente. — Se o tivesse feito, eu poderia ter matado o chefe do seu clã e minha missão estaria cumprida.

Ergueu-se e ainda o fitou um instante antes de desaparecer entre a vegetação da floresta.

Duncan despertou gemendo, a cabeça doendo terrivelmente. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que achava ótimo Angus não estar presente para testemunhar sua situação humilhante, o senhor do clã MacPherson caído no chão e sujo de terra.

Tocou a região perto da nuca, de onde provinha a dor. Estava úmida e pegajosa. Sangue. Mas havia algo mais... Ao retirá-la para ver o que era, notou, surpreso, que se tratava de uma tira do tecido da saia da mulher misteriosa. Ela o golpeara e o socorrera em seguida!

Duncan teria se sensibilizado se não estivesse furioso. Era assim que ela o agradecia por perdoar sua invasão?

Irado, preparou-se para ir atrás dela. Já a encontrara uma vez e seria capaz de fazê-lo novamente.

Por onde deveria prosseguir? Cat se indagava ao avançar pela floresta, tentando esquecer o irritante MacPherson que deixara desacordado.

Ou talvez morto, pensou com um calafrio.

Não, ele não havia morrido. Sua cabeça era dura o suficiente para agüentar o golpe.

E, mesmo que houvesse morrido, não faria diferença, procurou se assegurar.

Entretanto, era impossível negar o desconforto que sentia. Nunca matara ninguém. A despeito de toda a violência ao seu redor, jamais tomara uma atitude violenta contra quem quer que fosse.

Exceto contra o odioso MacPherson, naturalmente. Nesse caso, no entanto, não tivera alternativa.

Cat suspirou. Acreditava ser forte o suficiente para seguir adiante. Mesmo assim, agora que se encontrava nos domínios dos MacPherson, já não estava tão certa disso. Tinha consciência de que os membros daquele clã eram seres sem coração, que seriam capazes de matar quem invadisse suas terras. Com o aumento das lutas entre os feudos, invadir propriedades alheias era uma ofensa grave. Todavia, ela acreditava que seria mais fácil para uma mulher atingir Skye Castle, a fortaleza dos MacPherson. Uma vez lá, poderia fazer o que tinha jurado.

Fora um erro revelar ao guerreiro o ódio que nutria pelos MacPherson. Por que não se mantivera dentro do plano original, fingindo ser uma alma perdida que necessitava da companhia de outros seres humanos? Era o disfarce perfeito, que garantiria uma chance maior de atingir seu objetivo. Por que se deixara dominar pelas emoções?

Porque fingir ser um carneirinho indefeso à mercê do lobo não era seu estilo, disse para si.

E também porque a dor dentro dela era recente... e profunda.

O MacPherson a pegara desprevenida. Ela sabia que ia ser descoberta ao adentrar aquelas terras, mas não acreditava que acontecesse tão rapidamente. Aproximara-se do feudo margeando as fronteiras com as terras dos Gordon, pois acreditava ser essa a melhor opção para retardar o momento em que a descobririam. Não caminhara dez minutos quando o guerreiro tinha aparecido. Era como se aquela gente possuísse o olfato de cães de caça!

Devia ter adivinhado ao encontrar o cavalo vagando solto, mas acreditara que o animal fugira e estava sozinho.

Com a guerra entre os feudos, era comum encontrar cavalos sem dono vagando pelas montanhas e florestas. Conhecendo melhor que ninguém a sensação de estar sozinha e perdida, ela parará para conversar com o garanhão.

E então o MacPherson tinha surgido. Alto e arrogante, ele a fitara, todo seguro de si. Desde o início, ele lhe atazanara e dificultara a vida. Porém também a surpreendera, pois não a ameaçara nem havia tentado tirar proveito da situação.

Provavelmente não me viu como ameaça, considerou. Era a única explicação plausível. Uma moça não deveria representar perigo para um poderoso MacPherson.

Mas ela o atacara com sucesso mais de uma vez e conseguira escapar, pensou, satisfeita.

Mesmo assim, ter revelado o ódio que sentia por aquele clã poderia arruinar tudo. O bom senso lhe abandonara ao avistar o guerreiro trajando as cores dos MacPherson. O vermelho profundo do xadrez da saia que ele usava havia trazido à tona memórias de dor e angústia. Memórias ainda tão vividas... Tentou desviar da mente as imagens da mãe e do pai sendo mortos como animais, mas não era fácil afastar as terríveis lembranças. Ainda ouvia os gritos da mãe. Jamais esqueceria os gritos de dor e terror.

Embora a besta humana que os atacara estivesse encapuzada, ela vira seus olhos pelos buracos da máscara quando ele a agarrara pelos cabelos.

O final ainda não havia caído sobre si. Ela fora poupada... e condenada ao mesmo tempo.

Cansada, e se sentindo muito mais velha do que seus dezessete anos, Cat sentou-se na relva e se recostou contra uma pequena rocha. Necessitava de tempo para pensar. Precisava de um novo plano, mas nada lhe ocorria. Contrariada, viu que não tinha alternativa senão voltar e dizer ao tio que havia fracassado.

Entretanto, ainda era possível que outra sentine-la MacPherson a encontrasse e fizesse o que ela receava. Dificilmente outro guerreiro se comportaria como aquele do qual ela conseguira escapar. Talvez fosse melhor partir das terras dos MacPherson antes de ele achá-la outra vez. Mesmo porque se ele a encontrasse, temia tomar uma atitude extrema.

Suspirando, Cat se ergueu, recolheu a trouxa com as poucas roupas que restavam e a atirou sobre o ombro. Tio Malcolm devia estar preocupado àquela altura. Mas talvez, não. A despeito de ser um parente próximo, não era como seu pai. Na verdade, os dois eram completamente diferentes.

Com tristeza, Cat se lembrou dos dias anteriores à morte do pai, quando mais uma vez ele tentara de tudo para estabelecer a paz com os MacPherson. Houvera um tempo em que os clãs viviam em harmonia, contudo ela não conhecera tais dias. Era nova demais para se lembrar, mas acreditara no pai e no que ele buscava conseguir.

No entanto, as mesmas pessoas com as quais ele almejava viver em paz o haviam assassinado a sangue-frio.

Com um suspiro resignado, Cat imaginou o desprazer na voz do tio quando se reunissem. Embora jamais tivesse dito, ela sabia que ele a considerava fraca. E a fraqueza era algo que ela não conseguia aceitar.

Avançara poucos metros quando uma mão vinda por trás cobriu-lhe a boca, e o familiar aroma de almíscar assaltou seus sentidos.

— Indo a algum lugar? — perguntou o MacPherson. Ela entrou em pânico. Será que ele a mataria agora?

Após o golpe que ela lhe desferira na cabeça, mais do que nunca ele teria motivo para isso.

Imagens de morte, sangue e caos assomaram-lhe à mente. Seu pai lutara com valentia ao tentar vencer a besta e até lhe acertara um golpe no estômago. Mas fora essa sua única vitória antes que dois outros homens o imobilizassem, transformando-o em um alvo fácil para o selvagem. Um deles colocara a mão sobre sua boca, como MacPherson fazia agora com ela.

— Você é escorregadia, moça — disse ele, bufando em sua nuca enquanto falava. — Mas não vai me ludibriar outra vez.

Por Deus! Ele iria matá-la!, concluiu Cat.

A mão poderosa impediu seu grito. Com a força e determinação que só o instinto de sobrevivência pode gerar, Cat tentou freneticamente acertá-lo com os braços e com os pés, mas nada foi suficiente para libertá-la.

— Acalme-se, moça!

Ela, entretanto, sucumbia novamente às terríveis lembranças do violento ataque aos pais. Um ódio profundo ressurgiu, dando-lhe força sobre-humana. Sua dor necessitava de escape, e o homem que a aprisionava conheceria sua fúria.

Com um movimento brusco, conseguiu se desvencilhar e virou-se para fitá-lo. Mas não viu o homem perplexo, com um filete de sangue coagulando no pescoço. Tudo que via eram as imagens do pesadelo que a acometia incessantemente.

Desferiu um golpe, e ele se desviou.

— Não me dominará! — ela gritou, transtornada. — Volte para o inferno, ser maldito!

Ele a tinha soltado, e Cat fugiu na mais desabalada carreira. Fugiu do MacPherson, fugiu do pesadelo, na esperança de escapar desta vez. Correu sem rumo definido entre arbustos e rochas. O terreno era pedregoso, o solo cheio de buracos, mas ela não via nada disso, pois o terror a cegava.

Rogou a Deus para conseguir escapar do demônio que a seguia tão de perto, mas os pulmões já começavam a doer por causa do esforço.

De repente, Cat sentiu que despencava no ar. Abriu os braços, tentando se agarrar em algo, mas não encontrou ponto de apoio. Por fim, sentiu o corpo se chocar contra o solo e, no momento seguinte, uma escuridão a engolfou.

Cat perdeu a consciência do passar do tempo. Ao abrir os olhos, necessitou de vários instantes para ajustar a visão. Uma dor intensa na cabeça a afligia.

Perguntou-se o que teria acontecido com o sol, pois algo parecia encobri-lo. Lentamente, uma forma começou a tomar corpo.

Era a figura do MacPherson, mais gigantesca que nunca.

Uma onda de pânico a perpassou. Chegara seu fim? Seria enterrada em uma cova anônima, no meio da floresta do inimigo?

Tentou se erguer, mas a cabeça pesava como se estivesse recheada de chumbo.

Ele a tocou no ombro, forçando-a a se deitar.

— Não se mova.

Cat tentou novamente fixar a vista. O guerreiro estava agachado diante dela, o corpo largo bloqueando os raios de sol que atravessavam a copa das árvores. Uma aura luminosa delineava a silhueta do MacPherson, fazendo-o parecer ainda maior e criando linhas de fogo entre os cabelos que lhe chegavam aos ombros. Os olhos de um azul profundo a fitavam.

— Deixei claro que não vou machucá-la, mas foge de mim da mesma maneira. Ataca-me como se eu merecesse ser punido.

— E merece — disse Cat, descobrindo que falar demandava esforço e aumentava a dor na cabeça.

— Está testando os limites da minha paciência — ele replicou, tocando gentilmente um ponto dolorido na testa dela.

— Não me toque! — ela reagiu, erguendo o braço com dificuldade para afastá-lo.

Ele meneou a cabeça, fazendo ondular os cabelos sedosos.

— Sempre foi assim tão sensível? Pensei que a pancada na cabeça a tivesse feito recuperar o bom senso.

— E eu esperava que o golpe que lhe acertei o nocauteasse por um tempo razoável. Mas vejo que tem a cabeça mais dura que casco de cavalo. Da próxima vez, escolherei uma pedra maior.

— Não haverá próxima vez, moça. E melhor desistir.

Cat mordeu o lábio para se impedir de continuar falando. Se mantivesse silêncio, talvez pudesse retomar o plano original, ou ao menos parte dele. O pensamento era razoável, mas a tênue esperança se dissipou ante a determinação estampada na face do MacPherson.

— Não aceitarei ordens de alguém como você — ela alertou, teimosa.

Ele balançou a cabeça, como se não soubesse mais o que falar para acalmá-la.

— Recolha as garras — disse, sentando-se. — Quem sabe podemos entrar em um acordo?

— Não faço acordos com o diabo.

— Não sou o diabo, moça — ele garantiu com um sorriso condescendente. — Sou simplesmente um homem. — Em um gesto inesperado, pegou a mão dela e a encostou sobre o coração. — Está vendo? Sou de carne e osso como você.

Cat fitou os olhos azuis e, por um instante, a raiva cedeu. Ao tomar consciência de que sua mão ainda repousava sobre o peito dele, puxou o braço.

Agora tinha certeza de que se tratava de um ser demoníaco, pois só a encarnação de Satã conseguiria tentá-la assim.

— Deixe-me só, MacPherson.

— Pode me chamar de Duncan.

— Prefiro chamá-lo por seu nome verdadeiro: Lúcifer! Ela lutou para se levantar e conseguiu. O movimento,

contudo, aumentou a dor na cabeça e a fez ficar tonta, turvando-lhe novamente a visão. Cat cerrou os olhos, implorando a Deus para lhe dar força... mas ela não veio.

— Por que é tão teimosa? Está machucada.

— Não! — ela gritou quando ele estendeu os braços para ampará-la.

— Deixe-me ajudá-la, moça — insistiu Duncan, segurando-a pelos braços.

— Não quero sua ajuda! — Cat exclamou, afastando-se. Mas, ao dar um passo, ficou novamente tonta e quase caiu.

Duncan se aproximou em uma fração de segundo e a ergueu nos braços.

— Solte-me! — exigiu. Céus... Por que sua cabeça dói tanto?

— De uma vez por todas, pare com isso! — ele ralhou, começando a caminhar.

— Tenho de ir embora — ela insistiu, notando a garganta e a boca secas como areia do deserto. — Ponha-me no chão. Não posso mais ficar aqui.

Ele nada respondeu. Somente a puxou ainda mais de encontro a si.

Exausta, Cat repousou sobre o peito forte e tornou a escutar as batidas do coração do guerreiro. Preciso dormir, pensou. Cerrou os olhos, mas o guerreiro a sacudiu.

— O que foi?! — ela indagou, tentando abrir as pálpebras pesadas.

— Não deve dormir agora.

— Já disse que não aceito suas ordens, MacPherson! Farei o que tenho vontade.

— Você é uma contradição permanente, moça. Primeiro diz que não quer que eu a toque; mas, agora que a estou tocando, não parece se importar. Resolva de uma vez: você me odeia ou não?

— Eu o desprezo — ela disse raivosa, fazendo-o rir.

O guerreiro seguiu caminhando e, incomodada, Cat notou ter consciência de cada músculo que se movia naquele corpo másculo. Os braços que a carregavam seriam capazes de partir um homem ao meio, mas a conduziam com suavidade. Se todos os MacPherson fossem como ele, estava explicado por que eram o povo mais forte das Terras Altas.

— Você me despreza? — ele perguntou com ar pensativo. — O desprezo está ao mesmo nível do ódio ou é mais intenso? Só pergunto por querer saber onde me situo em relação a seus sentimentos.

Ele não a fitava, mas pelo tom de voz, Cat sabia que devia estar se divertindo. Ao mirar o rosto de traços marcantes, desejou ter punhos de aço para poder acertá-lo como merecia.

— Está bem, MacPherson, vou explicar: eu o desprezo e odeio. Isso responde à sua pergunta?

Ele a fitou com expressão tão séria que ela se retesou. Talvez houvesse ido longe demais.

Receosa, Cat ergueu o queixo. Ela não morreria como uma covarde.

A expressão dele se tornou mais suave, entretanto, e um sorriso brincou nos lábios bem-feitos.

— Minha questão está respondida — ele afirmou com voz neutra. — Agora só me resta uma alternativa.

Por Deus, pensou Cat. Ele vai me matar sorrindo! Por que ela não aprendia a manter a boca fechada?

— Qual sua alternativa, MacPherson? — indagou, corajosa. Os olhos azuis a fitaram como se entrassem em sua alma.

— Fazê-la mudar de opinião.

Duncan caminhou com a garota nos braços por um longo tempo, divertindo-se ao ver a expressão em sua face. Ela não revelava quem era nem o que queria, mas, a despeito das aparências, algo lhe dizia que ela não conseguia odiá-lo tanto assim. Agora estava decidido a

descobrir o que causara aquela raiva perene que ela carregava dentro de si e que chegava a lhe transbordar pelos olhos. O que teria acontecido em sua vida?

Ele nada sabia a seu respeito, e obviamente era assim que ela desejava manter as coisas. Talvez pertencesse a outro clã com o qual os MacPherson estavam em luta. Era a única resposta plausível. Ela não dissera a qual grupo pertencia, embora não parecesse ter travas na língua. Era uma guerreira à sua própria maneira, convicta das próprias opiniões.

Por um momento, Duncan se perguntou como seria estar unido a uma mulher que lutava com tanta determinação por alguém de quem gostasse. O homem que capturasse seu coração seria dono de um tesouro.

Será que ela detestava também outros clãs, ou somente os MacPherson? Dava a impressão de estar de mal com o mundo, portanto, era difícil dizer se odiava somente o povo que ele liderava.

Pensou nos clãs com os quais estavam em luta: Gordon na fronteira leste, MacDougal na fronteira oeste. Skye Castle, a fortaleza dos MacPherson, localizava-se exatamente no meio.

Subitamente, refletiu que ela estava silenciosa fazia muito tempo. Na verdade, era como se estivesse morta em seus braços.

Uma onda de pânico o atingiu. Inclinando o rosto para fitá-la, percebeu, aliviado, que a desconhecida tinha os olhos abertos e o contemplava!

Ao notar que estava sendo observada, ela falou, nervosa:

— Jamais simpatizarei com você, MacPherson. Portanto, não tenha esperanças de nos tornarmos amigos.

— Pois creio que já simpatiza.

— É muito convencido! Ou então, a pancada que lhe dei na cabeça afetou seus miolos.

— Foi apenas mais uma demonstração de carinho.

— O que o atrai é o desafio de dobrar minha vontade, não é? — ela afirmou com segurança.

— Sou um homem que aprecia desafios, moça.

— E que deseja provar que é mais forte que os outros.

— Não é verdade.

Duncan gostaria de dizer que o desejo que sentia era de natureza diferente, e que tinha dificuldade em pensar com clareza quando ela estava a seu lado. Entretanto, dizer isso, provavelmente a amedrontaria e dificultaria mais as coisas.

— Sinto desapontá-la, mas minha vida não se guia pela vontade de guerrear ou ser mais forte que os outros... E ainda que tenha vontade de conversar mais com você sobre esse assunto — prosseguiu, apressado, antes que ela retrucasse —, não é o momento nem o local apropriado para isso. Mas tenha a certeza: a fome pelo poder não rege minha vida.

— Não consigo compreender quem você é — ela confessou após alguns momentos de reflexão.

— Não me causa estranheza — retrucou Duncan. — Também não consigo compreender a mim mesmo.

CAPÍTULO II

Desejo. A palavra não saía da mente de Duncan enquanto carregava a mulher de cabelos de fogo nos braços. Será que o desejo o motivava? Ela o sensibilizava, mas ele tinha certeza de que não era isso...

Ou quase. Ela invadira seu feudo e insistira em causar problemas. Por isso era necessário vigiá-la.

— Finalmente o encontrei! — exclamou Angus, aparecendo de repente, a voz grossa como canhão rompendo o silêncio. — Obrigado por me avisar quando vai embora... Está conversando comigo, e um segundo depois desaparece... — Franziu a testa ao ver a mulher nos braços dele. — Há outras assim despencando das árvores? Se houver, também quero uma — declarou, divertido.

— Outro maldito MacPherson — murmurou Cat.

— O que ela disse?

— Que você é um tolo — explicou Duncan sem parar de caminhar.

— Uma moça de espírito forte. Justamente o tipo que aprecio.

Ao vê-la abrir a boca para fazer outro comentário ácido, Duncan a apoiou no joelho e tampou-lhe a boca. Obviamente, ela não gostou de ser calada dessa forma e falou da mesma maneira. Abafadas, as palavras se transformaram em um murmúrio ininteligível. Irada, ela mordeu o dedo dele com raiva.

— Maldição, mulher! — ele praguejou, notando o corte por onde já saía sangue. Entretanto, preferiu calar ao notar que Angus observava a cena com interesse.

— Se tornar a me calar assim vai perder um dedo! — ameaçou Cat.

— Estou tentando protegê-la, sua selvagem. Pelo amor de Deus, guarde suas opiniões para si ou não posso garantir que mantereis o clã afastado até você sarar!

— Por que faria isso?

— E por que não faria? — contra-argumentou Duncan. — Independentemente do que pensa, não somos monstros.

— Do que estão falando? — interveio Angus, fazendo Duncan se voltar para ele com um suspiro.

— Por que está me seguindo, Angus?

— Pelo visto está com o pavio curto, hoje. — O homem apressou o passo até alcançá-lo.

— Quem é a moça? E por que está ferida na testa? Bateu nela?

— Como se esse tolo fosse capaz de me ferir — ironizou Cat.

— Não bati nela — explicou Duncan, impaciente. — Embora eu ainda possa fazê-lo em breve — acrescentou, na esperança de ela entender que era melhor se manter calada.

Ela, no entanto, reagiu mostrando a língua em um gesto de escárnio.

O gesto não o irritou. Ao contrário, fez com que ele desejasse beijar sua boca.

Essa mulher abala meus sentidos, pensou, decidido a controlar as próprias reações.

— Quem é ela? — insistiu Angus que, outra vez, ficara para trás.

— Por que não pergunta para mim? — Cat o desafiou.

— Pensei que não queria falar comigo... Mudou de idéia? Duncan suspirou. Obviamente, ela não iria perder a

oportunidade de insultar um MacPherson, refletiu, pensando que teria de descobrir uma maneira de impedi-la de continuar com os comentários venenosos. Embora fosse o senhor do clã, sua autoridade seria posta à prova caso tivesse de se opor a um grupo de orgulhosos MacPherson desejando decepar a cabeça da jovem.

— Para onde a está levando? — Agora Angus se dirigia a ele.

— Para casa.

— Para sua casa? — Espantou-se o homem, detendo-o pelo ombro. — Não pode estar falando sério! Como pode pensar em levá-la para Skye Castle?

Sabendo que Angus não o deixaria em paz, Duncan depositou Cat com cuidado sobre a relva. Ela o fitou com o costumeiro ar de desafio, porém ainda estava zozona por causa da queda e não teve como reagir.

— Não se mova — ele avisou. — Se me obrigar a ir atrás de você, vai arcar com as consequências.

Cat comprimiu os lábios, mas obedeceu.

— Siga-me — pediu a Angus, conduzindo o amigo para longe, até ter certeza de que ela não poderia ouvi-los. — Diga de uma vez o que lhe passa pela cabeça.

— O que você pretende, afinal? — perguntou Angus sem hesitar.

— Ela está machucada.

— Você não é médico. Não está em condições de cuidar da saúde da moça. E não adianta dizer que é capaz de dar a ela o que ela necessita, pois não vai fazê-la sarar com sorrisos — finalizou o homem, fazendo Duncan fechar a carranca.

— Não é o que tenho em mente.

— Não pode tomar para si a responsabilidade de cuidar de todos os feridos que aparecerem por aqui.

— Você teria deixado a pobre morrer, imagino.

— Eu não seria capaz disso — refutou Angus. — Mas estou ficando preocupado com esse seu hábito de cuidar de seres desamparados e perdidos.

— Está dando mais importância a isso do que o necessário.

— Tem certeza? A moça é desconhecida. Esqueceu que os clãs estão em guerra?

— Naturalmente que não. Não sei a qual clã ela pertence, mas está ferida e necessita ser cuidada.

— E se for leal aos Gordon? Talvez tenha sido enviada para nos espionar.

— Não se preocupe, eu tenho um plano.

— Um plano — replicou Angus com ironia. — Estamos em conflito com os Gordon desde que me conheço por gente. Deveria mais era mostrar a eles, de uma vez por todas, que não têm o direito de roubar o que pertence aos MacPherson!

— Concentrar nossos esforços nos Gordon nos tornaria vulneráveis aos MacDougal. Temos de estabelecer alianças para nos fortalecer.

— Tanto os Gordon quanto os MacDougal são covardes. Podem nos atacar se quiserem, pois serão derrotados.

Duncan era grato por Angus pertencer ao clã MacPherson. Era um guerreiro valente, e os anos de batalha só aumentaram sua bravura. Entretanto, Angus não temperava a força e a coragem com bom senso, e isso era perigoso.

— Este não é o momento nem o local apropriado para discutirmos tal assunto.

Contrariado, o outro homem refreou os impulsos e mudou de conversa.

— Conte-me sobre a moça. O que ela faz em nossas terras?

— Não tenho certeza. Mas sei que é uma ameaça para si própria e pode ser para outros também. Por isso resolvi vigiá-la.

— Qual a dimensão dessa ameaça?

— Não sei — ele admitiu. — Talvez esteja meio desequilibrada ou enraivecida.

— Enraivecida com os MacPherson, claro. Ela nos odeia. Pensa que não notei? Tem a língua afiada e venenosa como a de uma víbora. Se a trouxer para Skye Castle, cabeças vão rolar. E não sei se será as de sua gente ou da nossa.

— Ninguém vai tocá-la.

— Não é isso o que me preocupa. Receio que ela possa criar problemas com as coisas que diz.

— Quem disse que ela vai falar com outras pessoas além de mim? — questionou Duncan, e Angus o fitou, desconfiado.

— Vai cuidar dela pessoalmente? Deveria trancá-la em um quarto, isso sim.

— Como sabe que não é o que tenho em mente?

— Eu o conheço, Duncan. É feroz como um leão ao lutar com outros homens, mas suave como uma flor ao lidar com as mulheres. Duncan soltou uma gargalhada.

— Nunca ouvi ninguém dizer isso a meu respeito.

— E a pura verdade. É gentil demais até com as bruxas. Deveria tratá-las com a mesma firmeza com que lida com guerreiros. Quando querem, elas usam poderes mágicos para cativar e prender os homens, sabia? Escute o que digo, pois conheço o assunto.

— Então já foi enfeitiçado? Eu pensava que era um bruto que causava medo às mulheres — replicou Duncan, divertido.

— Ria o quanto quisesse. Estou falando a verdade. Deveria me levar a sério em vez de se divertir com o que digo.

— Vou considerar seu conselho — ele concedeu, esforçando-se para demonstrar seriedade.

— Quem cuidará da saúde da moça? — quis saber Angus, parecendo se resignar à decisão de seu senhor. — Suas habilidades de médico são nulas.

— Isso não será problema. Qualquer mulher no feudo tem habilidades melhores do que as minhas.

Cat gemeu, as têmporas latejando. Rastejava de joelhos com pedregulhos e gravetos ferindo-lhe as palmas das mãos. Sua cabeça pesava e ela via tudo em dobro, mas tinha de escapar. Seu plano estava arruinado. No estado em que se encontrava, seria incapaz de vencer Duncan MacPherson, porém não entregaria a ele o controle da situação.

No momento, era necessário recuar. Seu cérebro não queria funcionar, no entanto. Ou ao menos a parte que comandava o bom senso. Caso contrário teria concluído que não conseguiria ir muito longe se arrastando pelo solo.

— Pelo amor de Maria... — murmurou ao bater de encontro a algo sólido, ao mesmo tempo em que tentava afastar a cortina de cabelos sobre os olhos. Meu Senhor, me ajude!, rogou em pensamento. Só Deus poderia conduzi-la por aquelas paragens. Imploro que conduza esta serva a uma caverna que me proteja, até eu recuperar as forças! Ficarei grata para sempre, e honrarei seu nome todos os dias em agradecimento.

Desviou para a direita, tentando evitar o obstáculo que a impedia prosseguir. Todavia o caminho permanecia obstruído. Por entre os cabelos vermelhos, distinguiu uma forma difusa. Um tronco de árvore? Ergueu a mão com esforço, tocou o que a impedia de seguir, e sentiu o que parecia a perna peluda de um homem. Estreitando a visão, reconheceu o contorno de duas botas de couro.

— Pretende ir a algum lugar, moça? — soou uma voz familiar, fazendo Cat gemer novamente.

Com dificuldade, ela sentou no solo e olhou para cima. MacPherson parecia a torre de uma fortaleza... E não exibía uma expressão amigável.

— Jesus, tenha misericórdia... — murmurou consigo.

— Não sei se Jesus ajuda moças teimosas, que insistem em escapar quando estão feridas.

O movimento que ela fez para se sentar produziu mais tontura e mal-estar. Em vez de ver dois MacPherson, agora via quatro! Quatro imagens do enorme guerreiro de olhos azuis.

Subitamente, o mundo começou a girar. E Cat mergulhou na mais completa escuridão.

Duncan a amparou antes que ela caísse.

— Você não tem jeito — resmungou, enquanto se inclinava para erguê-la nos braços. Desmaiada, ela tinha a cabeça tombada para trás.

Ao ver seu estado, Duncan concluiu que era necessário atingir Skye Castle o mais rápido possível. Não tinha idéia do que iria dizer à desconhecida quando ela recobrasse os sentidos. Provavelmente ela atacaria primeiro e faria perguntas depois. Mas, quando chegasse o momento, ele decidiria como agir.

Felizmente não estavam distantes do castelo. Em breve deixariam a floresta para trás e atingiriam as muralhas da fortaleza.

Quando Duncan soltou um assobio longo e agudo, a ponte levadiça sobre o fosso foi baixada. Não demorou a ultrapassar o enorme portão de madeira maciça carregando a jovem desmaiada.

Iluminadas pela luz do crepúsculo, as torres de Skye Castle tinham um tom quase cor-de-rosa, acentuando a beleza do castelo incrustado sobre os rochedos no topo de um monte, em frente ao mar do Norte. Dornoch Firth localizava-se à esquerda, e Moray Firth à direita, dois vilarejos de pescadores. Um rebanho de gado de pelo espesso, típico das Terras Altas, pastava calmamente nos campos, em frente ao mar. Sobre as rochas na beira da praia descansava uma colônia de leões-marinhos.

Construída séculos atrás, a fortaleza fazia parte da história da Escócia. Sua localização era excelente, pois era fácil avistar inimigos se aproximando por terra ou por mar. Fora construída pelos vikings, de quem os MacPherson afirmavam descender, e Duncan sabia que não existia outro lugar tão mágico e especial em todo o território escocês.

Ian, a sentinela que montava guarda na torre, ao lado do pórtico de entrada, o saudou com um grito de boas-vindas. Não havia muita gente no pátio defronte à porta principal do castelo, mas quem estava ali parou para fitar o senhor dos MacPherson carregando uma jovem desacordada.

Duncan sabia que fariam perguntas. Ele ainda não tinha certeza de como explicaria por que a tinha trazido, mas encontraria algo para dizer.

Ao adentrar o amplo salão principal com teto de abóbada, passou pelas armaduras dispostas ao longo das paredes de pedra. As relíquias não eram mais usadas para lutar, e se encontravam ali como testemunhas de batalhas passadas. Ainda carregando a moça, dirigiu-se à escada em espiral que levava aos quartos do andar superior.

Gostaria de despertá-la para se certificar de que estava bem. Vira muitos guerreiros feridos fecharem os olhos para não mais tornarem a abri-los. Muitos não morriam, tampouco permaneciam vivos.

Não acreditava que a pancada na cabeça houvesse sido forte a ponto de colocá-la em risco mas, não obstante, era necessário que fosse cuidada.

Adentrou o quarto com a grande lareira de pedra. Após colocá-la na cama com cuidado, ele a fitou. Os longos cabelos se espalhavam pelo travesseiro como um rio de fogo, quase como lava de vulcão.

Ele jamais vira cabelos de cor tão forte. Em um impulso, estendeu a mão para tocar um dos cachos, mas, nesse momento ouviu alguém entrar. Fez meia-volta e se deparou com Angus.

Sem titubear, o gigante guerreiro se aproximou.

— Problemas — avisou com ar contrafeito.

— O que aconteceu?

— Problemas é o que esta moça vai nos trazer. Já falei que pode ser uma espiã enviada pelos Gordon ou pelos MacDougal.

— Você mesmo disse que ela não era MacDougal nem Gordon.

— Talvez tenha me enganado.

— Nunca se engana nesses assuntos.

— Não sabe o que ela veio fazer aqui. Ao mesmo tempo, crê que ela não é MacDougal ou Gordon — continuou Angus, inconformado. — Como adquiriu essa certeza?

— Ela me contou.

— Ah, claro. Já posso dormir descansado — ironizou o homem.

— Se a houvesse escutado também estaria convencido.

— Ela contou a história da própria vida, não foi? Teve tempo para fazê-lo antes de cair inconsciente.

— Contou o suficiente.

Angus cocou o queixo num gesto nervoso, antes de dizer que iria chamar Jock para montar guarda à porta. Em seguida, saiu pisando duro.

Duncan sorriu da preocupação do amigo guerreiro. Chamar Jock era uma precaução extremada. Jock era o maior homem do clã, um bruto de coxas tão grossas quanto o tronco de uma castanheira. As roupas que usava tinham de ser feitas sob encomenda, pois as de tamanho normal não lhe serviam. Era calado e só falava quando obrigado. Mas o ar ameaçador que ostentava se diluía na gentileza com que tratava as crianças e gatos do castelo.

Duncan retornou a atenção para a mulher que invadira as terras MacPherson. Fitando-a longamente, sentiu que ela despertava algo dentro dele.

Lembrando que ainda nem sabia seu nome, resolveu que perguntaria assim que ela despertasse. Será que as suspeitas de Angus eram fundadas? Realmente não sabia nada a respeito dela, embora visse que a raiva que ela sentia era verdadeira e profunda, tanto quanto a dor que trazia estampada nos olhos. Quem seria ela?

Duncan se esforçava para conhecer todos os inimigos dos MacPherson, porém os Gordon e os MacDougal eram clãs populosos. Ambos os grupos possuíam traços físicos característicos, ajudando a identificar quem deles fazia parte. A moça não ostentava nenhum traço que sugerisse pertencer a um ou outro povo.

Enquanto aguardava a presença de uma das mulheres responsáveis pela saúde dos que habitavam o feudo, Duncan fitou o rosto adormecido. Dormindo, ela parecia um anjo, pois tinha a face relaxada, sem as marcas de tensão e raiva que exibia quando desperta. A expressão calma ressaltava seus lindos traços e a perfeição do contorno dos lábios.

De repente, ele se indagou se ela gostava de alguém. Se gostava, como trataria tal pessoa? Será que a brindaria com sorrisos e palavras doces? Ele, sem dúvida, apreciaria ser presenteado com ao menos um sorriso.

Ao passar sob o arco que dava entrada ao salão de reuniões, Duncan mirou os quatro homens sentados ao redor da mesa. A raiva que sentiam era palpável.

Dirigindo-se para a cabeceira, ele se perguntou como receberiam sua idéia para resolver o problema com os Gordon. Quer gostassem ou não, ela seria levada adiante.

Erik, seu irmão mais novo, ergueu-se da cadeira que ocupava ao vê-lo entrar.

— Ouvi dizer que teve uma aventura resgatando uma mulher desmaiada, irmão — disse com um largo sorriso. Era esse seu traço mais marcante, vivia bem-humorado. — Por que essas coisas nunca acontecem comigo?

Erik tinha os cabelos despenteados, como se movidos pelo vento, e Duncan concluiu que retomava de uma jornada de sentinela. Ao atingir a maturidade, o rapaz se transformara em um forte guerreiro, que manejava as armas com destreza.

— Não creio que fosse apreciar essa moça — afirmou Duncan, colocando a mão sobre o ombro do rapaz e abaixando a voz. — A menos que goste de galos na cabeça.

— Já me contaram que é enfezada — disse Erik sem deixar de sorrir. — E que tem a língua afiada.

Ao ouvir aquilo, Duncan fitou Angus um momento, mas retornou a atenção para o irmão.

— Daria um bom guerreiro, com certeza.

— O que sabe sobre ela? — perguntou Quinn, seu primo, enquanto uma criada entrava para servir uma grande travessa com carne fria, logo seguida de outra que trazia cerveja de cevada para todos.

— Sei que necessita de ajuda — explicou Duncan depois de as criadas partirem. — Mais nada além disso.

— Não é típico de você trazer alguém estranho ao nosso meio, especialmente com os problemas que enfrentamos ultimamente — afirmou Gavain, sentado na cadeira oposta a Erik.
— Sobretudo uma pessoa que, de acordo com Angus, não regula bem da cabeça.

Tornando a fitar Angus, Duncan sentou na cadeira que cabia ao senhor do clã.

— O que mais disse Angus a respeito da moça? — perguntou, decidido a ter uma conversa com o homem. Não queria que espalhasse falsas histórias sobre a jovem. Ela podia ter uma raiva maior que as montanhas das Terras Altas, mas não era louca.

— Disse que ela falava coisas que não faziam sentido. Notei que você colocou Jock para montar guarda na porta do quarto... Ela é perigosa?

— Está preocupado com o que uma moça possa fazer com você, Gavain?

— Claro que não! — exclamou o rapaz, tornando a fitar seu senhor. — Só quis dizer que deve considerá-la um problema em potencial, caso contrário não colocaria Jock como sentinela.

— Angus exagerou ao convocar Jock. De qualquer maneira, pretendo manter um guarda ao lado dela.

— Então ela é uma ameaça? — quis saber Quinn. — Ouvi dizer que não tem cores na roupa para demonstrar o clã ao qual pertence. Os Gordon poderiam enviar um espião antes de avançarem sobre nossas terras. Sabe como são violentos.

— Mas fogem como ratos amedrontados quando revidamos — afirmou Angus, entrando na conversa.

— Crê que chegariam a ponto de enviar uma mulher para espionar? — perguntou Gavain após tomar um longo gole de cerveja.

— Enviar uma mulher para nos espionar seria um golpe baixo até mesmo para os Gordon — julgou Quinn.

— Estão tirando conclusões apressadas ao pensar que ela seja Gordon ou MacDougal — afirmou Duncan.

— Crê que pertence a outro clã? — perguntou Erik. — Acredita que outro povo tenha se aliado a algum de nossos dois inimigos?

— Os Gordon e os MacDougal são nossos maiores inimigos, mas existem outros — retrucou o irmão dele.

— Mas não tão impertinentes quanto eles — interveio Angus com desdém. — Os Gordon são uns fracos. Devemos atacá-los para ensiná-los a não invadir nossas terras.

Duncan apreciava a confiança e o orgulho que Angus nutria pelo clã. Todavia, o guerreiro também possuía um lado impetuoso que a maturidade não extirpara. Na verdade, este até mesmo aumentara depois da morte do pai dele.

— Sim, Angus — concordou Duncan. — Eles são mais fracos do que nós, mas seria um erro subestimá-los.

— Está lhes dando mais crédito do que merecem.

— E você não lhes dá crédito suficiente — advertiu Duncan.

— E quanto à moça? — perguntou Gavain, retomando o assunto. — Pode ser um deles.

— Talvez. Mas não vou perder tempo especulando. Irei questioná-la quando despertar.

— Que faremos se for inimiga? — inquiriu Quinn. Duncan havia considerado a possibilidade, mas não estava

disposto a compartilhar suas conclusões com os demais.

— Resolveremos a questão se e quando ela se colocar — disse com expressão sombria, deixando claro que deveriam deixar o assunto de lado. — Agora devemos nos concentrar no que faremos com os Gordon.

— Faz tempo que os Gordon merecem uma lição—Angus tomou a dianteira.

— Parece esquecer que já retaliamos — advertiu Duncan.

— Mas chegou a hora da guerra total.

— Não concordo — Duncan declarou, apoiando os cotovelos sobre a mesa e fitando os homens um a um.

— Quer que enviemos um convite para que venham nos roubar?

— Os Gordon não se importam em agir como ladrões, Angus — disse Gavain com desprezo.

— São mercenários e estúpidos — afirmou Angus em tom de escárnio, mas Quinn meneou a cabeça discordando.

— É verdade que não primam pela honra ou inteligência, mas o que fazem agora parece mais falta de preocupação do que de bom senso.

— Uma razão a mais para derrubá-los. \

— Sabe que jamais desisti de uma batalha — Duncan lembrou. — E não estou propondo fazê-lo agora. No entanto, devemos analisar a questão com cuidado, pois estamos exatamente entre os Gordon e os MacDougal.

— Acha que os dois clãs fizeram uma aliança?

— É possível. Uma aliança entre eles traria vantagens para os Gordon, considerando as conseqüências que sofreram da última vez que nos empurraram longe demais. Como lembram, suas perdas constituíram um verdadeiro banho de sangue.

— Por que tornariam a correr tal risco?

— Talvez por pensarem que não serão apanhados. Afinal, também são conhecidos por não aprenderem as lições das lutas que perderam no passado.

— Deveriam beijar nossos pés por termos sido benevolentes — disse Quinn. — Poderíamos ter dizimado todos os guerreiros do clã, acabando de uma vez com o problema... Mas você não quis — completou, virando-se para Duncan.

— Disse que dar-lhes uma lição era suficiente.

— E nada fizemos com as mulheres — replicou Angus, desgostoso. — Agora podem seguir gerando mais ladrões miseráveis.

Ao ouvir aquilo, Duncan cerrou o punho com força e fitou Angus sem dissimular sua irritação.

— Os MacPherson nunca atacaram mulheres nem crianças, e jamais o farão. Não descenderemos a um nível tão baixo

— declarou, perpassando a visão por todos os presentes.

— Sim — responderam Erik, Gavain e Quinn em uníssono. Angus, contudo, não reagiu prontamente.

— Está certo — ele concedeu por fim, após alguns tensos instantes de silêncio.

— Sempre concordamos com você, Duncan — Erik retomou a discussão. — Nada mudará isso — afirmou com seriedade, e os outros homens menearam a cabeça em sinal de concordância.

Satisfeito, Duncan aceitou a demonstração de lealdade, que sabia ser sincera.

Gavain pigarreou e recomeçou:

— Você disse que talvez os Gordon tenham se aliado aos MacDougal para nos enfrentar.

— E o que penso.

— Devo dizer que me custa acreditar. Sempre achei que os Gordon detestavam os MacDougal mais do que detestavam a nós, e vice-versa. O que você diz tem lógica, mas ainda assim é difícil acreditar que tenham feito um pacto.

— Os Gordon são mais fracos que os MacDougal, e dão menos valor à honra na luta — lembrou Erik. — Talvez devêssemos nos aliar aos MacDougal antes que os Gordon o façam. Caso ainda não tenham feito.

— E uma idéia — murmurou Duncan.

Como ele antecipava, no entanto, Angus se opôs:

— Jamais lutarei ao lado de um MacDougal! — declarou ele com ar de desprezo. — Preferiria enterrar a espada em meu próprio estômago.

— Embora Skye Castle seja mais fortificado que os castelos dos MacDougal e dos Gordon, nós nos situamos exatamente entre os dois — insistiu Erik. — Se os dois clãs se juntarem, seremos atacados por ambos os lados. Além disso

— apressou-se em continuar, ao notar que o homem ia retorquir —, eles podem trazer as forças de outros clãs dos quais são amigos, o que dificultaria ainda mais a nossa vida.

— Mas, e se já fizeram algum pacto? — questionou Quinn.

— Se já uniram forças, temos que atacar de surpresa antes que nos ataquem. Ou então semear a discórdia entre eles, espalhando boatos de que não são leais um ao outro — decidiu Duncan.

— Se querem saber, não creio que tenham feito um acordo, caso contrário saberíamos. Por isso penso que é o momento de permitir aos MacDougal que se juntem a nós. Se forem espertos, eles aceitarão.

Insatisfeito com o rumo da conversa, Angus grunhiu algo ininteligível.

— Está claro que tem um plano, irmão — disse Erik. Gavain e Quinn menearam a cabeça, e Gavain tomou a iniciativa de falar:

— O que quer fazer?

— Quero ir falar com o senhor dos MacDougal — Duncan esclareceu, gerando de pronto uma variedade de reações.

— Como pode pensar em ir até lá pessoalmente? — Angus rapidamente se sobrepôs aos demais. — Para fazer isso, vai ter de lutar comigo antes, pois farei tudo para impedir.

— Acha mesmo que pode me impedir de falar com os MacDougal caso eu queira? — indagou Duncan.

— Concordo com Angus, meu irmão — disse Erik. Ouvir aquilo surpreendeu Duncan. Erik sempre estivera

ao seu lado em todas as questões. De todos os guerreiros, era ele o mais leal.

— Continue, Erik. Diga-me o que pensa.

— Angus tem razão. Você é o senhor do nosso clã, e seu lugar é aqui.

— O que penso é que será melhor se a conversa ocorrer de senhor para senhor, Erik. Assim não haverá mal-entendidos ou equívocos.

— Envie a mim — sugeriu Erik com seu jeito calmo. — Sendo seu irmão, sou uma escolha lógica. Ocupo o segundo lugar na liderança do clã, e minha função é desempenhar esse tipo de tarefa. Serei seu emissário e entregarei sua mensagem palavra por palavra. Você não pode se arriscar e sabe disso.

Duncan admitia que Erik estava certo. Porém, não queria mencioná-lo e tinha esperança de que ninguém mais o fizesse.

Reflexivo, indagou-se por que não escolhia o irmão para fazer a proposta de união com os MacDougal. Afinal, ele treinara Erik a vida inteira justamente para esse tipo de trabalho. Mesmo assim, ele era seu único irmão e, a despeito de amar a todos os membros do clã, ninguém era tão próximo dele quanto Erik. No entanto, Erik era agora um homem adulto, e ele não podia fingir não ver isso.

Com um aperto na boca do estômago, concordou.

— Está bem, irmão. Você irá como emissário dos MacPherson.

— Irei com o rapaz — decidiu Angus. — Com sua permissão, naturalmente, milorde — finalizou, tentando suavizar as próprias maneiras.

Duncan observou o irmão e Angus saindo pelo portão que levava à ponte levadiça e para fora da fortaleza. Dois homens poderosos executando uma missão arriscada.

Mas, apesar do risco, reunir os MacPherson e os MacDougal era boa idéia.

Com relutância, Duncan ergueu o olhar e fitou a janela do aposento onde a misteriosa jovem repousava. Aquela era uma oponente respeitável, pensou sorrindo. Ele se forçara a tirá-la dos pensamentos durante a reunião do conselho, mas seu corpo não esquecia os contornos suaves do corpo feminino, nem o desejo de saber se ela compartilharia o leito de um homem com a mesma paixão com que lutara contra ele.

Determinado a vê-la, cruzou o pátio e entrou no castelo. No entanto, hesitou antes de se dirigir à escada que levava aos aposentos superiores. Talvez ela ainda estivesse dormindo, e mesmo que não estivesse, quem sabe fosse melhor deixá-la descansar mais. Não obstante, o impulso de vê-la falou mais alto, e Duncan subiu a longa escada em espiral. Chegou o momento da verdade, resolveu.

Jock permanecia do lado de fora da porta, aonde chegara horas atrás, os braços cruzados sobre o peito maciço.

— Tudo certo com nossa hóspede? — perguntou Duncan antes de entrar no quarto.

Eternamente calado, o gigante somente meneou a cabeça.

Devagar, Duncan abriu a porta, entrou e tornou a fechá-la. Ao ver que ela seguia adormecida, sentiu-se levemente ansioso, pensando em como ela iria reagir ao descobrir onde estava.

O fogo da lareira dava um tom dourado ao aposento semi-escuro. Sem fazer ruído, ele se aproximou do leito. Ela puxara as cobertas sobre a cabeça, escondendo todo o corpo.

Com gentileza e cautela, Duncan esticou o braço para descer as cobertas, dizendo a si mesmo que somente desejava se certificar de que ela estava bem.

Nesse instante, entretanto, um ruído atrás dele o fez pensar que nem tudo estava como devia ser.*?

Ao se virar, escapou por milímetros de um objeto que cruzou o ar rente a seu ouvido, um pedaço de madeira provavelmente retirado do estoque ao lado da lareira, que terminou se chocando contra a parede.

— Amaldiçoado seja você! — praguejou a moça, que agora avançava em sua direção com outra tora de madeira.

Reagindo rapidamente, Duncan segurou-lhe o braço, arrancou a madeira com a qual ela pretendia atacá-lo e a atirou para o canto extremo do aposento. O barulho fez Jock entrar correndo, escancarando a porta.

— Está tudo bem, Jock — assegurou Duncan, embora estivesse segurando a moça pelo braço, que lutava tentando se desvencilhar.

Jock o fitou sem compreender o que ocorria, mas deu meia-volta e saiu fechando a porta.

Assim que o gigante se retirou, Duncan a agarrou com os dois braços e a puxou contra o próprio peito em um abraço que a imobilizou totalmente.

— Eu deveria estrangulá-la — disse com fúria reprimida. — Estou ficando cansado dos seus ataques sem motivo. É bom se convencer de que não vai me matar antes de chegar a minha hora de morrer.

— É o que veremos, MacPherson desgraçado! — ela gritou sem conseguir se libertar.

Duncan tentou ignorar os seios comprimidos contra seu peito, e a maneira como o corpo dela se ajustava ao dele. Sua virilidade não tardou a reagir, e a parte mais masculina de seu corpo a pressionou.

Notando o que ocorria, Cat se retraiu.

— Vê o que sua resistência está provocando? — acusou Duncan.

— Você é um animal imundo, e ainda será punido pelo pecado de não se controlar! — ela reagiu, furiosa.

— Sou um homem e não posso ir contra minha natureza.

— Solte-me! — ela berrou, tentando inutilmente se libertar.

— Se eu soltá-la, promete se comportar?

Era óbvio que ela gostaria de furar-lhe os olhos ou enterrar uma espada em seu estômago, mas pareceu dominar os próprios ímpetos.

— Está bem. Agora tire essas mãos imundas de cima de mim.

Duncan a soltou, cauteloso, e Cat deu um passo para trás.

— Seria ótimo se pudéssemos conversar de forma civilizada — ele sugeriu.

— E o que eu teria para lhe dizer?

— Seu nome, para começar — pediu ele, afastando-se para sentar-se em uma cadeira.

— Não é da sua conta — Cat replicou, os olhos brilhando de raiva.

— Está enganada, moça. Não estamos mais na floresta. Agora está dentro do castelo dos MacPherson e terá de responder às minhas perguntas.

Ela cruzou os braços e permaneceu calada.

— Por que persiste com essa tolice? — ele recomeçou, contrariado.

— Se ainda não percebeu, estou decidido a ter respostas para minhas perguntas.

— Suas ameaças não me dão medo. Não direi nada que não seja por minha livre e espontânea vontade.

Devagar, Duncan levantou-se da cadeira e se aproximou.

— Vai revelar seu nome agora — decidiu em um tom suave como seda, mas poderoso como o rosnar de um leão.

— Se não o fizer, irá se arrepender.

Cat manteve o olhar firme, porém um leve tremor lhe perpassou o corpo. Duncan ainda pensou que ela fosse desafiá-lo, mas ela cedeu.

— Cat — revelou por fim.

— É mesmo o seu nome? Não estou com humor para brincadeiras.

— Acredite se quiser.

Após observá-la, Duncan concluiu que estava sendo sincera.

— Cat... A denominação de um felino. No caso dela, um felino selvagem...

— Não vou dizer mais nada — ela declarou, obstinada.

— Saia — disse ela, mas ele não se moveu.

— Resolvi que também mereço um pouco de consideração — ele começou, imperturbável, e sem abrir caminho.

— Não necessitava ter me trazido para cá.

— Como estava em minhas terras, é minha propriedade. Assim, é natural que a tenha trazido para minha casa.

— Não sou sua propriedade! — reagiu Cat, colocando as mãos na cintura.

— Tudo que se encontra nos domínios dos MacPherson me pertence. E você está não somente em minhas terras, mas em Skye Castle, meu castelo. Portanto, é minha propriedade.

— Saia da frente para eu poder descer — repetiu Cat mais irritada que nunca. — E pare de dizer tolices — arrematou, morrendo de vontade de acabar com a presunção do MacPherson.

Entretanto, antes que ela pudesse adivinhar o que viria, Duncan a agarrou pela cintura e a trouxe para baixo. Forte como era, continuou a sustentá-la no ar, impedindo seus pés de tocarem o solo.

Ela ergueu as mãos para golpeá-lo, mas o que ele disse de repente a fez congelar.

— Quero um beijo.

Cat o fitou com olhos arregalados, mas permaneceu calada por não saber o que dizer.

— Não vai fugir de mim desta vez.

Duncan soou forte e suave ao mesmo tempo, o que a desconcertou ainda mais. Quando ela conseguiu falar, as palavras saíram em um sussurro.

— Não.

— Sim — ele revidou no mesmo tom possessivo e controlador que ela já conhecia.

Antes que pudesse protestar, Duncan inclinou o rosto e lhe invadiu a boca de maneira selvagem.

Cat reagiu lutando, a ira ganhando força dentro dela ao sentir o contato dos lábios do inimigo. Duncan aprisionou-lhe os braços, imobilizando-a. Quando ela ia atacá-lo com os pés, ele a ergueu mais no ar, o que terminou facilitando seus golpes. Cat chutou-lhe as canelas com força, no entanto ele nem se moveu.

Ela sucumbiu, resignada. Aproveitando a fugaz calma, Duncan aprofundou o beijo, invadindo-lhe a boca, possessivo. Cat não queria se render, mas seu corpo pareceu ganhar vontade própria. Mesmo sentindo medo, a carícia começou a fasciná-la. Podia sentir o poder do corpo másculo, o vigor dos músculos sob as vestes... e o calor e a pulsação do sexo viril. Uma onda de desejo perpassou seu corpo como um fogo que ardia sem queimar.

Ele soltou um gemido de prazer e Cat fez o mesmo. Ouvir a si própria fez a lucidez retornar, e ela tomou consciência do que fazia. Como podia permitir que um MacPherson a beijasse?

Erguendo os braços que deixara pender ao lado do corpo, esmurrou o peito de Duncan e virou o rosto.

— Solte-me, seu bastardo!

Duncan a soltou, mas Cat seguiu esmurrando seu peito com os punhos cerrados. Ele não parecia se incomodar. Permaneceu imóvel e sólido como as pedras da muralha do castelo.

Maldito!, pensou Cat. Maldito fosse o MacPherson por fazê-la sentir algo diferente de ódio, ainda que apenas por um momento.

Ergueu a mão para desferir uma bofetada, desejando causar-lhe ao menos um fragmento da dor que ele causava nela. Mas o guerreiro segurou seu pulso. Ela ergueu o outro braço, porém Duncan a deteve outra vez.

— Eu te odeio! — ela gritou.

— Eu sei — ele respondeu com seriedade. Continuou a fitá-la nos olhos com tranquilidade. Estava

claro que não pretendia revidar os golpes.

A expressão impassível do MacPherson a atormentava mais do que qualquer outra coisa. Cat queria vê-lo furioso. Queria ver a besta humana cuja imagem trazia na mente, mas ele permanecia imperturbável.

Dando um passo para trás, ela libertou os pulsos. Novamente, Duncan a deixou se afastar sem nada fazer ou dizer. Cat sentia o corpo tremer, apesar de não saber se era por raiva... ou por outra razão.

Afastou-se ainda mais, cruzando o quarto na direção oposta à porta na esperança de que ele partisse. Mas MacPherson permaneceu onde estava.

— Saia! — disse ela, sustentando o olhar.

O guerreiro a estudou por tanto tempo, e com os olhos de um azul tão límpido, que Cat se perguntou o que estaria pensando.

— Quero algumas respostas — ele revelou por fim.

— Não terá resposta nenhuma — replicou Cat, erguendo o queixo em desafio.

— Não queira me colocar à prova.

Atormentada, ela refletiu que já o atacara e empurrara além do limite que qualquer homem suportaria. Mesmo assim, ele não se incomodava nem revidava os ataques.

De qualquer maneira, aquilo não mudava quem ele era, nem apagava o que os MacPherson haviam feito. Se ela falasse, seria por seus próprios termos.

— Só falarei com o senhor dos MacPherson — declarou, compreendendo subitamente que lograra o intento de entrar no castelo do clã, embora tivesse sido carregada em vez de fazê-lo por conta própria.

O plano de matar o senhor daquele povo talvez ainda pudesse ser levado a termo.

— Está falando com ele — revelou Duncan, abrindo os braços.

Estupefata, Cat prendeu a respiração. Devia ter adivinhado!, pensou. O ar arrogante do guerreiro, a maneira como exalava força e poder! Ela havia pensado que fosse somente o orgulho exacerbado, típico daquele povo maldito, mas era mais que isso, ele era o lorde MacPherson!

De repente, o mundo pareceu girar a seu redor. O homem que ela lutara tanto para encontrar estava à sua frente o tempo todo. O homem que ordenara a matança de sua família!

A fúria a engolfou de repente, uma mistura de ódio e mágoa que lhe transbordou pelos poros. Alucinada, correu até a lareira, agarrou um dos instrumentos de ferro usados para remexer as brasas e virou-se para MacPherson.

— Vou matá-lo!

Com selvageria, atirou a peça de metal, errando o alvo por centímetros. Para um homem daquele tamanho, ele era rápido e ágil, conseguindo sempre se esquivar dos ataques.

A porta se abriu violentamente.

— Não, Jock! — ordenou Duncan. — Não toque nela.

Cat nem mesmo notou que o gigante que montava guarda do lado de fora tinha entrado. A dor e a aflição a dominavam. Sentiu nas narinas outra vez o aroma de sangue que respirara nos momentos horríveis em que os pais foram assassinados.

A despeito da ordem de lorde MacPherson, Jock correu na direção de Cat quando a viu se abaixar e recolher outra peça de metal com a intenção de tornar a atacar. Duncan, no entanto, foi mais rápido e a alcançou antes do gigante, tornando a imobilizá-la em um possante abraço pelas costas.

— Saia, Jock — ordenou, enquanto Cat começava outra vez a dar socos e pontapés no ar, soltando o instrumento de ferro, que caiu ao chão pesadamente. Embora não entendesse o que ocorria, o homem obedeceu.

— Solte-me! — ela gritou.

— Não, moça. Só a soltarei quando se acalmar.

— Animal, assassino! Só me acalmarei quando estiver morto!

— Acalme-se! — repetiu Duncan, puxando mais as costas de Cat de encontro ao próprio peito. — Diga-me o que pensa que eu lhe fiz, pois tenho certeza que jamais a esqueceria se houvéssemos nos encontrado antes.

Cat cerrou os olhos, odiando-o com todas as forças.

— Pare com isso!

— Parar com o quê? — revidou Duncan, prendendo-a com braços de aço.

— Pare de ser tão... Por que não me odeia como eu o odeio?!

Duncan apoiou o queixo sobre o ombro dela sem deixar de abraçá-la por trás, e seu calor a envolveu como a teia de uma aranha.

— Tem de me explicar por que me odeia dessa maneira... Dê-me a chance de compreender essa dor imensa que sente!

Cat não queria que ele a compreendesse. Todavia, precisava externar a dor e a amargura que a afligiam.

— Você matou meus pais, seu demônio do inferno! — revelou com voz embargada. — Assassinou meu pai e minha mãe!

As lágrimas que Cat daria tudo para ele não ver começaram a brotar de repente, mas ela não podia enxugá-las, pois ainda estava presa.

— Solte-me! — exclamou, lutando para se libertar. Devagar e com imensa gentileza, Duncan a virou entre

os próprios braços, mas não a soltou.

— Do que está falando?

Uma estranha frieza se apoderou de Cat ao se ver diante do rosto bonito. Somente um ser do inferno poderia mascarar sua maldade sob feição tão atraente.

— Meus pais foram assassinados pelos MacPherson. Por isso vou matá-lo — revelou de forma clara e incisiva.

— É por isso que carrega tanta raiva dentro de si? — perguntou Duncan após um instante de surpresa.

— Sim.

— E quer me matar sem se certificar do que ocorreu?

— Não necessito fazer perguntas. Eu estava lá quando aconteceu — disse Cat, tornando a ver diante de si a imagem horrenda da mãe tombando sobre o solo em meio a uma poça de sangue.

— O que foi que viu, moça? — perguntou Duncan com redobrada gentileza.

— Vi seus guerreiros matarem meus pais — ela falou com voz estranha, cerrando os punhos com força. Duncan tentou se lembrar das batalhas que ele e os guerreiros haviam travado recentemente. Tinham lutado apenas contra os Gordon, e somente homens do outro clã haviam sido mortos no combate. Jamais matariam uma mulher.

— Está enganada, moça. Já lhe disse que não atacamos mulheres ou crianças. Nunca causei mal à sua mãe, e nenhum de meus homens o teria feito.

Cat seguiu lutando para se libertar, e Duncan a soltou. Ela recuou, como se enojada.

— Eu vi os seus homens! Por que eu mentiria sobre isso?

Ele tinha certeza de que ela não mentia. Sua dor era palpável para qualquer pessoa que a visse. Cat tinha a face marcada pela mágoa. Mesmo assim estava enganada, pois guerreiro algum do clã dos MacPherson faria algo como o que ela descrevia.

— Sei que não está mentindo, mas não foram os MacPherson que perpetraram essa matança.

— Não tente me ludibriar... Eu os vi invadindo a casa covardemente no meio da noite. Vi com meus próprios olhos! Não pude ver as faces daqueles homens odiáveis, mas sei que eram os MacPherson.

Duncan a observou com atenção. Jamais ordenara tal ataque, e se algum guerreiro seu o tivesse feito por iniciativa própria, iria pagar caro pela desobediência.

— Que provas pode me dar?

Cat estava pálida agora. Seus traços juvenis a faziam parecer mais frágil que nunca. Mas também exibia imensa determinação e convicção.

— Encontramos um pedaço de tecido com as cores dos MacPherson do lado de fora — falou com segurança.

Duncan sabia que aquilo não provava nada.

— Se o que diz é verdade, o que garanto que não é, que razão teríamos para matar sua família?

Por um momento, Cat hesitou. No segundo seguinte, porém, sua certeza se refez.

— Porque são um povo com sede de sangue, que destroem todos aqueles que se põem em seu caminho.

— Não vou negar que retaliamos ou atacamos quando necessário — retrucou Duncan. — Mas só o fazemos quando somos provocados. Portanto, vou lhe perguntar outra vez, que razão teríamos para destruir sua família?

Ele se lembrou da reunião do conselho do clã e da razão que motivara o encontro, os Gordon vinham causando cada vez mais problemas, e batalhas ocorriam com frequência cada vez maior. Será que os pais de Cat tinham sido envolvidos em uma dessas escaramuças, que por vezes tinham consequências fatais para pessoas inocentes?

Não, não podia ser isso. Ela dissera que o povo que assassinara sua família havia aparecido na calada da noite, e seus homens jamais atacariam de forma tão traiçoeira. Seus

guerreiros nunca atacavam sem justa causa, e ainda que tivessem motivo, não o fariam de forma tão vil.

Além do mais, ele não tomara conhecimento de nenhuma ocorrência desse tipo.

— Você pertence ao clã Gordon? — perguntou, cauteloso.

— Não.

— Seus pais por acaso eram aliados dos Gordon? — insistiu, necessitando descobrir a verdade.

— Tem esperança de encontrar algo que o inocente de seus atos assassinos, MacPherson?

— Sou um guerreiro, moça. Quando nos envolvemos em lutas, não sentimos remorso depois, ou procuramos desculpas para o que fizemos. Mas não atacamos sem motivo. O que você me diz é um mistério que ainda não posso explicar. Porém não desistirei enquanto não descobrir o que se esconde por trás disso tudo.

— Mistério? — ecoou Cat com um sorriso sarcástico. — Não há mistério algum. Já expliquei o que aconteceu.

— Não explicou nada. Acusou-me, mas tem de reconhecer que não tem provas irrefutáveis — assegurou Duncan, notando que pela primeira vez ela parecia hesitar. Naturalmente sua dor era real, embora fosse na alma. Em um impulso, ele se aproximou e a tocou suavemente no braço. — Sua cabeça ainda dói?

Cat se esquivou do toque com asco.

— E sua presença que produz a maior dor de todas.

Ao ouvir aquilo, Duncan decidiu que não a pressionaria mais por enquanto. Ele agora compreendia a razão do ódio que ela sentia, apesar de estar certo de que este se dirigia às pessoas e ao povo errado. Mesmo transtornada, Cat era encantadora. Condoído ao vê-la submersa em tanto sofrimento, resolveu que era melhor deixá-la a sós para que se acalmasse.

— Irei embora para que possa descansar. Amanhã conversaremos outra vez — disse, colocando um dedo sobre os lábios carnudos ao notar que ela iria refutar. — Sei que vai me dizer que não tem nada a dizer para um odioso MacPherson, mas dou minha palavra que resolveremos essa questão. E jamais dou minha palavra em vão.

Ainda que relutante, Duncan caminhou para a porta. Ao girar a maçaneta, no entanto, parou e virou-se para fitá-la.

— Não tente atacar Jock durante a noite — alertou com um sorriso triste, agora que sabia da tragédia que a assolara. — Ele tem a cabeça mais dura que a minha e, ao contrário de mim, vai revidar.

Tão logo ele saiu, Cat permitiu que as lágrimas corressem livremente.

CAPÍTULO III

Deitada no leito, Cat fitava o teto quando bateram na porta, na manhã seguinte. Ela virou o rosto e fitou o pórtico de madeira maciça. Será que MacPherson retornava como prometera? Será que vinha fazer mais perguntas que ela não desejava responder?

Não responderei a nada, pensou, resoluta. No entanto, sua ira e sede de vingança agora se chocavam contra as possibilidades que ele aventara.

Ela havia passado a noite pensando nas palavras de lorde MacPherson. Todavia, não queria acreditar que os MacPherson nada tivessem a ver com a morte de seus pais.

Puxou as cobertas e se cobriu até o queixo quando a porta começou a abrir.

— Está acordada — disse uma linda garota ao entrar. Cat sentiu alívio por ver que não se tratava do homem

cuja face a assombrara a noite toda.

— Estou feliz por ver que se sente melhor — continuou a moça com um doce sorriso.

Ela quase sorriu de volta, mas então se lembrou de onde estava.

— Você cuidou de mim?

— Sim. Sofreu uma forte queda e tem um galo na testa, mas logo ficará boa.

Ela parou ao lado do leito e observou a testa de Cat com seus olhos castanhos, dando a impressão de que via mais do que o machucado.

— Que lindos olhos cor de ametista você tem — comentou, quando baixou o olhar por fim.

Surpresa, Cat não soube o que dizer. Ela pensava que todos os MacPherson a veriam com suspeição e receio. Esperava encontrar bestas humanas com olhos brilhando de malícia e ódio. Pensara encontrar tantas coisas, mas nenhuma delas se comprovara até agora.

Reflexiva, começou a pensar sobre aquele povo. A maior parte do que sabia sobre os MacPherson fora contado por tio Mal com, o qual afirmara que se tratava de um clã brutal e desumano.

— Meu nome é Meg — apresentou-se a recém-chegada com voz doce, sentando-se ao lado dela no leito. — Posso examiná-la? — pediu, erguendo o braço em direção à sua testa. Quando ela concordou com um gesto de cabeça, Meg tocou o machucado. — O inchaço diminuiu. Tem sorte que Duncan a tenha encontrado, pois do contrário teria passado a noite desacordada ao relento. Creio que ambas sabemos como as noites podem ser frias aqui nas Terras Altas, mesmo no verão.

Desconcertada com a gentileza e doçura da moça, Cat desviou o olhar.

— Preferiria morrer a ser ajudada pelos MacPherson. Cat supôs que Meg fosse se zangar ao ouvir aquilo, mas

ela manteve o ar calmo e gentil.

— Não acredito que preferisse. E corajosa e lutadora.

— Você não me conhece — replicou Cat, lembrando-se da ocasião em que devia ter lutado, mas, covardemente, nada fizera. — Só sabe o que seu senhor lhe contou.

— Duncan não me contou nada. Mas eu lhe asseguro, ele é um homem honrado e a tratará de forma justa.

— Honrado? — ela replicou, atirando longe as cobertas. — O que ele sabe a respeito de honra?

— Algo se passou com você — prosseguiu Meg com a mesma doçura. — Sei disso sem que necessitem me dizer. E o que quer que tenha sido, você considera Duncan responsável.

— Todos os MacPherson são responsáveis! — exclamou Cat, sentando-se no leito bruscamente. O movimento causou-lhe tontura, e ela fechou os olhos até a zonzeira passar.

— Aceitaremos a responsabilidade se for verdadeira — assegurou Meg com pragmatismo. — Mas nos julga sem saber com certeza quem causou o infortúnio e dor que agora sente. Trouxe roupas limpas para você — ela mudou de assunto, como se intuisse que ela não desejava seguir falando sobre aquilo. Em seguida, levantou, pegou a bolsa de couro e passou a retirar itens que haviam sido cuidadosamente dobrados para não amassar. O que mais chamou a atenção de Cat foi um lindo vestido lilás, confeccionado em material delicado e levemente brilhante, como seda. — Estou feliz em ter escolhido este — declarou a moça, desdobrando a roupa e trazendo-a para Cat. — Vai combinar com a cor de seus olhos e lhe cairá muito bem.

Cat tocou o vestido, hesitante, notando que realmente era de seda. Um traje adorável!

— Por que faz isso? — perguntou, tornando a encarar a jovem tão amável.

— Por que não o faria?

Cat baixou o olhar e fitou a si própria. Na noite anterior ela fora colocada no leito e somente despertara pouco antes de MacPherson aparecer. Após ele partir, caminhara pelo

quarto por muito tempo, até sucumbir ao cansaço. Com a cabeça repleta de pensamentos, nem lhe ocorrera atinar para as roupas que usava.

— Duncan pensou que você gostaria de tomar um banho e deu ordens para trazerem uma banheira com água quente e essência de flores.

Meg colocou cuidadosamente o vestido aos pés da cama. Seu comentário fez Cat se perguntar quem era, afinal, o senhor do clã MacPherson. Um guerreiro que encontrava tempo para ordenar água para o seu banho e com essência de flores ainda por cima! Não fazia sentido.

Como prometido, o banho não tardou a chegar, uma imensa banheira de cobre, na qual Cat poderia submergir o corpo inteiro. Ainda que quisesse recusar, ela não o fez.

— Necessita de algo mais? — perguntou Meg.

Quando Cat meneou a cabeça, ela começou a deixar o quarto. Parou um momento para fitá-la, pensativa. Depois saiu e fechou a porta.

Ao se ver só, Cat olhou a banheira. Ansiosa para se livrar da sujeira de vários dias sem banho, começou a abrir os botões que lhe prendiam a saia à cintura. Um minuto depois, livrava-se também das calças de baixo e do camisão manchado.

Com uma exclamação de prazer, entrou na banheira e submergiu o corpo na água que tinha a temperatura exata e exalava aroma de flores. Cerrou os olhos e relaxou, sentindo o contato do líquido acariciando a pele. Aos poucos a dor nos músculos e o cansaço começaram a dissipar, e Cat se deixou ficar ali um tempo, de olhos cerrados, imaginando que estava em casa.

Ao abrir os olhos, porém, a realidade retornou, irrefutável.

Deu um longo suspiro. Ao notar uma barra de sabão repousando sobre a cadeira ao lado da banheira, colheu-a e se ensaboou inteira, inclusive os cabelos. Mergulhou a cabeça na água para se livrar da espuma, tendo de fazê-lo diversas vezes até se ver livre dela completamente.

Sentindo-se deliciosamente limpa, levantou-se, apanhou a toalha dobrada e se enxugou. Logo estava vestida com o traje trazido por Meg, que lhe serviu como se feito sob medida. O contato suave da seda contra sua pele era quase sensual.

Sentiu um arrepio de frio. Ao se virar para a lareira, notou que as chamas estavam extintas. Decidiu alimentar o fogo com mais lenha, porém as enormes janelas em uma das paredes capturaram sua atenção.

A janela central tinha vidro transparente, mas as duas janelas laterais ostentavam mosaicos coloridos. Ambas mostravam imagens de guerreiros MacPherson vestidos com o típico traje escocês: kilt, colete xadrez com as cores do clã e meias compridas, de lã grossa. Em uma delas o guerreiro enfrentava um unicórnio e, na outra, um leão. O conjunto era lindo, e filtrava a luz, dando uma cor especial ao ambiente.

Cat admitiu que a beleza dos vitrais era uma agradável surpresa. Em sua imaginação, a fortaleza dos MacPherson era um local cinzento e sem vida.

Absorta, caminhou até a janela e começou a tocar a silhueta do guerreiro no vitral, pensando no homem que a carregara até aquele castelo.

— Pensando em fugir pela janela?

Ao ouvir a voz, Cat se virou e deparou com MacPherson parado sob o umbral da porta agora aberta. Ele parecia maior do que nunca. E era bem mais real que a figura do vitral.

— Eu bati antes de entrar, mas você não ouviu — disse em tom de desculpa. — Como estava tão adorável ao lado da janela, não consegui deixar de observá-la por alguns instantes.

Sentindo uma sensação estranha no estômago, Cat disse a si mesma que esta advinha da falta de alimento, e não por ver o guerreiro ainda parado sob o pórtico.

— O que você quer, MacPherson?

— Tenho nome, sabia? — ele replicou, recostando-se ao umbral em uma postura relaxada.

— O que quer? — Cat repetiu, sem dar conta do comentário irônico. — Se pretende fazer mais perguntas, melhor desistir, pois na noite passada avisei que...

— Disse muitas coisas na noite passada — Duncan a interrompeu. — Mas quero lembrá-la de que está em minha casa e espero que me respeite. Se eu quiser respostas — continuou, abaixando o tom de voz —, eu irei me assegurar de obtê-las.

Cat se retesou. Nunca respeitaria aquele homem, pois ele não merecia.

— Está se sentindo melhor? — continuou Duncan.

Não!, ela queria gritar. Jamais se sentiria melhor enquanto os assassinos de seus pais não houvessem pagado por seu crime.

Mas será que se sentiria melhor depois? Mais do que vingar-se, o que desejava era ter o pai e a mãe de volta, o que era impossível.

Sentindo a dor e tristeza retornar, Cat quis furar o colete de metal que cobria o torso do guerreiro. Entretanto, a mesma voz tornou a falar dentro dela, sugerindo que talvez houvesse, de fato, julgado MacPherson de maneira precipitada.

Não. Ela estivera presente na cena do crime e testemunhara cada instante do terrível ataque...

Embora os agressores estivessem encapuzados.

Mas havia o pedaço de pano encontrado fora da casa, ostentando o xadrez com as cores dos MacPherson.

Sentiu um nó no estômago. Aterrorizada como estava, o medo turvara-lhe a visão, e ela nada mais vira além dos guerreiros encapuzados.

— Cat? — insistiu Duncan, fazendo-a voltar a si e notar que não respondera à pergunta dele.

— Você não se importa verdadeiramente com o que eu sinto, portanto não se finja de bonzinho.

— Eu me importo com a saúde de todos que estão sob minha proteção — assegurou Duncan, entrando finalmente no quarto.

— Não estou sob sua proteção.

— Está sim, Cat. Qualquer pessoa sob meu teto está sob minha proteção. E levo essa responsabilidade a sério.

A maneira como ele falava e o brilho nos olhos azuis demonstravam sinceridade. Mas Cat não queria ceder.

— Não percebe que não quero conversar com você? Das duas, uma: deixe-me partir ou pare de me atormentar impondo sua presença.

— Não posso fazer nenhuma das duas coisas, moça. Diz que me odeia e me acusou de ter feito algo que não fiz. Não posso simplesmente deixá-la partir — afirmou Duncan, parando então para observá-la, como se pensasse algo. — Vim buscá-la para comer comigo.

— Não quero ir a lugar algum com você! — exclamou, amargurada.

— Como queira — disse Duncan, dando de ombros.

— Espere! — Cat não se conteve um instante antes de Duncan cerrar a porta atrás de si. Ele parou e se virou para fitá-la.

— Sim?

— Eu aceito o convite — concedeu. Estava faminta e, talvez se deparasse com uma oportunidade de fuga.

— Acompanhe-me.

Após hesitar um momento, ela passou por Duncan e saiu do quarto. Ao cruzar com ele, roçou o braço inadvertidamente contra a mão do guerreiro. O toque causou um estranho frisson que a percorreu dos pés à cabeça.

Ela o fitou de soslaio, tentando ver se o incidente provocara o mesmo efeito em MacPherson. Claro que não, concluiu. Ele nem parecia tê-la notado.

Tão logo começaram a caminhar, Cat se viu obrigada a dar três passos a cada passo de Duncan. Quadros mostrando campos de batalha, armaduras, lanças de metal e outros artigos de combate desfilavam a seu lado enquanto MacPherson a conduzia pelo interior do castelo. Após atravessarem um corredor, chegaram a um enorme salão. Pelas janelas abertas, a paisagem era maravilhosa. Um deque de madeira avançava sobre os rochedos, pelo mar. Abaixo deles, uma praia onde ondas fortes quebravam de encontro às rochas, criando uma profusão de espuma. No canto direito da pequena enseada limitada por rochedos em ambos os lados, havia três galeras, todas ostentando a mesma bandeira que Cat recordava ter visto em um dos vitrais do quarto.

— Sente-se — convidou Duncan. Ele a puxou pelo braço sem a menor cerimônia e a trouxe para sentar-se na cadeira ao lado da dele, à cabeceira da longa mesa.

Assim que se acomodou, três criadas apareceram por uma porta que, ela presumia, vinha da cozinha. A refeição do dia consistia em um rico vinho tinto, frutas, diferentes tipos de queijo e carnes frias.

Sem perguntar, Duncan pegou um prato e a serviu generosamente com comida.

Cat suspirou. Não queria a comida do MacPherson, mas dizer isso somente divertiria o ignóbil. Pegou o garfo e, sem vontade, começou a lidar com os alimentos. Levou um pequeno pedaço de carne à boca, e o engoliu com esforço.

— Pensei que uma mulher cheia de energia como você tivesse um apetite condizente — comentou Duncan.

Cat ia replicar, mas ao lembrar que tomara a decisão de não falar com ele durante a refeição, seguiu calada.

— Compreendo — continuou Duncan. — Vai agir como uma menina mimada. Está bem. Eu não me incomodo de falar e ficarei feliz se me poupar de seus comentários agressivos.

— Calmo, pegou uma fruta e a mordiscou. — Pergunto-me se você é tão doce quanto esta cereja.

Cat sabia que o MacPherson fazia aquilo para provocá-la. Embora se mantivesse calada, virou o rosto e o fulminou com o olhar, jurando não reagir à provocação. Duncan levou outra cereja à boca, mas desta vez a lambeu em um gesto sensual.

— Deliciosa — murmurou, olhando-a nos olhos. Esticou o braço e ofereceu a fruta para Cat. — Experimente. Veja como é doce.

O aroma da cereja chegou às narinas dela. Cat não saberia dizer o que deu nela, mas, quando Duncan aproximou a cereja até quase tocar seus lábios, abriu a boca e mordeu a fruta. Duncan a fitou, surpreso, como se não esperasse que ela fosse aceitar.

Ainda que fosse uma tolice, a reação dele a fez sentir uma sensação de triunfo. No instante seguinte, porém, o ar de calma e superioridade retornou à face do homem.

— Gentileza sua aceitar minha cortesia.

— E bom não se acostumar—ela replicou, zangando-se com si mesma por quebrar a promessa de não lhe dirigir a palavra.

— Tem a língua afiada como as garras de uma águia, e não perde a oportunidade de fazer comentários ferinos — julgou Duncan, mal dissimulando seu divertimento. — Eu apreciaria levar esta conversa adiante, mas tenho de mudar de assunto. Quero falar a respeito do que imagina ter acontecido com seus pais.

— Eu não "imagino" — replicou Cat, batendo as duas mãos na mesa com violência. — Eu devia ter permitido que meu clã... — começou, mas calou-se de repente.

— O que ia dizer? — ele insistiu, mas ela virou a face e nada disse. — Sabe que posso fazê-la falar, se quiser. — Duncan continuou com voz de seda. — Está me desafiando? Pois saiba que tenho prazer em enfrentar desafios.

— Se estivesse morto seria diferente.

— Sei que preferiria me ver dentro de um caixão, mas não morrerei antes de chegar minha hora, e muito menos por obra sua.

— Eu não teria tanta certeza...

— Terei uma morte honrada e não causada por uma pirralha que não sabe o que faz.

— Não sabe o que faz!? — reagiu Cat sentindo a raiva crescer.

— Dirige seu ódio à pessoa errada — afirmou Duncan com determinação. — Agora me conte qual é o seu clã.

Cat mordeu o lábio e virou o rosto sem responder. Algo lhe dizia que talvez devesse revelar de uma vez quem era. Na verdade, não sabia por que não o fizera desde o princípio. Afinal, estava diante do assassino de seus pais, e era bom que ele soubesse quem o enfrentava, e por quê. Embora o lorde acreditasse ter o domínio da situação, essa não era bem a verdade. Não obstante, Cat odiava que lhe dissessem o que fazer, e se rebelava sempre que lhe davam ordens. Sobretudo se advindas de um odioso MacPherson! Ela só revelaria o clã a que pertencia quando melhor lhe conviesse.

— Vou perguntar outra vez. Qual é o seu clã? — Duncan repetiu, mas ela se manteve impassível. — Darei uma última chance de falar. Depois disso, não diga que não avisei.

Ele tinha agora um brilho nos olhos que nunca ostentara antes, o que a deixou resabiada. Até agora MacPherson parecia se divertir com sua resistência, mas talvez houvesse chegado em seu limite. Certamente, não teria coragem de machucá-la... Ou teria?

— Muito bem, moça — ele começou erguendo-se da cadeira. — Agora faremos as coisas à minha maneira.

Ao vê-lo se aproximar com cara de poucos amigos, Cat também se levantou rapidamente e deu um passo para trás. Destemida, agarrou um dos castiçais sobre a mesa e o arremessou, mas errou o alvo. Em seguida, atirou outro. Desta vez, acertou-o no peito.

— Está piorando as coisas — ele rosnou por entre os dentes.

— Só quero lhe dar a lição que merece!

— Não tem mais nada para atirar.

Maldição!, ela pensou, agora próxima do fim da mesa comprida o suficiente para comportar cinquenta guerreiros. Ao dar outro passo para trás, esbarrou em uma cadeira, que a impediu de continuar retrocedendo.

— Não tem para onde fugir.

Cat notou uma porta em um dos cantos. Estava fechada, mas na posição em que se encontrava, poderia chegar até ela rapidamente.

— Nem tente! — avisou Duncan, lendo seus pensamentos. — Se me obrigar a persegui-la, sua punição será pior.

Cat não se preocupou, pois sabia que era veloz. Além do mais, já conseguira ser mais rápida do que ele na floresta. Mesmo sem saber para onde a porta levava, ela correu. Já quase saía, sentindo uma sensação de triunfo, quando uma mão poderosa agarrou seu braço e deu-lhe um puxão que a fez soltar a maçaneta. Antes que ela pudesse tentar correr para outro lado, Duncan a virou e a comprimiu contra a porta, o olhar soltando faíscas.

— Saia de cima de mim! — gritou Cat, erguendo as mãos contra o peito largo na tentativa de empurrá-lo. — Deixe-me em paz, seu assassino!

— Já cansei de tantos xingamentos — disse ele em um tom baixo e perigoso. — Não serei acusado de algo que não tenho a menor idéia do que seja. Ouvi a história toda, mas você não quis esclarecer os fatos. Se espera que eu peça desculpas, vai esperar sentada!

— Não quero ouvir desculpas, seu miserável! Tudo que quero é seu coração em uma bandeja! Quero que pague pelo que fez... Você tem sede de sangue e poder, não se importa com nada mais!

Com um gesto brusco, Duncan agarrou os pulsos de Cat, obrigando-a a erguer os braços, e os comprimiu contra a porta, tornando-a ainda mais indefesa.

— O que me guia é a honra. Sou um guerreiro que respeita os inimigos — afirmou, apertando com força os pulsos delicados, como se quisesse puni-la.

— Qualquer um que invade o lar alheio no meio da noite nada sabe sobre honra ou respeito!

— Está me acusando outra vez. Não sairá daqui antes de me contar a história inteira.

Odiando-o, Cat resolveu que ele podia dominar seu corpo, mas que não dominaria seu espírito nem sua vontade.

— Vou lhe contar quando eu quiser.

— Já tivemos essa conversa antes, víbora de língua venenosa. Vai me contar agora, ou então...

— Então o quê? Vai me obrigar a aceitar sua vontade? Dobrar-me ao seu poder? — ela desafiou, lutando para libertar os braços.

— Exatamente. Vou obrigá-la a aceitar minha vontade — ele assegurou.

Sem que ela pudesse adivinhar seu intento, ele aproximou o rosto e a beijou de modo selvagem. Seus lábios eram quentes e sensuais, mas se moviam pela raiva. Era como se ele a sugasse, querendo exterminar toda e qualquer chance de resistência ou oposição.

Sem parar de beijá-la, prendeu-lhe os dois braços acima da cabeça com uma só mão, de maneira a poder explorá-la com a outra.

Cat tentou desesperadamente se libertar e escapar à carícia imposta, mas era impossível. Pior que isso, seu corpo começava a traí-la, respondendo aos carinhos de Duncan, que agora lhe tocava um mamilo com ousadia.

Ele espalmou a mão sobre todo o seio com um pesado suspiro. Ela prosseguiu lutando, agora com maior vigor, mas isso apenas ampliou a carícia e o motivou a agir mais. Quanto mais ela lutava, mais Duncan a comprimia contra a porta.

De repente, Cat sentiu a virilidade dele contra o corpo e notou que a excitação tomara conta de MacPherson. Ele ainda a beijava, e todas essas sensações se somavam, fazendo o corpo dela reagir com a mesma intensidade, lançando-a em uma espiral crescente de desejo.

— Não — murmurou, conseguindo finalmente virar a face para escapar ao beijo.

— Sim... — ele revidou com voz rouca.

O aroma do corpo do guerreiro a inebriava. Ela gostaria de negar o que aquele toque provocava, de não sucumbir àquela tortura deliciosa, mas sentia-se perdida.

Duncan libertou sua boca subitamente, apenas para passar a beijá-la no pescoço, e sem deixar de tocá-la. De repente, apertou-lhe o mamilo, provocando um calor intenso que desceu pelo ventre de Cat até atingir seu âmago.

— Por favor! — ela implorou, sem saber se pedia para ser libertada ou que ele não parasse mais.

Devagar, Duncan afastou a face.

— Por favor, o quê? — murmurou sem deixar de lhe acariciar o seio, excitando-a ainda mais.

— Pare — Cat conseguiu sussurrar afinal.

Após hesitar um instante, ele a soltou, e os braços de Cat caíram ao longo do corpo. Mesmo a tendo libertado, Duncan não se afastara.

— Quero respostas, Cat. E pretendo obtê-las, custe o que custar.

Ouvir aquilo fez a força de vontade dela retornar. Cat se libertou do corpo másculo que a comprimia. Refeita, decidiu que não o deixaria pensar que havia vencido. O calor que sentira no ventre se transformara em frio. A chama, em gelo.

— MacDougal — falou de repente, em resposta à pergunta que ele formulara antes.

— Está dizendo que pertence ao clã MacDougal? — Duncan quis confirmar, franzindo a sobancelha.

— Sim.

— Mas havia dito que não era uma MacDougal — ele continuou, agora desconfiado.

— E você acreditou — ela revidou, sarcástica. — Eu tinha razão quando disse que não passa de um menino bonito. Tendo você como líder, é de admirar que o clã dos MacPherson tenha sobrevivido por tanto tempo.

— Está atacando a pessoa errada outra vez — refutou Duncan, ganhando um ar reflexivo.

Afastando-se em direção a uma janela próxima, Cat parou defronte ao vidro e fitou o pátio lá fora.

— Quando seus pais morreram? — ele perguntou em voz baixa.

— Nós os sepultamos há uma semana — ela respondeu depois de respirar fundo. Mencionar a morte dos pais tocou de novo na ferida que talvez jamais cicatrizasse.

— Eu não estava aqui há uma semana. Estava em Inverness. Retornei faz três dias.

— Não faz diferença se estava aqui ou não. É o senhor do clã e dá ordens a seus guerreiros. Não queira me enganar, pois não conseguirá.

— Eu já lhe disse, moça, ninguém deste clã tocou um MacDougal! Seu povo se mantém quieto faz um bom tempo, e nós também.

— Vocês não têm se mantido quietos — Cat discordou, seca. — Invadiram nosso lar e assassinaram meus pais!

Ele deu um suspiro de frustração.

— O que pretende fazer comigo agora? — ela quis saber, ofegante.

— O que posso fazer? — ele volveu, e Cat soube que, mais do que perguntar, MacPherson pensava em voz alta.

— Faça o que quiser. Não tenho medo de você — mentiu. Até agora fora incapaz de pensar no que viria a seguir, tomada pela dor da morte dos pais e pela sede de justicá-los.

— Sei que não tem medo, Cat. E uma mulher corajosa. Porém está enganada a respeito do que aconteceu. Por que tem tanta certeza que os MacPherson atacaram sua gente?

— Porque vocês nos odeiam.

— Não mentirei dizendo que amo seu povo, mas...

— Duncan calou, como se algo lhe ocorresse de repente. Com a expressão totalmente transformada, correu até a porta e a escancarou. — Jock! — gritou para o guerreiro gigante.

Em segundos, o homem descia as escadas. Antes que ele chegasse, Duncan já corria para a porta principal.

— Ian! Prepare meu cavalo imediatamente — ordenou.

— Leve a moça para cima, Jock, e a mantenha trancada no quarto.

Concordando com um gesto de cabeça, o homenzarrão caminhou até Cat, segurou seu braço e começou a conduzi-la de volta para a torre.

Um outro homem entrou correndo nesse instante.

— O que foi? O que está acontecendo?

Já saindo pela porta principal, Duncan não parou para explicar.

— Erik e Angus estão em perigo — disse apenas, antes de deixar o castelo.

Observando pela janela, Cat viu MacPherson partir com dois outros guerreiros, a luz do sol refletindo no metal da espada presa à cintura. O que estava acontecendo? Ela fizera sua confissão sem saber o que resultaria dela. Mas não lhe passara pela cabeça que Duncan MacPherson fosse ter tal reação.

O pátio defronte ao castelo estava cheio de gente, e todos ali pareciam satisfeitos e prósperos. Mais um mito sobre o clã MacPherson que caía por terra. Ela sempre pensara que Duncan fosse um senhor cruel, que impingisse sua autoridade, e que seu povo temia despertar sua ira.

Um pouco aturdida, observou as mães e suas crianças. Sorrindo, pareciam levar uma vida feliz e despreocupada.

Isso a fez lembrar-se da própria mãe e da vida que tinham. Agora tudo estava acabado, pois jamais estariam juntas outra vez.

Uma sonora gargalhada chamou-lhe a atenção para uma mulher sentada diante de um tear. Com habilidade, ela operava o instrumento, entrelaçando linhas de cores diversas que, ao final, se transformavam em uma trama verde-escura com malhas amarelas. Talvez fosse uma colcha, ou apenas um tecido para confeccionarem roupas de inverno. De qualquer maneira, tinha as cores que identificavam o clã MacPherson.

Seu olhar desviou para quatro crianças que brincavam próximas à mulher, catando no chão as sobras da lã que ela por vezes retirava do tear. Também aquilo trouxe memórias de sua infância, quando passava horas a fio acompanhando a mãe e outras mulheres nos trabalhos domésticos.

Cat se afastou da janela, tomada de melancolia. Devagar, foi até o leito, deitou e fechou os olhos. Não queria mais pensar, só desejava esquecer a vida que um dia tivera e que lhe fora roubada em uma noite trágica.

O sono não tardou a vir. Antes de sucumbir ao cansaço acumulado, Cat ainda pensou se os sonhos a fariam esquecer as aflições, e se o mundo onírico traria de volta a felicidade perdida.

A besta estava à frente dela, a face mergulhada em sombras. Mesmo assim, tinha algo familiar.

— Cat — sussurrou o ser hediondo.

O coração dela parou de bater quando ergueu a face e fitou o monstro de olhos profundos e azuis.

Ele tinha os olhos de MacPherson.

Um calor intenso a afligiu. Seria fogo? Onde estava? Ouviu gritos horrendos, que subitamente se transformaram em risadas. O que estava acontecendo?

— Sabe quem eu sou? — perguntou MacPherson.

— Sim — ela murmurou. — Você é a besta.

— Não. Sou o salvador. Olhe para dentro de si e encontrará as respostas que procura.

Ela meneou a cabeça tentando negar as palavras, mas a figura transformou-se, e a face mergulhou em sombras outra vez.

Paz. Por um momento. Então, algo maléfico a agarrou; algo que ela conhecia, mas se recusava a ver. O contorno difuso de um rosto começou a tomar forma. O que era aquilo? O rosto tinha os olhos cerrados.

Cat soltou um grito de terror quando os olhos se abriram. Eram olhos de víbora, ameaçadores. Fatçiiis. Olhos da morte.

Cat acordou de repente, a testa molhada de suor. Ao abrir os olhos, tinha a visão turva e desfocada. Esfregou as costas das mãos contra as pálpebras, depois virou o rosto em direção à janela. O sol havia se posto. Por quanto tempo estivera adormecida? Não parecia mais que poucos minutos.

As batidas na porta romperam o silêncio. Ela se levantou e tentou se recompor.

— Entre — disse após alguns instantes.

A porta se abriu e Meg apareceu trazendo uma bandeja com comida.

— Seu jantar.

Cat caminhou para perto da lareira enquanto a moça depositava a refeição sobre uma mesinha.

— Não tenho fome.

— Deixarei aqui, caso a fome apareça mais tarde — Meg explicou suavemente, e fez menção de partir.

— Espere!

Meg, que já atingira o umbral da porta, se voltou.

- Necessita de algo mais?
- Você sabe quem eu sou?
- Sim.

Cat não sabia qual resposta esperava ouvir. Na verdade, nem mesmo sabia por que fizera a pergunta. Sem nada acrescentar, deu as costas para a moça. Esperou o ruído da porta se fechando, mas, quando o tempo passou e nada ouviu, tornou a se virar. Meg continuava parada no mesmo lugar. Seus olhos castanhos brilhavam, hesitantes.

— Sabe para onde Duncan foi? — Meg perguntou por fim. Cat franziu o cenho.

— Não sei por que pergunta, nem por que pensa que seu senhor me informaria a respeito do que faz. Mas não está me perguntando, está?

— Não — ela respondeu. — Eu sei aonde ele foi. Estou apenas... — Calou-se antes de completar o pensamento. — Eu não devia ter dito nada...

— Espere! Diga-me aonde ele foi.

Meg tornou a parar, contudo, não se voltou imediatamente, como se relutasse. Por fim, olhou por cima do ombro e tornou a fitá-la.

— Foi em busca do irmão dele e de meu pai.

— Onde eles estão?

— Em algum lugar entre nosso castelo... E a sua casa.

— Não compreendo. Por que iriam à minha casa?

— Não devia ter contado — Meg começou, parecendo receosa. — Preciso ir agora.

— Não pode revelar que foram à minha casa e partir sem explicar! Tem de me contar o que foram fazer lá!

Soltando um profundo suspiro, Meg abaixou o olhar, mas em seguida tornou a erguer a face.

— Pelo que ouvi, foram fazer uma proposta de aliança com seu clã.

Uma aliança? Por que razão os MacPherson desejariam estabelecer uma aliança com os MacDougal?

Não fazia sentido. Agora que sabiam que seu pai, o senhor de seu povo, estava morto, por que simplesmente não atacavam? Afinal, seu clã se encontrava em uma posição vulnerável, havia perdido o líder que o comandava. Nessa situação, os MacPherson poderiam destruir o povo vizinho em vez de propor uma aliança.

Talvez não tivessem interesse em matar homens que eram bons guerreiros, e preferissem cooptá-los para fortalecer o próprio poder.

Por Deus, pensou. A situação se complicara ainda mais. Não compreendia o rumo que as coisas estavam tomando. Mas agora, ao menos, entendia o motivo da repentina partida de Duncan e do nervosismo de Meg, estavam preocupados com a reação dos MacDougal. Temiam que fossem retaliar para vingar a morte de seus pais.

Cat se lembrou de tio Mallcom. Um homem feroz, explosivo. A morte do irmão o perturbava intensamente. Sua ira e dor trouxeram à tona os contos sobre a crueldade dos MacPherson. Contos que ainda repercutiam vividamente na mente de Cat. Tio Mallcom jamais receberia bem um MacPherson... Muito pelo contrário.

Imersa em reflexões, ela retornou à janela. Sem saber bem por que, agora rezava para que o tio não reagisse à presença de Duncan com violência.

— Deus do céu! — exclamou Gavain ao se deparar com a cena.

Duncan não se virou para fitar os homens que cavalgavam a seu lado. Apenas concentrou o olhar no que tinha à frente.

Um rio vermelho tingia o solo. Erik estava caído com o rosto mergulhado no sangue, Angus tombado de barriga para cima, poucos metros adiante.

Duncan não necessitava checar se o irmão estava morto. Com um nó no peito, desmontou e se ajoelhou ao lado do rapaz. Cerrou os punhos com força e, fechando os olhos um instante, disse adeus ao irmão.

Tentando superar a avalanche de sentimentos que o assaltava, rolou o cadáver devagar, deparando-se com a face sem vida e manchada de sangue de Erik. Rasgou uma tira da camisa e limpou o rosto do irmão. O rapaz tinha os olhos abertos, e Duncan cerrou-lhe as pálpebras com solenidade.

— Lutou valentemente — murmurou Quinn, colocando-se ao lado de Gavain.

— Foi um banho de sangue — Gavain murmurou antes de se afastar para checar Angus. — Ele está vivo — disse logo depois. — Mas seu estado é grave.

— Quantos homens acredita que os atacaram? — perguntou Quinn, vindo se ajoelhar ao lado de Angus.

Duncan tentou bloquear a morte do irmão para pensar com clareza. Erguendo-se, observou a cena ao redor. Por intermédio das marcas no solo, rapidamente distinguiu o local onde a luta começara. Os sinais sobre a relva indicavam que Erik havia sido atacado por trás. Sua espada jazia alguns metros distante do corpo. A falta de sangue na lâmina parecia incongruente com a poça vermelha no solo.

A espada de Angus, ao contrário, tinha sangue até no cabo. Duncan sabia, o velho guerreiro tinha mais habilidade para lutar do que seu irmão. Por isso mesmo fora destacado para proteger o rapaz.

— O que sucedeu parece claro — disse Quinn, aproximando-se. A raiva em sua voz era evidente.

Gavain já carregava o corpo inconsciente de Angus e agora o deitava sobre as costas do cavalo.

— Para mim também — emendou Gavain, exasperado. — Estamos na fronteira com o clã MacDougal, e a moça geniosa que você trouxe para o castelo é uma deles.

Duncan nada disse. Ajoelhou-se, recolheu o corpo de Erik e começou a caminhar na direção de Atlas.

— E ela nos acusa de termos assassinado seus pais — lembrou Quinn.

— Sim — concordou Gavain. — Está claro que os MacDougal estão por trás deste massacre.

Duncan se manteve calado enquanto ajeitava o corpo sem vida do irmão. A despeito do que seus guerreiros diziam, não tinha certeza de que as coisas haviam se passado daquela forma.

Era quase noite quando Cat viu os homens retornando. Uma miríade de tochas iluminava o caminho dos guerreiros, desde fora do castelo até o pátio, dando um brilho dourado a tudo.

A visão da cena sombria produziu um nó em seu estômago. Duncan vinha adiante, e à frente dele, no cavalo, um corpo deitado sem vida sobre as costas do animal. O guerreiro que o seguia carregava outro corpo da mesma maneira.

Duncan ergueu o rosto e fitou a janela onde ela estava. Apesar do impulso de recuar um passo, Cat não o fez, pois sabia que MacPherson a avistara e não queria parecer covarde. Mesmo à distância, era possível notar a dor em seu olhar.

A porta do quarto foi aberta de repente. Cat já o esperava e temia o que estava por vir. Ao se virar, deparou-se com MacPherson.

Ele nada fez ou disse. Simplesmente a fitou.

Cat sustentou o olhar. Ele queria amedrontá-la, mas não conseguiria.

O silêncio de Duncan, contudo, a fez ficar ansiosa. Por fim, não conseguiu suportar o silêncio e teve de dizer algo.

— O que quer?

— Meu irmão está morto.

Cat não imaginou que ele fosse ser tão direto. Tampouco antevira o efeito que tais palavras lhe produziriam. Queria dizer a MacPherson que isso era o que ele merecia depois de ter assassinado sua família. Que estava satisfeita por também ele conhecer a dor de perder entes queridos de forma tão violenta e vil.

— O que quer que eu faça? — falou em vez disso.

— O mesmo que fez até agora: nada.

Cat compreendeu os sentimentos que se escondiam por trás daquela máscara de impassibilidade: dor e revolta.

— Eu deveria julgá-la da mesma maneira como me julgou, e concluir que foi seu clã quem matou meu irmão

— ele declarou, grave. — Mas não o farei.

— Por que não? Desde quando tem escrúpulos em manchar as mãos com o sangue de outros povos?

Duncan avançou pelo quarto e a agarrou pelos braços.

— Desde o momento em que não tenho provas sobre quem cometeu essa matança! Mas ouça o que vou dizer: quem quer que seja que tenha feito isso, pagará pelo que fez. Não terei clemência. O bastardo que matou meu irmão terá uma morte lenta e dolorosa! Porém, ao contrário de você, quero ter certeza de que quem morrerá por minha espada realmente merece tal punição. — Duncan a afastou com um gesto brusco, como se detestasse sua proximidade.

— Agora quero que me diga se seu clã seria tolo a ponto de cometer tamanha estupidez.

— Pede-me que eu traia meu povo? Está louco... — ela afirmou com desprezo. Ia dar as costas para Duncan, mas ele tornou a agarrá-la pelo braço e a obrigou a se virar para encará-lo.

— Vai me dizer o que quero saber. Tive paciência até agora, mas acabou. Saiba que sou capaz de usar qualquer meio para obrigá-la a falar.

O brilho em seus olhos não o deixava mentir e a fez pensar no meio que ele utilizara na última vez. Tornaria a fazer o mesmo? Tornaria a tocá-la quase com brutalidade?

Erguendo o queixo, Cat o enfrentou.

— Não sei o que meu povo faria.

— Tenho certeza de que sabe.

Com uma expressão no rosto que não dissimulava a raiva contida, Duncan se virou e começou a caminhar de volta para a porta. Cat pensou que ele fosse partir, mas, em vez disso, ele deu um pontapé na porta que permanecera aberta e a fechou com um estrondo. Ao se voltar para ela, a fúria transbordava por seus poros de guerreiro.

— Eu avisei — disse rispidamente. Em dois passos, se aproximou.

Cat tentou escapar para o outro lado do quarto, mas nada o impediu de prendê-la pelos longos cabelos, como fizera noutra ocasião. Inclemente, ele a fez cair sentada sobre a cama.

A verdade era que, até então, ela desconhecia o lado frio e impiedoso de Duncan MacPherson e, pela primeira vez, um medo profundo a invadiu.

— Eu falei a verdade!

Feroz, Duncan a empurrou pelos ombros, fazendo-a cair de costas sobre o leito.

— Sabe muito bem o que seu povo faria.

— Você disse que não julgaria meu povo antes de ter certeza se está envolvido no que aconteceu.

— Não o estou julgando — ele afirmou, inclinando o corpo sobre o dela até as faces quase se tocarem. — Ao menos por enquanto. No momento, é você quem estou julgando. E a considero culpada de me decepcionar e trair a generosidade com que a tratei. Vai pagar por isso.

— Não! — exclamou Cat empurrando os ombros de Duncan, tentando afastá-lo. O guerreiro, contudo, permaneceu sólido como uma muralha. — Fique longe de mim!

— Eu lhe dei várias chances, mas agora chega. Veio aqui em busca de vingança, porém as coisas mudaram e sou eu quem vai se vingar. Aprendo rápido, moça... E já aprendi que tocando você posso conseguir as respostas que desejo. Sem contar que é um prazer obter informação dessa forma.

— Não!

Duncan agarrou as mãos de Cat que ainda o empurravam e as pressionou contra o colchão. Atirou o corpo sobre o dela e cobriu-lhe a boca com a dele, forçando-a a se submeter e sucumbir ao seu poder.

Cat lutou, mas não conseguiu deslocá-lo. Duncan era pesado demais. Ao lutar, somente o fez alojar-se ainda mais certamente entre suas coxas.

Ele abandonou seus lábios e percorreu-lhe o pescoço com a língua.

— Por que me obriga a isso? — perguntou com voz torturada.

Cat queria desdizê-lo, falar que não o obrigava a nada, que ele agia como agia porque era um monstro. Porém, Duncan tornou a invadir-lhe a boca, comprimindo a dureza do próprio corpo com mais força sobre o dela.

Era como se as peles de ambos se tocassem. O tecido das roupas parecia não existir.

Ela soltou um murmúrio, sem atinar se o som que emitia era de prazer ou revolta. Duncan prosseguiu abaixando a face em uma ação planejada e metódica. Quando atingiu a ponta do seio, Cat arqueou as costas em uma reação involuntária. Duncan aprofundou o contato, mordiscando, beijando, sugando o mamilo que enrijecia sob o tecido do vestido. Ao vê-la cerrar os olhos, passou a aplicar a mesma tortura no outro seio.

Subitamente, Cat percebeu que ele já não a prendia mais pelos pulsos, e que ela seguia com os braços abertos sobre a cama. A tortura erótica, entretanto, a fez abraçá-lo, puxando-o contra si. Segurou-o pela cabeça, emaranhando os dedos nos cabelos lisos e longos. Ele a beijava agora na região entre os seios, e Cat mantinha as costas arqueadas em um oferecimento involuntário.

— Isso... entregue-se a mim! Revele seus segredos, e eu lhe darei o que deseja — sussurrou Duncan, passando a desabotoar o corpete do vestido, tocando com a língua a pele tenra do peito que se revelava pouco a pouco, e forçando-a a uma submissão ainda maior. — Diga-me o que quero saber — continuou, erguendo o rosto para apreciar os seios agora expostos. — Lindos — murmurou, antes de tornar na boca um dos mamilos. Desceu o braço e tocou a parte posterior do joelho de Cat. Devagar, sua mão quente foi subindo pela coxa, aproximando-se do centro feminino que parecia pulsar. — Gosta que a toque aqui? — Tocou-a suavemente, fazendo-a soltar um gemido. — Posso parar, se quiser... — disse com voz rouca, sem parar de acariciar o centro de prazer. — Diga-me o que quero saber e deixarei de atormentá-la — propôs, consciente da eficácia de seu assalto sensual.

Para Cat era como se um rio de fogo corresse dentro dela, represando-se em seu ventre. Se Duncan não parasse e aquela pressão não fosse liberada, temia explodir.

Eu quero isso, concluiu de súbito. Mas não daquela forma! Não obrigando-a a desistir da própria dignidade e lhe

conceder a informação que ele desejava.

— Pare — conseguiu murmurar, odiando-o e desejando-o ao mesmo tempo.

Duncan, no entanto, prosseguiu o pérfido assalto, fitando-a agora com olhos cheios de paixão. Estupefata, Cat notou que a expressão em seu rosto também era de tormento.

— Vai me dizer o que quero saber?

— Sim — ela cedeu, ofegante. — Meu clã retaliaria para vingar a morte de meus pais.

Ele parou e ergueu a cabeça, os olhos azuis agora cheios de dor.

— Meu irmão foi em missão de paz e não de guerra. Ia propor uma aliança. Seu povo o teria escutado?

Cat hesitou, pensando no que seu tio Malcolm dissera da última vez em que a vira, que gostaria de destruir os MacPherson, degolando-os um a um. Se a oportunidade se apresentasse, ele não a desperdiçaria.

— Não sei dizer com certeza... — Cat segurou o ar ao sentir Duncan afundar ainda mais entre suas pernas. Hesitou, pois não queria revelar mais nada. O assalto físico, no entanto, a dominava e submetia. — Creio que sim — murmurou, cerrando os olhos.

— O fato de terem matado meu irmão significa que seu clã julga tão apressadamente quanto você. Se eles tivessem dado tempo a Erik para que ele revelasse a que vinha, perceberiam que queríamos propor um acordo.

— Nossa dor é recente demais.

— Tanto quanto a minha — revidou Duncan, levantando-se e libertando-a finalmente. — Mas, ao contrário de vocês, não sentirei satisfação em vingar a morte de meu irmão matando a pessoa errada.

Começando a se recompor, Cat sentou-se no leito e fechou a blusa, escondendo os seios. Envergonhada e humilhada, sentiu a ira de repente explodir dentro dela.

— Temos certeza de que foram os MacPherson que assassinaram minha família.

— Não têm certeza nenhuma — redarguiu Duncan no mesmo tom suave que exibira em outras ocasiões.

No momento, contudo, parecia usar toda a força de vontade de que dispunha para manter o controle. — Quando encontrar quem matou meu irmão, o assassino vai implorar por uma morte rápida. Se eu confirmar que foi seu clã quem matou Erik, terão três dias para me entregar os envolvidos.

— E se eles não se renderem às suas ordens? Duncan dirigiu-se para a porta e a abriu. Antes de sair,

virou-se para trás e a encarou.

— Se não entregarem aquele ou aqueles que mataram meu irmão, matarei e destruirei todo o seu clã.

Sem dizer mais nada, Duncan partiu batendo a porta atrás de si.

— Como ele está? — perguntou Duncan ao ter com Meg.

— Estável — ela respondeu enquanto guardava os bálsamos e bandagens que havia usado. — Embora tenha perdido muito sangue, os ferimentos não são profundos. — Parou e o fitou antes de recomçar. — E quanto a Erik?

— Já falei com o pastor. Ele será enterrado ao lado de meus pais.

— Crê que foram os MacDougal que fizeram isso?

— Tudo indica que sim.

— Mas ainda não tem certeza, tem?

Meg sempre fora extremamente perceptiva, sendo impossível esconder algo dela.

— Não — admitiu Duncan.

Após calar um instante, ela tornou a fitá-lo. Embora nada dissesse, a expressão em seu rosto mostrava que algo a perturbava.

— O que foi, Meg? No que está pensando?

— Em nada.

— Não é verdade. Conte-me o que a preocupa.

— Não é meu papel lhe dar conselhos sobre assuntos de guerra... ou outro qualquer.

— Sabe que sempre pode me dizer o que lhe passa pela cabeça. É sobre Cat?

— Sim — ela concordou, os olhos castanhos ganhando agora uma expressão de seriedade.

— Creio que ela esteja magoada. E confusa.

— Se pretende me pedir para confortá-la, sabe que não posso fazê-lo.

— Não vou pedir para que faça isso. Jamais pediria para fazer o que quer que fosse... Só estou querendo dizer que a moça não é o que parece ser. O ódio que carrega é recente e não nasceu dos conflitos entre os dois clãs. Há algo mais que a move além da sede de vingança. Coloquei as mãos sobre ela e percebi isso.

Duncan concordava com Meg. Ele sabia que, mais do que o ódio, era a mágoa que consumia Cat por dentro. Ela acreditava ser fraca, e tal crença impregnava a relação que tinha com o mundo. Havia momentos em que seus olhos brilhavam, desconcertados, como se ela não conseguisse distinguir o mundo dos pesadelos do mundo real. Nesses momentos parecia confusa, insegura e frágil.

No entanto, Duncan sabia que não podia se deixar guiar pelo sentimento de proteção que às vezes sentia por Cat. Seu irmão havia sido assassinado, e a maior suspeita recaía inexoravelmente sobre os MacDougal.

— Guardarei suas palavras, Meg.

Após inclinar levemente a cabeça, a "moça se retirou, deixando Duncan a sós com Angus. Duncan gostaria que o amigo despertasse, pois só ele poderia fornecer as respostas das quais ele necessitava.

— Minha opinião é que devemos atacar imediatamente.

Duncan suspirou. A ira de Gavain era palpável. Ele decidira se reunir com os dois membros que restavam do conselho do clã para discutirem as ações que tomariam contra os MacDougal.

— Concordo com Gavain — afirmou Quinn, os olhos também brilhando de fúria.

Ambos os guerreiros estavam prontos para lutar. A necessidade de vingar a morte de seu irmão os queimava por dentro.

— Sugiro dividirmos nossos homens — prosseguiu

Quinn. — Uma metade vai lutar contra os Gordon, a outra contra os MacDougal.

— Está maluco? — replicou Gavain. — Os MacDougal são um clã muito mais forte. Não podemos dividir nossas forças.

— Mas também não podemos dar as costas para os Gordon, pois eles podem ter se aliado aos MacDougal. É possível até que planejem nos atacar neste exato momento.

— Não importa o que estão planejando. Não vencerão. Já lhes mostramos mais de uma vez o que acontece quando decidem nos enfrentar. Temos de agir com rapidez e desferir o golpe antes do que esperam.

— Nossos homens estão ansiosos para revidar — afirmou Quinn. — Não vêem a hora de quebrar os ossos dos MacDougal.

Nesse momento, uma criada entrou no recinto. Ao ver que a moça se preparava para servir uísque, Gavain tomou a iniciativa.

— Pode me brindar com uma dose dupla, Mary. Preciso algo para fortalecer a alma e a mão com que carrego a espada — pediu, estendendo o copo. Assim que a criada lhe serviu a bebida, ele tomou todo o conteúdo de um só gole.

— Está muito quieto, Duncan — Quinn observou. — No que está pensando?

— Sim, Duncan. O que lhe passa pela cabeça? — Gavain também perguntou depois de tomar outro longo gole de uísque. — Estou surpreso que não esteja afiando a espada enquanto conversamos.

— Crê que essa é a resposta que devemos dar, Gavain? — ele indagou ao amigo, aproveitando para fitar o copo de bebida significativamente. — Crê que vou atacar sem antes ter certeza de quem assassinou meu irmão?

Gavain já se preparava para tomar outro gole, mas parou o copo a meio caminho da boca e fitou seu senhor.

— Foram os MacDougal, Duncan! Sabemos disso.

— Eu não sei.

— Não podem ter sido os outros — assegurou Quinn, olhando Duncan e Gavain alternadamente.

— Tenho de saber com absoluta certeza — decidiu Duncan.

Havia questões e aspectos da situação que não se encaixavam.

— Quanta certeza tem de ter? — ironizou Gavain, e Duncan fitou com seriedade o guerreiro mais velho do clã.

— Está me questionando, Gavain? Não faria isso, se fosse você.

— Só estou me perguntando o que é que o faz hesitar.

— Eu já disse que quero os responsáveis pela morte de Erik.

— Nós os teremos antes de vinte e quatro horas, se agirmos de pronto.

— Agiremos quando eu der a ordem para tal e não antes

— declarou Duncan.

— Mas estamos falando de seu irmão, nosso guerreiro!

— continuou Quinn com emoção. — Queremos ajustar contas com os MacDougal. Somos uma família aqui. Quando um irmão morre, a dor é a mesma para todos.

— É verdade — concordou Duncan, sentindo a tensão diminuir dentro de si. — Compreendo o que diz, e sabe que eu me sentiria da mesma forma se o seu irmão morresse, Quinn... Ou se uma de suas filhas se ferisse, Gavain. Porém, necessito ouvir o que Angus têm a dizer. Após escutá-lo, decidirei como agiremos, mas não antes — finalizou levantando-se para partir.

— Tem certeza de que não possui outra razão para não agir?

Duncan se deteve diante das palavras.

— Gavain! — repreendeu Quinn.

Duncan ergueu a mão no ar em um gesto peremptório.

— Parece que algo está incomodando nosso cavaleiro. Fale, Gavain. Mas assegure-se de que realmente crê no que diz, e de que não é o uísque que fala por você.

— A bebida não afeta minhas faculdades — replicou o homem com o orgulho ferido. Como Duncan nada disse, ele continuou: — Pergunto-me se sua hesitação não tem a ver com a moça MacDougal.

— Crê que hesito por não querer causar danos ao clã que ela pertence? É o que está dizendo?

— Só estou perguntando — replicou Gavain na defensiva.

— Não necessito esclarecer minhas razões para você, meu amigo. Mesmo assim, eu o farei. Quero que me escute bem, pois não tolerarei que me faça a mesma pergunta novamente. — Duncan fez uma pausa. — A moça não tem nada a ver com minha decisão. Se os MacDougal forem responsáveis pelo que aconteceu, eles pagarão caro.

Duncan se lembrou do que dissera a Cat quando estava furioso, que mataria todo o clã MacDougal. Acreditava que o havia dito somente para amedrontá-la e assim obter a informação que queria.

A verdade, porém, é que havia perdido o controle. Desde que a conhecera, já não pensava com clareza e objetividade, e isso o incomodava tremendamente.

— Não desejo investir contra um povo inocente — afirmou, amargurado. — Por acaso gostaria que eu vingasse sua morte dessa maneira? Encontraria o Salvador em paz se fizesse tal coisa?

Gavain hesitou e meneou a cabeça por fim.

— Não. Eu gostaria que minha morte fosse vingada fazendo o verdadeiro culpado pagar.

Sem mais nada dizer, Duncan o fitou por um instante e depois partiu. Era hora de preparar o funeral de Erik.

Cat observou a procissão movendo-se devagar para fora do castelo. Eles se dirigiam para algum ponto distante, onde o irmão do senhor do clã seria enterrado.

O tocador da gaita de foles seguia adiante do cortejo, tocando uma música fúnebre, e as notas tristes a fizeram se lembrar do funeral dos pais. O pastor seguia logo atrás do tocador do instrumento, lendo em voz alta as orações que abençoavam a alma do guerreiro assassinado.

Atrás do pastor vinha Duncan.

Ao vê-lo, Cat prendeu a respiração na expectativa de que MacPherson fosse erguer a face e fitar a janela onde ela estava, como sempre fazia. Duncan, porém, não o fez, mantendo os olhos fixos à frente.

Entretanto, muitos dos que seguiam a procissão se viraram para olhá-la, alguns com olhar francamente ameaçador.

Cat desejou se afastar da janela, mas não o fez. Quando a ira que irradiava em sua direção se tornou insuportável, ela ergueu o olhar e fitou o majestoso pico de Cairn Gorm ao longe. A montanha atravessava as nuvens como se tivesse orgulho da própria altura e majestade. Sendo um dos cumes mais elevados das Terras Altas, era possível avistá-lo de onde quer que se estivesse. Ela o conhecia desde criança, e avistá-lo a acalmou.

Quando a procissão sumiu de vista, ela finalmente se afastou da janela. Fechou os olhos, inclinou a cabeça sobre as mãos e orou.

CAPÍTULO IV

O tilintar de metal chocando contra metal acordou Cat na manhã seguinte, após outra noite inquieta. Ao cerrar os olhos e adormecer, os sonhos não tardaram a se transformar em pesadelos. E agora, desperta, a realidade não era muito diferente.

Relutante, ela saiu do leito e se preparou para passar mais um dia presa no quarto. Pensou no que faria para passar o tempo e afastar os pensamentos sombrios ou aqueles relativos a MacPherson e à maneira como ele a fazia se sentir. A simples presença dele já a afetava, e ela odiava tal fraqueza.

Resolveu se manter distante da janela, pois fitar o mundo dos MacPherson lá fora era um tormento. Na verdade, aquela janela a fazia avistar menos o mundo exterior e mais a si própria. Parada ali, ela via a si mesma, e não gostava do que via.

Mesmo assim, um impulso incontrollável a levou até lá. Homens praticavam o manejo da espada, lutando entre si no pátio, lá embaixo. A maioria deles, porém, observava o embate entre os dois guerreiros, e também Cat fixou a atenção na dupla. Estavam nus até a cintura. Duas verdadeiras montanhas de músculos. Erguendo a espada, desferiam golpes ágeis e certos, que seriam fatais caso ocorressem em uma batalha real.

Duncan era um deles, e o guerreiro contra o qual lutava era tão grande quanto ele, mas menos ágil. Os outros homens, em um círculo ao redor, incitavam os lutadores, urrando em uníssono quando Duncan subitamente derrubou a espada do oponente e se posicionou atrás dele, agarrando-lhe o pulso e prendendo-lhe o braço atrás das costas. Além de rápido, ele era dono de uma habilidade fenomenal.

Uma habilidade que pretende usar para atacar meu clã, pensou Cat.

Encostando os dedos no vidro da janela, indagou-se o que poderia fazer para salvar o próprio povo da morte. A despeito de tio Malcolm ser um homem forte e também hábil no manejo da espada, assim como muitos guerreiros do clã, nenhum deles se igualava a Duncan MacPherson. O lorde que a aprisionava parecia capaz de descer às profundezas do inferno, desafiar Lúcifer e retornar ileso!

De repente, Cat se lembrou de ele ter dito que somente mataria aqueles que haviam assassinado Erik. Os Gordon podiam ter feito isso. Na verdade, qualquer clã podia.

Mas o que estava pensando?, refletiu, desgostosa. Era óbvio que Duncan acreditava que o povo dela era responsável pelo assassinato de Erik, isso porque ela mesma revelara que sabia ter sido os MacPherson os assassinos de seus pais. A contragosto admitiu que, se estivesse na posição de Duncan, pensaria a mesma coisa.

Entretanto, até agora lorde MacPherson não possuía prova irrefutável sobre a identidade dos assassinos do irmão.

Prova irrefutável. As palavras lhe assombravam a mente desde que ele as proferira. Um pedaço de tecido com as cores dos MacPherson fora descoberto, mas Duncan a obrigara a contemplar uma idéia que não lhe ocorrera antes, alguém podia ter colocado aquele pano ali de propósito para lançar suspeitas sobre os MacPherson.

Com ou sem dúvidas estava claro o que tinha de fazer: não podia simplesmente ficar sentada enquanto seu povo era atacado. Tinha de lutar ao lado deles. Portanto, necessitava escapar.

Mais fácil pensar do que fazer, raciocinou. Como sair daquela fortaleza murada e tão bem guardada?

Era desnecessário checar se Jock, o gigante, seguia mantendo guarda do lado de fora da porta. Será que ele nunca dormia? E, se o fazia, dormia naquela cadeira ao lado da entrada?

Se fosse esse o caso, talvez ela conseguisse acertar-lhe um golpe na cabeça quando estivesse adormecido. Ainda havia várias toras ao lado da lareira, algumas grossas e pesadas. Como não conseguira lograr tal intento com MacPherson, no entanto, tinha de pensar bem o que faria para não errar o alvo desta vez.

— Duncan!

Embora ouvisse o chamado de Meg, Duncan ainda colocou o rosto sobre o ombro do guerreiro que acabava de vencer.

— Deixou que eu o dominasse, Will. Tem de evitar que o oponente coloque a espada sob a lâmina da sua arma. Mantenha a espada um pouco para a direita ou para a esquerda, do contrário basta um golpe brusco do atacante para fazer sua arma voar longe.

Ao terminar a instrução, virou-se e fitou Meg, que se aproximava correndo.

— O que foi? Angus está bem?

— Sim. Acabou de despertar e quer falar com você.

— Ouvi dizer que está dando ordens, Angus — Duncan falou com rispidez ao entrar no quarto seguido por Gavain e Quinn. No caminho, haviam lhe contado que Angus mandara chamar alguns guerreiros. — Pelo visto, se comporta outra vez como um cachorro amuado.

— Tenha cuidado, moço. Ainda estou forte o suficiente para lhe dar uma lição — replicou seu velho amigo com o orgulho ferido.

Duncan aliviou-se ao ver a saúde retornando ao valente guerreiro. O ferimento no ombro ainda sangrava, a julgar pela bandagem úmida que o recobria, mas Angus estava vivo, e Duncan já vira outros sobreviverem tendo perdido muito mais sangue.

— Vejo que já recuperou seu bom humor — brincou Quinn.

A face de Angus ostentava arranhões e ferimentos advindos da luta recente, mas seus olhos brilhavam com a lucidez e esperteza usuais. De repente, ele ficou sério.

— Erik? — quis saber.

Duncan meneou a cabeça e baixou o olhar, tentando controlar a dor profunda que sentia no coração a cada menção do nome do irmão.

— Minha Mãe Santíssima! — exclamou Angus, os olhos brilhando com um misto de dor, raiva e culpa. — Eu devia protegê-lo, mas falhei — completou, cerrando os olhos.

Duncan não podia confortar Angus dizendo que ele não falhara, pois isso de fato acontecera. Angus acompanhara seu irmão para proteger o jovem guerreiro, e agora Erik estava morto.

— O que aconteceu? — perguntou Duncan. — Quero que me conte o que se passou antes de decidir o que vou fazer. Preciso punir os bastardos certos.

— Se pensa que foram os MacDougal, tem toda a razão. Uma onda de ira e uma sede de vingança perpassaram a

alma de Duncan. Com dificuldade, Angus se recostou contra a cabeceira do leito e apanhou a jarra de água na mesa ao lado da cama. Em vez de servir a caneca de prata, entretanto, levou a jarra diretamente aos lábios.

— O que aconteceu, Angus? — urgiu Gavain.

Irado, o homem depositou a jarra de volta sem delicadeza e fitou os cavaleiros à sua frente.

— Aconteceu rapidamente — começou com voz frustrada. — Impossível dizer de onde surgiram.

— Está dizendo que não notou que se aproximavam? — estranhou Duncan, e Angus hesitou.

— Eu os vi, mas já era tarde demais. Estavam praticamente em cima de nós.

— Disseram algo antes de atacar?

— Não me lembro do que disseram exatamente, mas não foi muita coisa. Porém, há algo de que me lembro com clareza.

— O quê? — perguntou Quinn antes de Duncan.

— Disseram que estávamos ultrapassando a fronteira. Duncan se surpreendeu. Era a última coisa que esperava

ouvir. Embora a invasão das terras de um clã fosse uma ofensa passível de morte, raramente a pena ocorria, a menos que o perpetrador fosse pego roubando algo ou cometendo algum crime. Com frequência, os clãs capturavam o invasor e o devolviam ao seu povo, às vezes depois de lhe dar uma surra como lição.

O que Duncan queria saber era se os MacDougal haviam mencionado algo a respeito da morte da família de Cat. O que ouvia agora não fazia sentido.

— Além do mais — Angus prosseguiu —, não havíamos ainda adentrado as terras dos MacDougal, e eles sabiam disso. Estávamos na fronteira, mas ainda não a havíamos transpassado. Foi onde nos encontraram, não foi?

— Sim.

— Está vendo? Não estávamos invadindo coisa alguma.

— Lembra-se do que ocorreu depois? — perguntou Quinn.

— Jamais esquecerei — Angus assegurou em tom amargo. — Eu lutava contra dois deles, e Erik contra outros dois. O rapaz lutou valentemente, como um verdadeiro MacPherson. Você teria muito orgulho de seu irmão, Duncan. — Angus fez uma pausa, como se rememorasse a batalha. — Mas estávamos em desvantagem.

— Qual a sua posição e a de Erik quando tudo aconteceu? — Duncan quis saber.

— Havíamos desmontado para discutir a estratégia a seguir antes de entrar na propriedade dos MacDougal. Eles nos atacaram sem aviso prévio.

— Mas qual era sua distância de meu irmão quando a luta começou? — Duncan insistia em saber detalhes, pensando no ferimento que Erik tinha nas costas. Fora esse o golpe que o matara, apesar de lhe terem também cortado a garganta.

— Três ou quatro metros no máximo — explicou Angus.

— Se estavam em desvantagem, por que não lutaram de costas um para o outro? — perguntou Duncan, pois era o que faziam nesses casos.

Ao ouvir aquilo, Angus se moveu sobre o colchão, incomodado.

— Lutamos assim durante algum tempo, mas em um determinado momento acabamos nos separando. Após liquidar os dois MacDougal que me enfrentavam, voltei para defender

seu irmão... Mas era tarde demais. Eles já o haviam obrigado a se ajoelhar e cortaram sua garganta antes que eu pudesse alcançá-los.

— Malditos! — rosnou Gavain.

— Pagarão pelo que fizeram — acrescentou Quinn no mesmo tom.

— Eu queria aniquilar os dois desgraçados que atacaram Erik, e teria conseguido se um deles não tivesse conseguido se colocar atrás de mim.

Duncan franziu o cenho, cruzando os braços sobre o peito.

— Não havia mais nenhum corpo lá, a não ser o seu e o de Erik.

— Decerto os MacDougal levaram seus mortos para não deixar evidências — sugeriu Angus.

— Mas você não estava morto. Sendo assim, saberiam que iria nos contar o sucedido e revelar o que fizeram.

— Talvez não tivessem certeza que eu estivesse vivo.

— Não me parece razoável. Por que se dariam o trabalho de carregar cadáveres, se nem se importaram em checar se estava vivo? ?

— Não sei. Talvez não quisessem que você soubesse que conseguimos matar dois dos guerreiros deles.

— Não faz sentido.

— Mas agora sabemos quem cometeu esse ato traiçoeiro, Duncan — interveio Gavain. — E tudo que conta.

— O que importa é obter o máximo de informação antes de confrontar os MacDougal.

— Confrontar? — replicou Gavain de pronto, deixando óbvio que o termo usado por Duncan era suave demais.

Intuindo que Gavain queria dizer mais do que colocava para fora no momento, Duncan adivinhou que o guerreiro usava toda a força de vontade para manter a boca fechada. Porém, não era difícil saber o que estava pensando.

— Tomarei minha decisão quando todas as minhas perguntas forem respondidas. E se tem algo a dizer, Gavain,

é melhor que o faça agora. Caso contrário, mantenha silêncio.

O homem apertou as mandíbulas, todavia nada disse. Satisfeito, Duncan tornou a fitar Angus.

— Não posso crer que os MacDougal tenham levado os cadáveres dos próprios guerreiros sem ter verificado que você estava morto.

— Não é minha tarefa explicar por que os MacDougal agem de uma forma e não de outra — volveu Angus.

Tinha de haver algo mais, Duncan refletiu. Algo não aparente, que ele ainda não sabia.

— Erik tentou explicar nossa missão — começou Angus —, mas não lhe deram ouvidos.

— Sabiam que Erik era meu irmão?

— Sim. Ele ainda revelou isso antes de ser atacado, mas os MacDougal nem sequer se importaram. Parece até que ficaram felizes em saber. Agora estou me lembrando com mais detalhes de como tudo ocorreu.

— Tem certeza de que não haviam ultrapassado a fronteira? — perguntou Duncan, mais confuso a cada instante.

— Absoluta.

— Confirma que a luta ocorreu no local onde os encontramos, pouco antes da fronteira com os MacDougal?

Angus pigarreou, hesitante.

— Pensando bem, talvez tenhamos nos deslocado antes de a luta começar.

Duncan meneou a cabeça, pensativo. A informação fornecida por Angus já lhe dera muito que pensar. As peças do quebra-cabeça não se encaixavam. Tinha de haver alguma razão para os MacDougal terem agido daquela forma. A invasão de seu feudo jamais seria motivo para um massacre, muito menos se Erik explicara que vinham propor um acordo.

Além disso, matar o irmão do senhor de um feudo vizinho era uma ofensa grave, que podia conduzir à guerra.

Sendo assim, por que usar a invasão como pretexto? E por que tinham sido tolos o bastante para deixar Angus vivo?

Talvez Angus não estivesse se lembrando dos fatos com objetividade, Duncan refletiu. Afinal, o guerreiro acabara de voltar a si. Seria necessário dar-lhe algum tempo para colocar as idéias em ordem. Quem sabe terminasse se recordando de algo mais.

Mas havia outra pessoa que podia ter a chave para as respostas de que ele necessitava. Uma pessoa que definitivamente não estava disposta a cooperar.

Duncan não bateu à porta de Cat. Ao entrar no quarto, ele não a viu e a primeira coisa que pensou foi que a moça houvesse escapado.

Um ruído suave de água e uma exclamação reprimida de surpresa às suas costas, entretanto, lhe chamaram a atenção. Ao virar-se, deparou-se com Cat imersa na banheira de cobre.

Sentindo o corpo reagir imediatamente ao que via, praguejou contra si mesmo.

— Saia daqui! — ela gritou, furiosa.

— Tenho de lembrá-la que esta é minha casa? — ele replicou com a neutralidade que a irritava tanto. — Um pouco de cortesia seria bem-vinda.

Cat estendeu o braço, pretendendo agarrar a toalha, mas Duncan foi mais rápido e colocou a toalha fora de seu alcance.

— Dê aqui esta toalha, seu b... ?

— Bastardo? — Duncan completou por ela. — Já está na hora de mudar suas imprecações, Cat. Pensei que fosse mais criativa.

Atirando a toalha sobre o ombro, ele fechou a porta atrás de si com o pé.

— Parece estar confortável aí dentro — disse, perpassando os olhos pelo que podia ver do corpo delgado, e mal controlando a tentação de se aproximar mais.

Por fim, não resistiu e chegou mais perto. A carne de Cat parecia ainda mais tenra imersa na água. As pontas cor-de-rosa dos seios estavam logo acima da superfície, e enrijeceram sob o calor de seus olhos. Outra vez Duncan teve de se esforçar para não tocá-los.

Sentindo a excitação crescer, sobretudo na parte de seu corpo que atestava sua masculinidade, ele imaginou o

cerne de Cat escondido sob a água morna. Gostaria de tocá-la também ali, e precisou de toda a sua concentração de guerreiro para não perder a cabeça. Viera discutir outras coisas. Não podia se deixar levar pelos arroubos do corpo.

— Afastede-se de mim! — exclamou Cat, cobrindo os seios com as mãos.

— Tire as mãos — ele ordenou, sentindo um prazer perverso em humilhá-la.

Cat não se moveu. Seus longos cabelos flutuavam sedosos sobre a água, parecendo lava. Uma tentação que parecia vir do inferno dos desejos.

— Se não remover as mãos, vai me obrigar a fazê-lo. Mas talvez seja isso o que queira?

— Preferiria ser queimada viva em óleo fervente!

— Seu humor é mais quente do que óleo fervendo. Por isso podemos aventar outras possibilidades — ele acrescentou com voz rouca, fitando a expressão desafiadora de Cat e sentindo uma nova onda de desejo. Irritado consigo, quando tornou a falar, seu tom era ríspido: — Tire as mãos, Cat.

Por um momento, ele acreditou que ela fosse se recusar novamente. Até teve a esperança de que ela o fizesse. A vontade de possuir aquele corpo, de tocar aqueles seios e a flor escondida entre suas pernas era quase insuportável.

Devagar, ela desceu os braços revelando os seios gloriosos. Duncan ficou-se imóvel, fitando os bicos tenros como um parvo. Dentro dele, a excitação imensurável ganhou ainda mais força. Erguendo a face, ele a fitou nos olhos. Dois fragmentos de gelo ametista. Por detrás da frieza, no entanto, neles, também brilhavam excitação e desejo.

— Tem prazer em me humilhar, lorde todo-poderoso? Respirando fundo, Duncan sentou-se em uma cadeira ao lado da banheira.

— Por que tem vergonha? Seu corpo é lindo e está maduro como uma fruta pronta para ser colhida — disse, mergulhando um dedo na água e circulando-o ao redor de um dos seios de Cat, ainda que sem tocá-lo. Como resultado, o mamilo enrijeceu e ganhou uma coloração ainda mais rosada. — Vê como floresce para mim? Vai fazer tudo que eu disser.

— Não.

— Quer que eu a toque, mas eu não o farei.

— Não quero nada de você.

— Sabe que posso fazê-la mudar de idéia.

Se as faíscas no olhar de Cat fossem flechas, Duncan certamente já estaria morto.

— O que você quer? — ela perguntou, cerrando os dentes.

— Respostas para certas perguntas — ele respondeu, alongando as pernas e deslizando as costas pelo espaldar da cadeira.

— Já respondi a todas as suas perguntas!

— Ainda não. Creio que esconde algo de mim. Algo que pode significar a salvação dos cavaleiros de seu clã.

— Você não tem certeza se os do meu clã assassinaram seu irmão.

— Agora penso de forma diferente.

— Por que ainda está aqui se já sabe tudo? Vai atacar meu povo independentemente do que eu disser!

— Então realmente tem algo mais a me dizer.

— Não! — replicou Cat com determinação. Duncan resolveu tentar uma aproximação diferente.

— Seu clã mata aqueles que trespassam suas terras?

— Não sei — ela respondeu, observando-o com atenção. — Por quê? Disseram-lhe que essa foi a razão de terem matado seu irmão? Ele estava em nossas terras?

— Sou eu quem faz as perguntas.

— Então vá procurar as respostas em outro lugar! Está querendo me usar para condenar meu clã, mas não serei usada! Saia daqui!

Em vez de atender ao pedido, Duncan inclinou o corpo e tocou os cabelos sedosos de Cat. A fúria pelo assassinato do irmão e a necessidade do corpo nu daquela mulher o desestruturavam.

— Um homem menos paciente não agüentaria essa sua língua venenosa. Sabe disso tão bem quanto eu.

— E uma mulher menos fraca já teria enterrado um punhal em seu maldito coração.

— Não tem um punhal, mas sei que o faria caso tivesse — assegurou Duncan, estudando-a. — É essa a questão? Vê a si mesma como um ser fraco, que não vingou os pais por não ter me matado?

Sabendo que o guerreiro tocava no cerne da questão, Cat desviou o olhar. Duncan, porém, puxou-lhe o cabelo suavemente, obrigando-a a fitá-lo.

— Não pense que sabe o que vai dentro de mim — ela disse num murmúrio.

— Eu a compreendo melhor do que imagina.

— Diga de uma vez por todas o que veio dizer e vá embora! — ela demandou, a respiração agitada pela raiva, os bicos dos seios aflorando à superfície da água por um momento. — Não tenho medo de você!

— Mas devia ter, ainda que seja uma mulher corajosa— revidou Duncan em tom suave, porém ameaçador.

Ele admirava a coragem dela, mas aquela atitude de eterno desafio teria de mudar. Jamais permitiria que um homem se dirigisse a ele daquela maneira.

No entanto, Cat não era um homem, o que complicava as coisas. Por isso, também, teria de fazê-la ver que ele não seria provocado impunemente.

— Está tremendo de frio. Saia da água e enxugue-se. Duncan acreditava que ela fosse recusar, mas não foi o

que ocorreu. Talvez houvesse aceitado a derrota, o que era improvável, ou talvez premeditasse outra maneira de atacá-lo, o que era uma hipótese muito mais plausível. Ela não pecava pela falta de imaginação. Uma mente fértil se ocultava atrás daqueles olhos.

Cat se ergueu em um movimento rígido. Parecia uma deusa mítica emergindo da água. Os longos cabelos vermelhos deslizaram, colando-se ao longo de seu corpo como um rio de fogo.

Duncan a observou, fascinado. Gotas de água deslizaram pelos seios túmidos, seguindo sobre o estômago até desaparecerem entre os cachos também avermelhados que lhe cobriam o final do ventre. Ainda mais tensa ao se ver observada, ela esticou o braço.

— Passe-me a toalha — disse, mas ele fez que não com a cabeça.

Diante da nudez de Cat, a pequena porção de seu cérebro que ainda funcionava com lucidez lhe dizia que o método que escolhera para fazê-la falar significaria o paraíso e o inferno ao mesmo tempo. Mas ela não podia desafiá-lo eternamente.

— Responderei às suas perguntas quando estiver vestida.

— Quero que as responda agora.

— Não permitirei que me humilhe dessa forma!

— Não tem escolha. Venha cá — estipulou Duncan, retirando a toalha que ainda trazia sobre o ombro.

— O que pretende fazer?

— Está preocupada?

Ela hesitou um instante, mas logo retomou a confiança.

— Nada do que possa fazer me deixará preocupada.

— Está mentindo — ele afirmou, abrindo a toalha ainda que sentado. — Venha cá...

— Não me curvarei a você, MacPherson.

— Vai fazer o que digo, moça. As cartas estão a meu favor — ele afirmou, admitindo para si que não era verdade. A beleza de Cat o abalava, justamente a ele, um homem conhecido pelo autocontrole. — Aproxime-se. Vai vir por vontade própria ou terei de obrigá-la? Não vai gostar nem um pouco se me obrigar a tomar tal atitude. \

Devagar, ela se aproximou. Ao chegar em frente a Duncan, parou como um guerreiro orgulhoso, ainda que pequeno. Sua coragem e destemor o fascinavam cada vez mais.

— Responderá às minhas perguntas enquanto eu a enxugo. Para cada pergunta que não responder, sofrerá uma punição — alertou, sabendo, pela maneira como Cat o fitava, que ela estava ciente do tipo de punição a que ele se referia. — Aproxime-se mais — ordenou, abrindo as próprias pernas de modo que ela pudesse se encaixar no espaço. A falta de alternativa a fez obedecer, mas ela manteve a face erguida e os olhos fixos na parede atrás dele, recusando-se a fitá-lo. Ele passou a enxugar-lhe o ventre. — Está escondendo algo de mim, e quero saber o que é — afirmou, roçando a toalha com suavidade sobre a pele sedosa.

— Não estou escondendo nada. Já disse isso dezenas de vezes — ela replicou, e Duncan ergueu a toalha até tocar a base dos seios.

— Me contaram que os homens que mataram Erik foram informados de quem ele era, e também da missão que o levava às terras do seu clã — explicou Duncan, enxugando agora as nádegas bem-feitas. — Assim sendo, os cavaleiros que o assassinaram sabiam muito bem das consequências do que faziam. Foi como cometer suicídio, pois sabem que somos mais fortes.

— Por acaso você se esqueceu de que matou meus pais?

— Uma razão para desejar fazer jorrar o sangue MacPherson, mas não suficiente para matar o irmão do senhor do clã.

— Meus pais eram tão importantes quanto seu irmão — Cat revelou subitamente.

— Importantes o suficiente para justificar a morte de todos os MacDougal? — ele perguntou, sentindo o corpo dela enrijecer sob as mãos. — Olhe para mim — ele ordenou, deixando-a outra vez sem alternativa.

Ainda que relutante, ela abaixou a cabeça para fitá-lo. Seus lindos olhos cor de ametista enfeitiçavam como a magia de Circe.

— Sei que tem algo mais a me dizer — insistiu Duncan, mas Cat permaneceu calada. — Se é assim, é hora de pagar uma punição.

— Eu já disse e repeti que não tenho nada mais a revelar!

— Resposta errada.

— Está se divertindo em me humilhar.

— Quero respostas e colaboração, e não estou tendo nenhuma das duas.

— Assassinos não merecem colaboração nem respostas!

— Vou lhe dizer o que mereço — disse Duncan apertando as coxas de Cat sob a toalha. — Mereço seu respeito e obediência, e estou cansado de não tê-los.

— Não! — Ela deu um passo para trás, porém ele a reteve pela cintura, fazendo oscilar os seios a centímetros de sua face.

Com um suspiro, Duncan começou a sugar com gentileza um dos mamilos. Ao cabo de alguns segundos, passou para o outro seio. Acariciava o bico tenro com a língua, agora mais rígido do que nunca.

Ao sugar com mais força, sentiu o corpo de Cat estremecer. Ela soltou um murmúrio. Ele a libertou da torturante carícia por fim, e afastou o rosto, relutante. Então, tornou a erguer a toalha e começou a secar os braços agora lânguidos.

— Vou fazer uma pergunta mais fácil antes de retornar à que acabei de fazer. Pensou no que lhe disse a respeito da morte de seus pais?

Cat não respondeu de pronto. No silêncio que seguiu, Duncan pensou que não tinha certeza de quanto tempo mais poderia prosseguir fazendo o que fazia sem perder o controle. Em vez de deixá-la sem saída, ele colocara a si próprio em uma situação difícil. Entre suas pernas, o membro viril estava tão rijo que chegava a doer.

— Sim — ela admitiu finalmente. — Pensei.

— E a que conclusão chegou?

— Não mudei minha opinião. Ninguém no mundo nos odeia tanto quanto os MacPherson.

— Não soa tão convencida como antes. Tem dúvidas agora?

— É o que gostaria que eu dissesse, não é?

— Não é por minha própria paz de espírito que pergunto isso, moça. É para a sua paz de espírito. Eram os seus pais, e não os meus. Se fossem meus pais, eu necessitaria ter certeza a respeito de quem os matou.

— Como está fazendo depois da morte de seu irmão? Seu tom de voz surpreendeu Duncan, pois não tinha a

usual agressividade, nem era acusatório.

— Sim, como estou fazendo depois da morte dele. E como faria se houvesse acontecido com qualquer membro do meu clã. E o que você deveria fazer até descobrir os assassinos de seus pais.

Por um momento fugaz, os olhos de Cat revelaram sua dúvida. Em um segundo, porém, a agressividade retornou.

— Não venha me dizer o que devo ou não fazer. Eu amava meus pais — ela disse com o lábio inferior tremendo. Em um instante, no entanto, se recompôs. — Sei o que faço e não preciso de seus conselhos nem de sua ajuda.

Duncan calou e prosseguiu na tarefa de enxugá-la, embora quase em vão. Não queria parar.

— Interroguei meus homens, mas nenhum deles sabe a respeito da morte de seus pais.

— Naturalmente prefere acreditar neles e não em mim — Cat replicou com sarcasmo.

— Meus guerreiros são homens bons, e sabem o preço que pagarão se mentirem para mim. A punição que sofrerão será muito maior do que a sua. Portanto, reze para que eu seja benevolente com você.

— Não necessito de sua benevolência. Não quero nada de você.

— Compreendo. Sendo assim, creio que posso retornar à outra pergunta. Já que não quer, não tenho motivo para ser condescendente.

O olhar intenso de Duncan passou a incomodá-la de tal forma, que Cat começou a erguer os braços para cobrir o peito. A meio caminho decidiu usar os longos cabelos para cobrir parte da nudez.

Vê-la envolta naquele manto vermelho e sedoso quase fez Duncan perder finalmente a cabeça. Por entre as me-chas úmidas sobressaía a pele alva. Os bicos rosados dos seios se insinuavam em duas leves protuberâncias. Era impossível estar tão próximo dela sem tocá-la. Duncan se levantou, e Cat deu um passo para trás.

— O que não está me dizendo? — ele insistiu com voz rouca.

— Não conseguirá me obrigar a dizer mais nada. Se não posso me vingar da forma como desejaria, ao menos o farei mantendo silêncio.

O comentário foi a gota d'água. Ele a agarrou pela cintura com tanta força que quase a ergueu do solo. Em seguida carregou-a para o leito e a jogou sobre o colchão.

— Lembra-se do que eu disse antes? O que disse que eu lhe faria caso insistisse em continuar testando minha paciência? Lembra-se?! — perguntou em uma explosão de raiva e impaciência que o desejo frustrado de tocá-la tornava ainda maior.

Cat meneou a cabeça, trêmula.

— Pois vai sofrer a punição definitiva por sua impertinência.

Maldição! Duncan pensou. Ele a desejava e necessitava possuí-la, mas não dessa maneira! Entretanto, a insolência e teimosia de Cat ultrapassavam o limite do suportável. Desde o princípio ele soubera que esperar colaboração da parte dela era inútil. Ela manteria seu orgulho e não se renderia.

Agora ele precisava vencer tal obstinação sem feri-la fisicamente.

Mas ser tocada pelo inimigo, Duncan sabia, a forçaria a falar. A despeito do desejo que brilhava nos olhos cor de ametista, ela preferiria dar respostas a tê-lo dentro do próprio corpo.

Duncan a fitou. Os cabelos ainda úmidos se colavam às curvas sinuosas, tentando-o a possuir aquele corpo sem piedade.

Cat o observou, transfixada, enquanto ele retirava o colete de couro e passava a desabotoar a camisa. Medo e excitação se alternavam em seu rosto, mas por fim o medo prevaleceu, apesar de rapidamente se transformar em raiva.

De repente, ela o golpeou com um pontapé. Duncan, no entanto, foi rápido o suficiente para agarrar-lhe o tornozelo antes que o golpe o atingisse. Cat ainda tentou golpeá-lo com o

outro pé, mas de novo ele segurou seu tornozelo, imobilizando-a. Devagar, abriu as coxas de Cat.

— Agradeço por facilitar as coisas para mim — disse Duncan, aproximando a face de seu mais íntimo recanto. — Vou provar o sabor que você tem, a menos que me conte o que quero saber.

Duncan já não sabia se o fazia para obter a informação que queria, ou se porque já não conseguia resistir ao desejo. Ao fitá-la, notou que Cat tinha lágrimas nos olhos.

E a constatação o tornou fraco para levar a cabo a punição prometida.

Céus. Precisava endurecer a alma e não apenas o corpo!

— Maldição! Fale de uma vez, Cat!

Ela cerrou os olhos com força, e o gesto fez as lágrimas transbordarem, umedecendo os cílios.

Sem hesitar, Duncan incitou Atlas, sua garbosa montaria, a avançar alguns metros sobre a ponte.

— Não atravesse a ponte! — alertou o MacDougal. — Meus homens têm ordens de atacar quem de vocês o fizer.

— Se eu quisesse atravessar esta ponte, eu o faria. Mas não me interessa fazê-lo. Só quero olhá-lo mais de perto.

— Deu-se ao trabalho de vir até aqui somente para me olhar mais de perto? — perguntou o feroz cavaleiro ruivo.

— Gosto de ver bem meus inimigos antes de matá-los

— declarou Duncan.

Ao ouvir aquilo, os cavaleiros que circundavam o homem deram um passo adiante, prontos para defender seu líder.

— Não avancem — ordenou o MacDougal. — Ele não fará nada.

— Não teria tanta certeza — refutou Duncan em tom relaxado. — Quem é você?

— Você e seus homens têm cinco minutos para ir embora destas terras. Fique grato por eu estar de bom humor, caso contrário seu corpo já estaria esfriando sobre a terra.

— E você quem deve ficar grato por eu não passar com meu cavalo sobre sua cabeça. Eu não me daria o trabalho de sujar minha lança — replicou Duncan, fazendo Atlas avançar mais um metro.

Os cavaleiros MacDougal reagiram erguendo as armas e avançando também. O líder deles, entretanto, fez um gesto para permanecerem onde estavam.

— Se está procurando luta, MacPherson, é o que vai encontrar — alertou o guerreiro ruivo. Antes de continuar, virou-se para os cavaleiros que o acompanhavam e riu alto. — Os MacPherson são um povo que dá vontade de rir

— disse com escárnio. Então, tornou-se sério de repente e fitou um dos homens sob seu comando. — Dê trinta segundos a eles para partirem — instruiu. — Caso não o façam, pode matá-los — finalizou, dando meia-volta e começando a retornar para o interior do castelo.

— Sei que você não é o lorde deste clã — Duncan gritou, fazendo o MacDougal parar de caminhar. Devagar, o homem se virou para fitá-lo.

— Alec MacDougal está morto, se é o que está insinuando. Sou Malcolm MacDougal, irmão dele. O novo lorde deste clã.

— Errado. A moça que tenho em Skye é a nova líder dos MacDougal por direito de nascença.

— Que moça? — perguntou Malcolm com expressão sombria.

— A filha de Alec MacDougal.

— Meu irmão não tinha filha.

— Está negando seu próprio sangue? — inquiriu Duncan, franzindo a sobrancelha. — Quer obter a liderança dos MacDougal usurpando o direito da herdeira deste povo? — questionou Duncan, e os cavaleiros MacPherson atrás dele começaram a murmurar entre si.

— Ninguém está tentando usurpar nada — Malcolm devolveu, sem dissimular sua tensão.

— Então você não é somente mentiroso, mas covarde também — concluiu Gavain.

Ao ouvir o comentário, Duncan se virou e fitou o cavaleiro, num aviso para que se mantivesse calado. Não eram as palavras de Gavain que o incomodavam, pois eram verdadeiras. Mas não queria interferências na conversa.

— A moça não tem nenhum interesse em assumir a liderança deste clã — disse Malcolm quando Duncan tornou a encará-lo.

— Pensei tê-lo ouvido dizer que Alec MacDougal não tinha filha — ironizou Duncan, notando o brilho maléfico nos olhos do homem. Um brilho que revelava uma natureza cruel e não confiável, que parecia se acentuar quando o nome da sobrinha era mencionado.

— Se Alec MacDougal tem ou não uma filha, não lhe diz respeito.

— Diz respeito, desde que a moça invadiu minhas terras afirmando que assassinei o pai dela. Você sabe tão bem quanto eu que isso não é verdade.

O pretenso líder MacDougal não pareceu se surpreender ao ouvir aquilo. Pelo contrário, sua reação demonstrava que sabia para onde Cat tinha ido. Talvez ele até mesmo a houvesse encorajado.

— Sabemos que foi você quem matou o antigo senhor deste clã — refutou Malcolm MacDougal.

— Se eu o tivesse feito, não teria razão para esconder. Certamente não correria de medo de um MacDougal e assumiria a responsabilidade por meu ato.

— Encontramos um pedaço de tecido ensanguentado. Um tecido com as cores dos MacPherson.

— Já ouvi essa história antes — replicou Duncan, descartando as palavras com um gesto. — Se encontraram um pedaço de tecido com as cores do meu clã, é porque alguém o colocou ali propositadamente para nos incriminar. Nenhum de meus cavaleiros matou seu senhor. Tenha certeza que, caso desejássemos, escalaríamos as muralhas desse castelo para cortar a garganta de lorde MacDougal onde quer que ele estivesse. Mas por que o faríamos? Não seria de nosso interesse.

Ao ouvir aquilo, dois dos guerreiros MacDougal desembainharam a espada, preparando-se para atacar. Malcolm, no entanto, tornou a erguer a mão, ordenando que ficassem onde estavam, e virou-se para encarar Duncan outra vez.

— Sabe que não teria tido de escalar as muralhas de nosso castelo para assassinar meu irmão. Ele foi atacado quando retornava de Alberdeen. Se não houvéssemos parado para ajudar uma família com a casa em chamas, teríamos retornado ao castelo em vez de passar a noite no campo. Foi essa circunstância que tornou o senhor deste povo uma presa fácil para você.

— Crê que perderíamos tempo seguindo vocês pelos campos? Pensa que não temos coisas mais importantes a fazer? — perguntou Duncan, rindo.

Interiormente, ele não ria, pois o que acabava de ouvir contradizia o que Cat dissera a respeito da morte do pai. Cat afirmara que os pais haviam sido mortos na casa onde moravam, a fortaleza Minch Castle. Pelo visto, não fora totalmente honesta com ele.

— Você sabia que meu irmão tencionava propor um acordo de paz entre nossos clãs — continuou Malcolm.

Embora se mantivesse impassível, Duncan ficou chocado com a nova informação.

Alec MacDougal tencionava propor a paz entre os dois povos? Se fosse verdade, isso trazia uma nova dimensão à sua morte, pois qualquer um que não tivesse interesse nisso poderia tê-lo assassinado.

— E agora ele está morto, supostamente assassinado pelo mesmo clã com o qual desejava estabelecer a paz. Bastante conveniente, não acha? — disse com ironia.

— O que está insinuando?

— Quem lucraria com a continuação da guerra entre os clãs e com o assassinato de lorde MacDougal? — ele perguntou, notando que dois dos guerreiros de Malcolm trocavam um olhar significativo entre si. Antes de Malcolm responder, Duncan prosseguiu: — Quem estava encarregado da proteção de seu lorde quando ele morreu? — inquiriu, porém Malcolm se manteve calado, o que já valia como resposta.

— Compreendo. Era você o responsável pela segurança do senhor do clã MacDougal. E falhou miseravelmente na tarefa.

— Ele se hospedou dentro da casa junto com a família. Eu e meus homens ficamos do lado de fora. Mas você sabe de tudo isso, pois furou nosso cerco de proteção. No entanto, deixou uma testemunha para seu ato sanguinário, a moça. Se ela houvesse gritado e nos chamado, você não teria conseguido matar meu irmão.

— Não seja tolo. Eu teria matado você e seus homens antes.

— Havia dez guardas com o lorde. Não teria conseguido matar a todos nós, a menos que tivesse o dobro de homens consigo. E sei que vocês eram somente três.

Malcolm sabia quantos homens haviam atacado o senhor MacDougal porque Cat fora testemunha da matança e lhe contara.

— Três dos meus cavaleiros seriam mais do que suficientes para aniquilar dez dos seus homens — garantiu Duncan.

— Portanto, o que diz não faz sentido nem prova nada. Os homens que defendiam seu senhor deviam ser punidos, talvez até mesmo com a morte. Dez homens para protegê-lo, e nenhum conseguiu manter a integridade física do líder. É vergonhoso!

— Se a filha de Alec houvesse gritado para nos alertar, teria salvado a vida do pai — argumentou Malcolm com irritação.

— Quer justificar sua inaptidão colocando a culpa em uma moça? — volveu Duncan sem conseguir acreditar no que ouvia. — Uma jovem que estava aterrorizada pela visão de um ataque horrível? Você não é um cavaleiro. É um idiota.

— Guardas! — rugiu Malcolm, furioso. — Armas em punho — instruiu, e tanto os quatro cavaleiros quanto as duas sentinelas se colocaram em posição para atacar Duncan e seus homens.

— Pense bem no que vai fazer — alertou Duncan. — Tenho a moça em meu domínio — lembrou, mas aquilo não pareceu afetar o tio de Cat. — Estou certo de que o resto de seu povo não gostaria de saber que ela foi ferida por você ter agido precipitadamente.

Um tenso instante de silêncio se instalou antes de Malcolm tornar a falar.

— O que você quer? — perguntou afinal.

— Quero os homens que assassinaram meu irmão.

— Nenhum de meus homens assassinou seu irmão — ele garantiu com impaciência.

— Estou inclinado a acreditar no que me diz tanto quanto você acredita que nenhum dos MacPherson matou seu irmão.

— Dou-lhe um minuto para ir embora daqui. Caso contrário, ordenarei a meus homens que ataquem.

— Antes de você dar essa ordem, eu atravessaria sua garganta com minha espada — assegurou Duncan. — Sou eu quem lhe dá três dias para me entregar os bastardos que assassinaram meu irmão. Se não o fizer, eu voltarei.

Sem esperar por resposta, Duncan deu meia-volta com o cavalo e fez um gesto para que os cavaleiros MacPherson o seguissem. No instante seguinte, os cinco partiam a galope, deixando os MacDougal envoltos em uma nuvem de poeira.

Duncan parou na entrada do salão solar e observou Cat e Meg. Os raios brilhantes do sol entravam pelas grandes janelas do teto e inundavam o ambiente com luz. Sua mãe adorava esse salão.

Costumava dizer que era uma amostra do paraíso. O marido dela, o antigo lorde MacPherson, brincava dizendo que ela era romântica demais, mas Duncan sabia que ele não poupava esforços nem recursos para conseguir os vidros importados e afrescos que adornavam o teto abobadado.

Com frequência, Duncan se lembrava dos traços de caráter que admirava na mãe quando esta era viva. Uma mulher de convicções fortes, que defendia com paixão aqueles a quem amava, sempre determinada a fazer valer os próprios pontos de vista quando tinha certeza de estar correta a respeito de algo.

Tal como Cat, pensou, enquanto observava as duas mulheres sem ser notado.

Cat estava sentada com a face inclinada para baixo. A luz da janela às suas costas criava uma aura ao seu redor enquanto ela tirava suaves acordes musicais do alaúde que sustentava entre as pernas. Parecia relaxada na companhia de Meg, o que não era de surpreender. O jeito suave da moça sempre tranqüilizava as pessoas.

Meg o procurara na manhã daquele dia para pedir permissão para retirar Cat do quarto por algumas horas. Duncan concordara, com a condição de que Jock se mantivesse por perto, pois tinha certeza que Cat não hesitaria em escapar caso tivesse chance.

Subitamente, Cat ergueu o rosto e o fitou, como se adivinhando sua presença. Ao vê-lo, parou de tocar.

— Não pare de tocar por minha causa — pediu Duncan quando o eco das últimas notas desapareceu no ar.

— Perdi a vontade.

Tornando a abaixar o rosto, ela fitou o instrumento, tentando amainar os pensamentos e sensações indesejáveis que a assaltavam ao ver Duncan. Como podia odiá-lo e ao mesmo tempo ter o corpo reagindo a cada vez que o via?

— Meg, pode nos deixar a sós um momento? — pediu Duncan.

Ao vê-la se levantar, Cat sentiu um aperto no estômago.

— Não esqueça o que eu lhe disse — Meg murmurou antes de partir.

Um instante depois, ela se viu a sós com o guerreiro no grande salão. Não esquecera os comentários da moça. Meg havia dito que nem tudo era como parecia à primeira vista, e seu tom ambíguo a deixara mais confusa.

Independentemente do que Meg quisera dizer, o fato era que a fez pensar ainda mais nas circunstâncias que resultaram na morte dos pais. E sobre quem tinha a culpa pelo acontecido.

— Meg gosta de você. — A voz de Duncan soou, desviando-lhe os pensamentos. — E creio que você também gosta dela.

— Talvez — replicou Cat com uma indiferença que não sentia.

Duncan sorriu, pois sabia que a jovem MacDougal fazia força para esconder a amizade que começava a brotar entre as duas mulheres.

— Está surpresa por descobrir que pode se tornar amiga de alguém que pertence ao clã dos MacPherson?

— Não posso imaginar algo mais improvável.

— Há algo em Meg que torna impossível não se afeiçoar a ela. Não conheço pessoa tão boa.

Isso era verdade. O único problema com a moça era ela acreditar que o senhor de seu povo era um homem respeitoso e honrado.

Levantando-se da cadeira, Cat depositou o alaúde sobre um banquinho de couro. Sentia-se incomodada, e longe da tranquilidade que desfrutara havia pouco. Será que o MacPherson pretendia tocá-la novamente? Se pretendesse, ela não permitiria.

— E então? — começou, buscando coragem. — Já esclareceu suas condições para o meu povo?

— Sim.

— Quais são?

— Dei um prazo de três dias para entregarem os culpados pelo assassinato de meu irmão.

— Ou...?

— Sabe a resposta para essa pergunta.

Meneando a cabeça, Cat fez meia-volta e se afastou alguns passos.

— Sendo assim, a situação está clara, e você já tem o que deseja.

— Não creio que tenhamos obtido o que desejamos — replicou Duncan em um tom desconhecido. Um tom gentil, quase terno. Era patente que estava sendo cordial e não queria desgostá-la impondo sua presença. Mantinha uma distância respeitosa, tanto física quanto ao utilizar um tom de voz e palavras que não impunham seu poder e dominância. — Por que não me contou que não estavam em casa quando seu pai morreu? — perguntou, sem agressividade.

— Nunca afirmei que estávamos em minha casa.

— Não é verdade.

Cat tentou lembrar-se da maneira como descrevera os fatos. Realmente não se recordava de ter dito ou dado a entender que estavam em casa, todavia não tinha certeza. Muitas vezes as memórias que a assaltavam quando estava acordada vinham mescladas com as imagens dos sonhos e pesadelos, e era difícil distinguir o real do imaginário.

— Se o fiz entender algo diferente, foi por engano.

— Tem certeza de que se lembra bem de como as coisas ocorreram na morte de seus pais? —;

— Claro que sim! — Ela se virou para encará-lo.

— Então me conte outra vez.

— Por quê?

— Porque talvez se lembre de algo que tenha esquecido antes.

— Como poderia ter me esquecido? — ela retorquiu, sentindo outra vez a dor e a mágoa a inundar-lhe a alma.

— Traumas podem causar reações estranhas nas pessoas — afirmou Duncan, gentil.

— Não é o seu caso no tocante a seu irmão — replicou Cat com rispidez.

— Talvez ainda venha a acontecer comigo — Duncan admitiu —, mas no momento, creio que vejo as coisas com objetividade. A não ser quando estou perto de você.

— Perto de mim? — ela replicou com sarcasmo.

— A inimiga que você odeia?

— Eu jamais disse que era minha inimiga. Disse que era mal agradecida e criava problemas, e tem de me dar razão por afirmar isso. Mas não vim aqui para acusá-la. Por favor, peço que me conte tudo que lembra.

— Por quê?

— Porque quero limpar o nome dos MacPherson — ele replicou, aproximando-se.

O movimento mexeu com Cat. Era difícil manter a calma e não revelar as emoções quando ele estava perto.

— Talvez porque eu queira ajudá-la a se libertar dessa dor tão grande que sente — continuou Duncan, aproximando-se tanto que ela poderia tocá-lo se quisesse.

Cat o fitou, hesitante. Por um momento, acreditou em sua sinceridade.

Mas como podia ter certeza de que ele não estava jogando?

— Conte-me o que aconteceu — Duncan tornou a pedir delicadamente.

Cat não queria falar sobre o acontecido. A dor ainda a queimava por dentro. A maneira que encontrara de continuar seguindo adiante era concentrando a atenção em outras coisas... E essas "outras coisas" consistiam em alimentar a raiva e a sede de vingança. A única ocasião em que os fatos ocorridos vinham à tona era durante os pesadelos, quando sua mente não tinha forças para frear o poder do inconsciente.

— Não consigo — afirmou, meneando a cabeça.

— Claro que consegue — insistiu Duncan com uma gentileza e doçura que mais e mais a surpreendiam.

— E se eu não quiser falar? — ela perguntou, erguendo o queixo em desafio. — Vai se impor da mesma maneira vil como fez das outras vezes?

Ao ouvir aquilo, Duncan desviou o olhar e passou a mão pelos cabelos. Parecia arrependido do que havia feito.

— Está esperando que eu peça desculpas — concluiu, tornando a fitá-la. Sua voz agora já não soava tão gentil como antes. — Eu já disse que não vou fazer isso. Está mudando de assunto, e creio que o faz de propósito.

— Quer obter mais informações para usá-las contra mim. Por isso insiste em me fazer falar sobre a morte de meus pais.

— Não necessito saber mais nada, Cat. Já sei o que necessitava saber.

Era verdade, ela admitiu consigo. MacPherson obtivera a informação que desejava. Além disso, tê-la presa no castelo a transformava em um instrumento de troca. Mas o que faria quando não precisasse mais dela?

— Sendo assim, por que insiste em me fazer falar?

— Porque quero ter certeza que você se lembra dos fatos tal como ocorreram, e que não tem medo de encarar o passado para poder superá-lo. Você disse que estava em sua casa, na fortaleza Minch Castle, quando seus pais foram mortos, mas não é verdade. Talvez esteja confundindo as coisas.

Cat o encarou. A expressão de Duncan tinha algo misterioso, como se soubesse de algo que ela não sabia. Pior ainda, como se fosse capaz de ler sua mente e tivesse conhecimento das dúvidas que a assaltavam sobre as memórias daquele dia trágico.

Perturbada, ela se afastou e caminhou até o vão interno da enorme janela. Avistou os campos que tingiam o mundo de verde até o horizonte. Do lado esquerdo, via-se o mar que, naquele dia, estava sereno. Sobre os rochedos, os leões-marinhos se esquentavam ao sol, mergulhando de tempos em tempos para umedecer a pele lisa e escura. Mesmo dentro do salão era possível sentir o aroma salgado. O cheiro do mar, entretanto, misturava-se à fragrância de lavanda que brotava dos campos. Sem querer, Cat pensou nos tempos em que saía para colher os ramos nas colinas que circundavam Minch Castle.

— A lavanda pode ser usada para muitas coisas diferentes — murmurou, recordando as palavras da mãe.

— E uma planta muito útil — concordou Duncan, vindo postar-se a seu lado.

— Minha mãe a usava para perfumar os tecidos, mas também para fazer sabonetes com os quais nos banhávamos. Eu costumava colher os ramos para ela, e me sentia tão feliz quando lhe entregava um buquê e ela me agradecia com um beijo e um sorriso.

— Cat lembrou-se da última vez em que o fizera e sentiu os olhos toldados pelas lágrimas. — Colhi ramos de lavanda para minha mãe no dia em que ela morreu.

— Onde ela estava quando você veio lhe trazer os ramos? Cat ainda fitava a cena que se descortinava à sua frente, mas pouco a pouco outras imagens ganharam maior realidade.

— Estava me esperando — disse apenas, sentindo o corpo enrijecer.

— O que mais? — Duncan insistiu suavemente.

— Ela sorriu para mim, e eu sorri de volta. Desci correndo a colina para encontrá-la. Foi quando notei a fumaça. Uma coluna escura subindo para o céu. Senti o cheiro ácido e vi que a casa queimava. E minha mãe estava no meio do fogo. Ardia em chamas! Tentei alcançá-la, mas meus pés não se moviam.

— Sua mãe não estava em chamas, Cat. Era a casa que ardia. Vocês pararam para ajudar uma família cuja propriedade estava se incendiando.

— Não! Minha mãe estava pegando fogo! A besta a alcançou, e então se virou para mim e veio na minha direção. Saiu de dentro do fogo. Queria me matar. Eu sentia o calor que irradiava.

— Como era a aparência dessa criatura?

— Feroz. Cruel... Traíçoeira.

— O que ela fez?

— Tinha uma faca enorme. Quando a ergueu no ar, vi a marca do diabo em seu braço — Cat continuou, começando a tremer. — Havia tanto sangue no chão.

— O chão de onde?

— Da casa.

— Qual casa? A sua?

— Não! Uma casa que não pertencia a ninguém.

Cat sentia como se estivesse encolhendo. Gostaria de se encolher até desaparecer, mas uma voz dizia que tinha de lutar.

Mesmo assim, era impossível lutar contra o monstro em sua mente. Um monstro que ela conhecia.

— Mamãe! — gritou, começando a chorar. — Ela estava morta. Por que ele não a deixava em paz?! — continuou, sem notar que Duncan a abraçara e trouxera de encontro ao peito, murmurando palavras doces. — A besta. Ela se virou e me olhou com aqueles olhos infernais. Eu conhecia aqueles olhos... Mas seu rosto estava encoberto por uma máscara escura. Era um demônio saído das profundezas do inferno.

— O que esse demônio fez?

— Aproximou-se de mim, mas meu pai foi mais rápido e se colocou entre nós para me proteger. A besta soltou um urro! Aquela voz... — Cat colocou as mãos sobre os ouvidos, tentando interromper o som maldito que explodia em sua mente. — Mais homens entraram... Eles mataram meu pai. Papai! — gritou, agora soluçando.

— Onde estavam os guardas responsáveis pela segurança de seu pai?

— Estavam por perto... Eu os via, mas eles estavam apagando o fogo que consumia a casa. Havia um casal de mais idade observando a casa queimar. Choravam e observavam os guardas que tentavam apagar as chamas. Tio Malcolm também estava lá... Estava zangado. Ele está sempre zangado. O braço dele também estava queimando.

As lágrimas fluíam agora abundantemente, escorrendo pela face delicada.

— Quero meus pais de volta! Eu os amava tanto... Por que não os salvei?

Devagar, Duncan passou as mãos pelos cabelos longos antes de envolvê-la novamente em um abraço protetor.

— Já passou, Cat. Acabou.

— Nunca vai acabar — ela disse entre as lágrimas.

— Você encarou a besta de frente e venceu.

— Não. A besta venceu!

Gentilmente, Duncan afastou a face e a fitou. Ele jamais a vira tão vulnerável. A fragilidade que brilhava nos olhos cor de ametista gerou uma enorme vontade de protegê-la, de curar a dor que Cat trazia dentro de si.

E ele a havia humilhado, pensou de repente, sentindo raiva de si. Fizera com que ela sentisse ainda mais dor.

Sempre falava com seus guerreiros sobre a necessidade de manter o controle a qualquer preço, e mesmo assim, perdera o controle, dominando Cat de maneira física e brutal. Não melhor do que a besta que ela trazia na memória.

— Não foi como eu imaginava que houvesse ocorrido — ela recomeçou de repente, erguendo a face. — Tudo parece claro agora. As coisas horríveis que presenciei naquele dia haviam se fundido em um pesadelo... Mas agora percebo como um fato se liga a outro.

— E o que vê agora?

— Vejo a marca de uma queimadura e ouço uma voz que reconheço. Olhos familiares me fitam com crueldade. Vejo que nenhum dos três homens que atacaram meu pai usava roupa com as cores dos MacPherson. Minha mente estava confusa. Eu queria acreditar que fora seu clã o culpado, pois não podia crer que as coisas que vi fossem realidade. Eu pensava que havia sido um pesadelo, fruto da minha imaginação, e o que me disseram e contaram fosse a realidade. Mas agora sei o que realmente se passou, e por que culparam o seu clã.

Duncan também sabia. De repente, tudo fazia sentido.

— Tudo aconteceu por causa daqueles que não queriam estabelecer a paz com os MacPherson, tal como seu pai desejava.

Cat meneou a cabeça afirmativamente.

— Sim. Mas não compreendo por que alguém possa preferir a guerra à paz.

— Guerrear por vezes está no sangue de algumas pessoas; faz parte do caráter. Para alguns, propor a paz é uma atitude covarde. Para outros, a guerra é uma maneira de obter poder. Creio que o assassinato de seu pai ocorreu por isso — afirmou Duncan. Calou-se por instantes, fitando Cat atentamente para ver se ela conseguia lidar com as horríveis verdades que agora descobrira. Quando tornou a falar, sua voz era suave e terna. — Sabe quem era a besta, Cat?

— Sim — ela respondeu com um suspiro. — Era meu tio Malcolm.

— Eu sabia que essa moça ia trazer problemas — Angus murmurou, contrafeito, ao sentar-se com Duncan para jantar.

Duncan fitou o amigo que olhava a carne de carneiro sem o menor apetite, o que era de estranhar, considerando a eterna fome do guerreiro. Proclamando estar restabelecido, Angus se recusara a permanecer de repouso por outro dia que fosse, e retomara sua rotina. Seu aspecto, no entanto, ainda não exalava o vigor que o caracterizava.

— Se bem me lembro — começou Duncan —, você pareceu se divertir com ela no início.

— Não estava me divertindo. Estava sendo charmoso.

— Charmoso? — replicou Duncan rindo. — Desde quando consegue ser charmoso?

O homem tocou a bandagem sobre o ferimento com uma careta de dor.

— Devia ter ficado na cama mais um dia — ralhrou Duncan, servindo-se de uma fatia de torta de marmelo.

— Preciso de ação. Por isso gostaria que me dissesse o que pretende fazer.

— A respeito do quê?

— Sabe muito bem. Vi a moça MacDougal com Meg fora do quarto. Pretende deixá-la perambular livremente por Skye?

— Jock a acompanha de perto.

— Mas ela é o inimigo.

— Não é minha inimiga.

— O que está dizendo? — replicou Angus, enfurecido. — O povo dela matou seu irmão!

— Cat não matou Erik. Eu já lhe disse, Angus. Não faço guerra contra mulheres ou crianças. Ela não tem responsabilidade sobre o que aconteceu. Foi o bastardo, tio dela, quem a levou a trespassar nossa propriedade com idéias erradas na cabeça.

— Percebe o que está dizendo? — continuou Angus, fazendo força para controlar a fúria. — Está defendendo a moça!

— Não estou defendendo ninguém — replicou Duncan, agora também irritado. Angus vivia se esquecendo de quem era o senhor do clã, e muitas vezes o tratava como se ele fosse um rapaz imaturo. — Já resolvi o assunto no que diz respeito a Cat.

— Ela é uma MacDougal! — exclamou o guerreiro, batendo as mãos sobre a mesa.

— Sim — replicou Duncan, levando outra garfada de comida à boca com calma.

— Esqueceu que estamos em guerra com eles?

— Não estou em guerra com a moça.

— Já me contaram.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Duncan, estreitando o olhar.

— Quero dizer que não está pensando com sua cabeça de cima, mas com a de baixo.

Ao ouvir o comentário, Duncan teve de se controlar para não dar um soco no amigo. Entretanto, após um instante, admitiu que Angus estava certo, pois aquilo era justamente o que ocorria, ele não estava conseguindo manter a racionalidade ao lidar com Cat.

— Vejo que não me desdiz — continuou o outro homem.

— E eu que estamos traçando o caminho errado.

— Mas essa moça é a razão pela qual os MacDougal mataram Erik.

— O quê?

— Não percebe? Você tem a filha do lorde assassinado dos MacDougal. Eles estavam retaliando.

— Está dizendo que nos atacariam por eu ter Cat, mas não por ter matado o pai dela? Não vê que não faz sentido?

Angus fez uma careta de desgosto, pois não estava convencido.

— Além do mais — prosseguiu Duncan —, creio que os parentes de Cat sabem exatamente onde ela está e nada fazem porque desejam que nós a matemos.

— O que está dizendo? — perguntou Angus, perplexo.

— Foi Malcolm, tio de Cat, quem assassinou o pai dela.

— Como sabe disso?

— Cat me contou.

— A menina lhe contou? A mesma que gostaria de arrancar suas partes íntimas e dar para os leões-marinhos comerem? A moça que tem a língua de uma serpente e o humor de uma gata selvagem? E dela que está falando?

— Sim.

— Então o assunto está encerrado para mim — finalizou Angus com sarcasmo. — Daqui para a frente vou recebê-la de braços abertos e esquecer as vilanias cometidas pelo clã ao qual ela pertence.

— O assunto está encerrado para mim também. Agora ela sabe que não foram os MacPherson que mataram seus pais.

— E isso resolve os conflitos entre nossos clãs?

— Resolve algo que tinha de ser resolvido.

— Um problema que era exclusivamente seu, aliás.

— Porque não aprecio ser acusado de algo que não fiz — Duncan replicou, fitando Angus com expressão pouco amistosa.

— Já fomos acusados de tantas coisas que nunca fizemos. Desde matar crianças indefesas até atacar mulheres para nos aproveitar delas sexualmente. Mas você nunca se importou com as mentiras que contam a nosso respeito, sabendo que são artimanhas para nos enfraquecer. Só para essa moça é que tem necessidade de provar que é inocente do que o acusam.

— Eu tinha outras razões para desvendar a verdade.

— Quais?

— Algo não me cheirou bem quando falei com Malcolm MacDougal. Tive a clara sensação de que ele escondia algo, sobretudo quando mencionei Cat. Ele teve uma reação estranha, como se ficasse chocado ao tomar conhecimento que ela ainda vivia. Malcolm deu a impressão de esperar e querer o contrário. Após saber, também não perguntou nada mais sobre a sobrinha, como se ela não tivesse importância alguma.

— Portanto...

— Há muitas coisas que não fazem sentido. Embora eu saiba que ele matou o pai de Cat, não creio que tenha algo a ver com a morte de Erik.

— O quê? — gritou Angus, jogando o corpo para trás com tanto ímpeto, que quase desabou da cadeira. — Pelo amor de Nosso Senhor! O que está dizendo?

— Malcolm MacDougal nada disse sobre a morte de Erik.

— Pensa que ele diria alguma coisa?

— Sei que negaria — concordou Duncan, recostando as costas no espaldar enquanto tentava rememorar os detalhes da conversação. — É um homem no qual não se pode confiar. Não revela o que sabe, pois isso pode colocá-lo em posição desvantajosa. Mas reparei no olhar que seus guerreiros trocaram entre si quando mencionei a morte de Erik. Pareceram se surpreender, o que me faz crer que não sabiam do ocorrido. Portanto, não eram os responsáveis.

— Malcolm pode ter mantido o ataque a Erik em segredo e não ter revelado a todos os guerreiros do clã.

— Por que o faria? Com certeza iria querer que todo o povo tomasse conhecimento de que o havia feito pagar pelo que, supostamente, fizemos ao senhor deles.

— Talvez Malcolm tenha pensado que o povo ficaria preocupado em guerrear conosco. Já lutamos contra eles outras vezes e sempre vencemos.

— E se fosse você, Angus? Usaria tal argumento como razão para fugir da luta? Especialmente se considerasse que era uma luta justificada?

— Claro que não! Você me conhece o suficiente para não necessitar fazer tal pergunta.

— Por que seria diferente com os MacDougal? Talvez não sejam tão espertos quanto nós, mas são valentes. Aliás, esse foi um dos motivos pelos quais pensamos em estabelecer uma aliança com eles.

— Uma aliança que, graças a Deus, não aconteceu. Avisei que não eram confiáveis. Devia ter me escutado.

— O que aconteceu com Erik não muda o fato de que propor uma aliança era boa idéia.

— Muda, sim. Muda completamente.

— Concordo que a situação é diferente agora. Não por acreditar que os MacDougal estejam retaliando, mas porque vi com meus próprios olhos, e pelos olhos de Cat, a verdadeira natureza do novo senhor daquele povo. Não vou aliar nosso clã a um bastardo como ele. Preferiria matá-lo com minhas próprias mãos antes de estabelecer um acordo.

— Por que não o mata de uma vez e acaba com essa história?

— Se Erik foi morto por guerreiros de Malcolm, quero que ele pense que vai se salvar ao me entregar os responsáveis. Quando eu os tiver, poderei interrogá-los e descobrir se há outros envolvidos. E, se souber toda a verdade, então irei buscar Malcolm.

Duncan tentou não pensar no prazer que sentiria ao matar o homem. Ao tirar a vida de Malcolm não estaria vingando somente a morte do irmão, mas vingaria Cat também. Parecia um pensamento ridículo à primeira vista, pois o infeliz era parente dela. Entretanto, coisas que pareciam muito mais ridículas estavam ganhando corpo em sua mente ultimamente.

— Pensa que o homem vai entregar guerreiros do próprio clã de boa vontade? — contra-argumentou Angus.

— Não sei — admitiu Duncan. Malcolm lhe dera a impressão de que seria capaz de entregar a própria mãe caso lhe interessasse. E, por experiência, ele sabia que, em geral, suas primeiras impressões eram corretas — O homem só se preocupa consigo mesmo.

— O que você faria se estivesse na mesma situação, e lhe pedissem para entregar guerreiros MacPherson? — indagou Angus, usando a mesma tática de conversa que Duncan usara havia pouco.

— Que tipo de pergunta é essa? — reagiu Duncan, franzindo a testa. — Sabe muito bem o que eu faria. Ninguém tocaria em um MacPherson sem pagar as consequências.

— Talvez Malcolm MacDougal tivesse uma boa razão para matar o irmão — considerou Angus.

— Como pode pensar que exista uma boa razão para se matar um parente?

— Só estou dizendo que talvez houvesse um motivo. Talvez Alec MacDougal fosse um tirano.

Duncan pensou em Cat, na mulher que era. Ela amava os pais, e ele não podia crer que Cat se sentiria tão devastada ao perder um pai que fosse um tirano.

— Alec MacDougal não era tirano.

— A moça também lhe contou isso, não foi?

— Sim.

— Anda prestando bastante atenção ao que ela diz.

— Por que Cat mentiria sobre tal assunto?

— Por quê, por quê, por quê! Está sempre fazendo a mesma pergunta!

— E você não a faz tanto quanto deveria, Angus.

— O que quer dizer? — perguntou o guerreiro em tom hostil.

— Quero dizer que deveria parar de tirar conclusões baseadas em fatos vazios.

— Fatos vazios! Insinua que menti ao lhe contar o que aconteceu com Erik? É o que está dizendo?

— Não — replicou Duncan, surpreso ao ver que Angus podia pensar tal coisa. Não obstante, era impossível não aventar a possibilidade de que ele talvez não recordasse os acontecimentos de forma objetiva, tal como Cat em relação à morte dos pais.

— O que é que está dizendo, então?

— Que você talvez tenha deixado alguns detalhes importantes de lado, mesmo sem saber. Talvez o golpe na cabeça tenha nublado seus pensamentos.

— Minha mente está lúcida como sempre estive.

— Como na maior parte das ocasiões — corrigiu Duncan.

— "Na maior parte das ocasiões"... — repetiu Angus, amofinado. Posso ser mais velho que você, moço, mas minha mente é tão clara quanto o céu de um dia de verão.

— Não se ofenda — contemporizou Duncan. — Só quero ter certeza de que não deixou nada de lado, ou que porventura tenha esquecido.

— Como o que, por exemplo? — indagou Angus com amargor.

— Não sei. E você quem pode me dizer.

— Não esqueci nada. Conte os fatos tal como se passaram.

— Está bem.

— Não está nada bem! — exclamou Angus. — Quer usar minha suposta má memória para justificar sua hesitação em atacar os MacDougal?

— Ninguém está hesitando. Só lhes dei uma chance.

— E por que pensa que merecem uma chance? Por que não os destruímos de uma vez?

— Porque só quero punir quem matou meu irmão, e não o clã inteiro.

— Ao esperar, você lhes dá tempo para planejar um ataque contra nós.

— Não seriam sábios se fizessem isso.

— Não são sábios de qualquer maneira. Tenho de lembrar que foram estúpidos o suficiente para matar seu irmão? O que o faz pensar que não serão estúpidos para nos atacar?

— Não estou preocupado com a possibilidade de nos atacarem. E não compreendo por que você está, Angus. Na verdade, penso que você ficaria feliz se eles nos atacassem.

— Claro que ficaria, pois eu poderia lhes dar o que merecem. O que não gosto é de ficar esperando.

Duncan sabia que Angus era assim. O guerreiro odiava esperar que atacassem primeiro para revidar. E gostava menos ainda que discordassem de suas opiniões.

— Não terá de esperar muito tempo mais — assegurou Duncan.

— Estou curioso para saber o que dirá à sua moça quando matarmos os guerreiros do clã a que ela pertence.

— Cat sabe como as coisas funcionam nesses assuntos.

— Como pretende terminar com essa loucura que está alimentando com ela? Sabe muito bem que quando tudo isso terminar você terá de matá-la ou libertá-la. Não tem outra opção.

Duncan hesitou, e por fim, resolveu que tinha de dizer o que pensava.

— Tenho outra opção.

Ao ouvir aquilo, Angus o fitou, intuindo que não iria gostar do que estava prestes a ouvir.

— E qual é essa outra opção?

— Posso me casar com ela.

CAPÍTULO V

Casar com ela?! — Angus gritou, estupefato, erguendo-se da cadeira com tanta força que a derrubou. — Não pode estar falando sério.

— Posso — replicou Duncan.

Até aquele momento, ele acalentava a idéia de se casar com Cat como uma maneira de protegê-la contra Malcolm, já que, assim, a impediria de voltar ao jugo do tio. Agora, porém, percebia que casar com ela era o que queria por si mesmo. Ainda que não fosse lógico, a verdadeira razão não tinha a ver com mantê-la distante dos perigos que a aguardavam se voltasse para o castelo dos MacDougal.

O problema era: o que desejava Cat?

O fato de ela agora saber que os MacPherson não eram os responsáveis pela morte dos pais não significava que o aceitaria como esposo. E a possibilidade de Cat recusá-lo gerava sensações desconhecidas para Duncan, incerteza, falta de confiança em si e na capacidade de obter o que desejava.

A moça sentia atração por ele. Cat tentava esconder isso, mas não conseguia. E ele tinha de admitir, não fora galante com ela, nem a tratara de forma a cativar seus sentimentos.

— Não compreendo aonde quer chegar — recomeçou Angus, agora caminhando para lá e para cá no salão. — Como pode aventar a idéia de se casar com uma MacDougal?!

— Por que não?

— Por uma infinidade de motivos!

— Dê-me um.

— Que tal o mais óbvio? Ela é uma feiticeira linguaruda e enfezada, que pertence a um clã contra o qual lutamos há mais tempo do que posso me lembrar.

Duncan sabia que Angus era um homem contrafeito a mudanças. A personalidade do guerreiro não admitia que as coisas pudessem se transformar. Seu mundo era estático, onde as coisas deveriam permanecer como sempre havia sido.

— Se não tem estômago para matá-la, até entendo. Afinal, é bonita e dá pena dar cabo de uma mulher assim. Compreendo por que a mantém por perto, pois os outros homens se sentem da mesma maneira quando a veem. Porém, o mais lógico é você se divertir com a moça, usá-la para se satisfazer e, quando se cansar, mandá-la de volta para casa.

— Ela está mais segura aqui. — Aqui?

— Sim.

— Você perdeu definitivamente o bom senso. Metade do nosso clã desejaria vê-la morta, e ainda assim diz que ela está segura em Skye — replicou Angus, fazendo um gesto de desânimo com as mãos.

— O tio dela a matará se Cat voltar.

— Que tolice está dizendo? Há mais chance de ela despencar em um abismo nas montanhas do que de ser morta pelos próprios parentes.

— Esqueceu do que lhe contei antes? Cat sabe que o tio matou o pai dela. Isso significa três coisas. Primeiro, que Malcolm MacDougal queria tanto ser o lorde do clã, que não hesitou em matar o próprio irmão. Segundo, não deixará que Cat se interponha entre ele e o objetivo de ser o líder do feudo. Terceiro, Cat será incapaz de conviver com um tio que fez o que ele fez. Sabe muito bem que ela agora deseja a morte de MacDougal tanto como desejava minha morte há pouco tempo. Ela tentará matá-lo, mas vai falhar, pois não é páreo para um guerreiro esperto e inescrupuloso. E então, Malcolm terá o motivo perfeito para assassiná-la, alegando legítima defesa.

— O que temos a ver com isso?

— Não quero que ela se machuque.

— Compreendo. A moça queria matá-lo, cortá-lo em pedacinhos, assá-lo em uma fogueira e servir aos animais. E você não quer que ela se machuque.

— Antes ela queria me ver morto, mas agora não quer mais.

— E quanto ao resto de nós? Por acaso tirou um momento para considerar nossa opinião?

— E você? Considera a mim quando diz o que está dizendo? — reagiu Duncan. — A decisão de se casar diz respeito à minha vida, não tem nada a ver com o clã.

— Nada a ver com o clã? Tem tudo a ver conosco! Você é nosso senhor, nossa família, e não queremos que se envolva com essa víbora.

— Por que não tenta conhecer Cat melhor antes de julgá-la? — indagou Duncan, recostando-se.

— Não faço questão de conhecer uma MacDougal.

— Se eu a desposasse, ela se tornaria uma MacPherson. Você a aceitaria, Angus? — quis saber Duncan, fitando o guerreiro. — Ela seria a esposa do lorde do clã.

Duncan sabia o que Angus pensava. A questão era, teria coragem de dizê-lo em voz alta?

— E então?

— Eu não teria alternativa senão aceitá-la.

— Realmente não teria.

— E quanto aos parentes da moça? Pensa que ela os renegaria? — Angus questionou, obviamente mudando de tática para ver se conseguia convencê-lo.

Propositadamente, Duncan evitara pensar naquela questão, pois as conclusões a que podia chegar talvez não o agradassem. Os laços de família que unem os que pertencem a um mesmo clã são sagrados.

— Muito bem — retorquiu Angus com um sorriso de satisfação. — Vejo que não considerou esse lado da questão, caso contrário teria uma resposta para me dar. Mas como suas respostas só fazem sentido para você e mais ninguém, penso que devo continuar preocupado.

Duncan suspirou. Devia ter adivinhado que Angus não tomaria o casamento com Cat de forma leve.

Preferiria dizer-lhe para deixar a questão de lado, mas sabia que, mesmo que Angus concordasse, o que era praticamente impossível, dezenas de outras pessoas do clã o questionariam da mesma maneira.

E não seria possível recriminá-los. Afinal, mereciam algum tipo de explicação. Seria necessário justificar tal casamento frente a todos. Erik estava morto e seu povo culpava os MacDougal. As coisas funcionavam dessa maneira e não podiam ser mudadas.

Subitamente, Duncan pensou na única solução que o caso poderia ter.

— Cat terá de desistir dos direitos que possui como líder do clã MacDougal. Terá também de escolher um sucessor para o pai que morreu.

— Ótima idéia a sua — Angus reagiu com sarcasmo. — Mesmo que, se por algum milagre, ela se dispusesse a contemplar sua proposta de casamento, crê que renegaria os parentes e o clã por sua causa?

— Ela não teria escolha.

— Ótima maneira para iniciar um casamento — avaliou Angus, mantendo o sarcasmo. — Obrigar a mulher a concordar por não ter alternativa.

Maldição, pensou Duncan, reconhecendo a contragosto que o amigo estava certo. Afinal, não gostaria de iniciar o casamento da mesma maneira como ele e Cat haviam iniciado a viagem pelas montanhas ao se conhecerem.

Com o tempo, Cat estabeleceria laços de amizade com os membros do clã MacPherson, contrapôs em pensamento. Ela já gostava de Meg, o que era bom sinal. Havia muitas outras mulheres no clã que eram gentis como Meg.

— Ela vai se acostumar com as coisas aqui — afirmou Duncan, levantando-se da cadeira. Prefiro tentar... —Fazê-la feliz, ia dizer, mas calou. — Vou oferecer-lhe todo o conforto possível.

— Isso se ela não se recusar a casar com você.

— Não — respondeu Cat com veemência.

— Por que não? — perguntou Duncan em tom azedo. — Pedi de maneira respeitosa, não pedi?

— Sim — ela acedeu, confusa, fitando o rosto bonito de MacPherson. Os olhos azuis do guerreiro brilhavam. Após ter descoberto a verdade, sentia-se mais à vontade com ele, e o que antes não admitia querer, agora se apresentava como um desejo claro. Duncan MacPherson era um homem lindo, fato que ela não se permitira admitir anteriormente.

— Não vai reconsiderar minha oferta?

Em vez de responder, Cat se concentrou em escovar o pelo de Atlas vigorosamente. A maneira como Duncan a fitava era impossível de ignorar.

Quando queria algo, o homem era um osso duro de roer!

Mas ela também era.

— Não vai me convencer com palavras doces. Já disse "não" e não vou mudar de idéia — afirmou, mas franziu a testa, levemente preocupada.

Duncan sorriu e meneou a cabeça até uma mecha dos cabelos escuros cair sobre sua testa. De certa forma, nunca ela havia deixado de fazer algo que ele pedira, e isso lhe dava esperanças.

— Não compreende por que não posso aceitar? — perguntou Cat, parando de mover as mãos. — Seu povo não gosta de mim. Sinto no modo como me olham.

— Eles não a conhecem verdadeiramente.

— E nem têm vontade de me conhecer — ela afirmou, retomando o que fazia. — Além do mais, que importância tem? Em breve partirei, e eles ficarão felizes em me ver pelas costas.

Ao dizer aquilo, Cat sentiu uma leve pontada no coração. Por que a idéia de ir embora de Skye Castle causava dor? Por que não deixara de ver Duncan como inimigo? Por menos que desejasse, agora só enxergava o homem.

Mais uma razão para partir, pensou, tensa. Uma voz dentro dela, porém, dizia que já era tarde

Ela já gostava dele.

— Ficaré feliz em me deixar? — perguntou Duncan.

A maneira como ele falara tinha um toque de amargura, como se o fato de ela voltar para casa somente significasse deixá-lo para trás e nada além disso. O homem queria coisas impossíveis.

— Você é estranho, MacPherson. Esquece quem eu sou.

— Sei exatamente quem você é — Duncan retrucou, com uma expressão no rosto que fez Cat acreditar que ele realmente a conhecia. Talvez a compreendesse mais do que ela supunha.

Perturbada, passou a trabalhar mais rapidamente, como se aquilo pudesse afastar tais pensamentos.

— Você me conhece bem — admitiu com um sorriso forçado. — Sabe que sou boa com pedras. — brincou, mas de repente ficou séria. — Sua cabeça ainda dói?

— Não. Mas seria bom que você olhasse para ver se o ferimento cicatrizou. Toque-me.

Não era uma ordem. Era um pedido.

— E quanto a Atlas? — perguntou Cat, olhando os pelos escuros e brilhantes do garboso cavalo.

— Ele vai compreender que eu também necessito ser cuidado — replicou Duncan sorrindo. — Venha.

Cat poderia negar desta vez. Duncan não a obrigaria. Mesmo sem ter admitido, ele se arrependia da maneira bruta como a tratara antes.

E a verdade é que ela sentia uma vontade imensa de tocá-lo.

Devagar, deu a volta no cavalo e se aproximou de Duncan.

— Onde é mesmo o machucado? — perguntou, subitamente nervosa.

Ele tomou a mão dela e a colocou sobre o ponto atrás da orelha onde ela o acertara com a pedra.

— Está sentindo? Só de tocar está latejando outra vez. Pode fazer uma massagem para melhorar?

— Posso tentar — disse Cat, evitando fitá-lo nos olhos. Tocar a pele de MacPherson provocava-lhe uma sensualidade perigosa.

Duncan era uma chama que poderia queimá-la. Ele gemeu quando ela comprimiu suavemente o local.

— Eu o machuquei? — ela perguntou, cometendo o erro de desviar o olhar do ferimento e fitá-lo nos olhos. Eram azuis como a água do mar e pareciam fazê-la submergir dentro deles.

— Sim.

— Desculpe — ela murmurou, fazendo menção de retirar a mão, mas Duncan a reteve.

— Machucou-me de uma maneira boa. — explicou, enigmático. — Não pare.

Cat tornou a recolocar os dedos sobre a pequena protuberância. O galo era duro, mas o cabelo que o recobria era suave como seda.

— Está melhor? — perguntou, depois de massagear com cuidado por alguns instantes.

— Sua mão é mágica — ele assegurou, de uma maneira que fez uma onda de calor perpassar o corpo de Cat.

Só então ela percebeu que já não o tocava apenas onde ele estava ferido, mas corria os dedos entre os cabelos escuros. Fascinada, desceu a mão pela nuca firme e forte de Duncan, sentindo o músculo alongado em direção ao ombro. A camisa dele, no entanto, obstruiu o

movimento, e ela deixou a mão repousar ali um instante, no limite entre a carne e o tecido. Ousada, passou a percorrer o pescoço do guerreiro, sentindo a veia que pulsava. Desceu os dedos para a frente, notando que os músculos de Duncan retesavam sob seu toque, até repousar a mão sobre o peito largo, fascinada. Devagar, ergueu os olhos e descobriu que ele a fitava intensamente.

Ao sentir a boca seca, Cat umedeceu os lábios com a língua em um gesto não premeditado, mas sensual. Duncan a tocou nos lábios com suavidade, e a língua dela roçou a ponta dos dedos do guerreiro, provando o sal e a aspereza da pele.

Duncan segurou o ar e encaixou a ponta do dedo entre os lábios carnudos e úmidos, obrigando-a a entreabrir a boca. O contato o fez gemer. Ofegante, Cat o mordiscou com suavidade.

— Cat... — O que está fazendo comigo?

— Não está gostando? — perguntou, receosa.

— Até demais — ele assegurou com ternura. — Tenho vontade de me deitar com você sobre esse feno e deixá-la fazer o que quiser comigo.

A idéia era sem dúvida atraente. Estavam a sós no estábulo, e o feno era macio como um colchão. Liberta da ira e da sede de vingança, ela reconheceu enfim, Duncan a fascinara desde o princípio.

— Eu gostaria de fazer muitas coisas com você — admitiu, sem se incomodar em expor o próprio desejo. — Gostaria de tocar seu corpo inteiro.

O poder embriagava, e era assim que Cat se sentia naquele momento.

— Faça o que quiser — murmurou Duncan, tocando-a na face e aproximando o rosto do dela. — Eu sou seu.

De repente, Cat não soube como agir. Jamais tivera intimidade com um homem. Os únicos que conhecia eram aqueles de seu clã, e eles sempre a haviam tratado como se fosse uma criança, ou com o respeito devido à filha do senhor do feudo.

Ao pensar nos cavaleiros de seu povo, ela se lembrou do assassinato de Erik. Agora tinha certeza de que a crueldade de tio Malcolm causara a morte do irmão de Duncan. Pensar naquele parente ignóbil dava-lhe asco.

— Você está bem, Cat? — perguntou Duncan, preocupado.

— Sim.

— Quer andar a cavalo agora? — convidou outra vez, após observá-la por um instante, como se tentasse adivinhar o que ela sentia. — Cuidou tão bem de Atlas que é justo que ele nos leve para passear.

— Mas, e quanto... — ao que íamos fazer, queria perguntar, mas calou antes de terminar a sentença.

—Não esquecerei o que dissemos — falou Duncan, beijando-a na testa. —Você deu a partida, agora terá de me subjugar.

Cat riu, pois a idéia de subjugar o senhor dos MacPherson era divertida e absurda.

— Está me desafiando?

— Estou — ele disse, sorrindo. — Agora vamos, antes que o sol se esconda.

— Aonde?

— A colina que você viu ontem pela janela.

— Aquela repleta de pés de lavanda? — Os olhos ametista cintilaram.

— Exatamente.

— Por quê?

— Porque quero me deitar na relva com você.

— Sobre o que está pensando? — perguntou Duncan em voz baixa.

Retirada do devaneio, Cat virou o rosto e o fitou na posição em que estavam, deitados sobre a relva. Após observá-lo um instante, tornou a virar o rosto para a posição anterior, na

qual enxergava o córrego serpenteando no vale no sopé da colina. Refletindo a luz do sol, a água se tornava prateada. Uma brisa suave trazia o canto dos pássaros do bosque não muito distante e o aroma da lavanda que crescia por ali em profusão. O cenário era maravilhoso. Tanto quanto a companhia, pensou Cat.

Ao fitar o riacho lá embaixo, pensou que Duncan era como a água; suave quando calma, e perigosamente excitante na tempestade. Como o mar, abaixo da superfície se encontrava o maior mistério. Um mistério que ela começava a desvendar. Duncan era um homem de infinitas facetas, e de uma profundidade muito maior do que ela imaginara.

Quantas coisas haviam se transformado em tão pouco tempo! Ela jamais pensara que pudesse viver em tal harmonia com um MacPherson.

Desde que descobrira quem havia assassinado seus pais realmente, ficara feliz por estar distante do tio. Era irônico que a única pessoa que ela pensava que a protegeria fosse exatamente a que mais lhe fizera mal.

— Está pensando em seu tio? — perguntou Duncan, como se lesse seus pensamentos.

— Sim — ela respondeu. Cat preferiria não pensar, para poder desfrutar a paz que a cercava, mas esta não alcançava sua alma. Era impossível esquecer Malcolm. Ela precisava lhe dizer o que pensava a seu respeito.

E teria de fazê-lo pagar pelo que havia feito.

— Nunca acreditei que meu tio me amasse. Na verdade, sempre soube que ele não gostava de mim, pois não perdia oportunidade de deixar claro que eu era fraca e inadequada para tudo.

— Não é inadequada e muito menos fraca.

— Não sei. — Cat não pareceu convencida. — Vi meus pais morrerem e não fiz nada.

— Ficou paralisada pelo terror — Duncan explicou, como já fizera antes. — Era natural que acontecesse. Estava presenciando uma cena horrível e esperando o momento em que a matariam também. Além do mais, tenho certeza de que as coisas aconteceram muito rapidamente. Ninguém pode culpá-la por não reagir.

Cat sabia que ele tinha razão, mas ainda assim a culpa não a abandonava. Se houvesse agido de forma diferente, talvez seus pais estivessem vivos. Talvez, com o tempo, conseguisse se desvencilhar da dor.

Independentemente de qualquer coisa, guardaria para sempre as memórias dos pais no coração.

— Cat?

— Sim?

— Você parece tão distante.

— Não o suficiente. Há certas coisas das quais não consigo escapar.

— Deve encará-las de frente para que desapareçam de uma vez.

Ele tinha razão, pensou Cat. Era o que ia fazer. Enfrentaria o monstro da culpa de frente, ou ele a manteria subjugada.

Virou o rosto e fitou Duncan. No mesmo instante, ele desviou o olhar das nuvens brancas e os olhares se encontraram. Outra vez, ela sentiu como se aqueles olhos azuis a enxergassem diretamente na alma.

— Eu não queria ver a deslealdade de meu tio, pois ele é um parente. Não podia acreditar que alguém fosse capaz de tamanha maldade. Sua perversidade era recoberta por uma camada de fingimento, como uma segunda pele.

— Seu tio queria o poder e não podia obtê-lo com seu pai ainda vivo.

— É verdade. Agora compreendo por que ele me encorajou a matar você. Alimentou meu ódio e sede de vingança, contando histórias horríveis a respeito do seu povo. Malcolm queria que eu viesse para cá matar o lorde que supostamente teria assassinado o senhor do meu clã. Dizia que era uma troca justa, a única maneira de vingar a morte de meus pais e

apaziguar a ira de meu povo. Esperava que eu morresse nas suas mãos e, assim, estaria terminado o trabalho que ele não conseguiu.

— Ele é esperto.

Cat passou a observar o rosto de Duncan. Tinha traços bonitos demais.

— Você compreende o que tenho de fazer, não compreende? — ele perguntou de repente.

— Sim — respondeu Cat, sabendo a que ele se referia. Duncan tinha de vingar a morte do irmão, matando os homens que haviam assassinado Erik. E tais homens pertenciam ao mesmo clã que ela. — Fiquei surpresa que tenha dado tanto tempo a meu tio para entregar os culpados — afirmou, tocando algumas flores que cresciam na relva entre os dois. Com o toque, o aroma da lavanda se tornou ainda mais forte, inundando o ar ao redor deles.

— Tenho minhas razões.

— Quais? — ela perguntou, notando a mudança repentina na voz dele.

— Não tenho absoluta certeza de que seu clã seja responsável pela morte de Erik, embora meu melhor guerreiro afirme que sim.

— Não compreendo.

— Eu também não.

A despeito de Cat odiar a idéia de que homens de seu próprio clã fossem mortos, tinha consciência de que um testemunho verbal era mais do que suficiente para os MacPherson retaliarem com força total.

— Por que hesita, então?

— Quero os assassinos de Erik, mas não desejo cometer um erro.

— Como o que eu quase cometi?

— Você tinha razões para pensar como pensava — retrucou Duncan. — Mas fico feliz que tenha recuperado o bom senso. Ao menos não necessito mais me esquivar das pedras e objetos que atirava em mim.

Cat sorriu ao ouvir o comentário. O sorriso, no entanto, não durou muito, pois a maneira profunda como Duncan a fitava a fez ficar séria.

— Por que me olha assim?

— Porque quero beijá-la — ele respondeu em um murmúrio. — Passei o dia inteiro desejando isso.

Ouvir aquilo perturbou Cat. O guerreiro de olhos azuis intimidava mais quando dizia tais coisas do que quando era agressivo.

— Por que não me beijou? — perguntou com timidez.

— Porque pensei que você não fosse querer. Afinal, não a tratei muito bem. Mas espero que compreenda as razões que eu tinha para me comportar como me comportei.

— Quando aconteceu, eu não compreendia.

— E agora? — ele perguntou com urgência.

— Agora compreendo — ela concedeu. — Mas se não tivesse me perseguido feito um louco por suas terras, eu não teria caído e machucado a cabeça — acrescentou rapidamente.

— É mesmo muito atrevida, minha doce invasora, ao culpar a mim por um acidente que causou a si mesma — retrucou Duncan fingindo zanga, mas tocando-a suavemente na face. — Se espera que eu vá pedir desculpas...

— Não — sussurrou Cat, reagindo com um leve arrepio ao toque.

— Verdade. Não precisamos pedir desculpas um ao outro.

— Não era eu quem devia subjugar-lo? — ela inquiriu, já ofegante.

— Você me subjuga mesmo sem querer. Se eu já não estivesse no solo, me poria de joelhos ao ver esse seu sorriso — afirmou Duncan, aproximando o rosto para beijar suavemente a face de Cat.

— Agora tenho certeza de que é você quem está tentando me dominar, MacPherson.

— Sim, estou — ele admitiu, sem parar os beijos pequeninos e suaves, um mero contato dos lábios contra a face sedosa. — Estou conseguindo?

Ela meneou a cabeça afirmativamente, pois a voz a abandonou. Duncan passou a beijar-lhe os lábios, enquanto Cat se deixava embriagar por seu calor e perfume.

Devagar, Duncan colou os lábios em seu pescoço, criando uma trilha de fogo no caminho percorrido sobre a pele. Então, tornou a erguer o rosto e passou a beijar-lhe o lóbulo da orelha.

Inesperadamente, mas sem brusquidão, deitou-se sobre ela, comprimindo-a contra o solo. Cat fechou os olhos perdendo-se na sensação suave da relva contra as costas, e no peso surpreendentemente agradável de Duncan sobre seu corpo.

Após um momento, ele se ergueu de leve, passando a tocá-la em um dos seios, explorando com suavidade o ma-milo rijo. Cat sentiu o coração acelerar e uma sensação de calor se avolumar dentro do ventre quando ele o tomou na boca. Era ele quem a subjugava, mas num domínio doce e promissor.

Tomou consciência da volumosa rigidez comprimindo suas coxas e soltou um gemido de prazer, abrindo ligeiramente as pernas.

Nesse instante, contudo, uma voz grave interrompeu seu devaneio sensual:

— Um momento precioso... que prefiro não presenciar. Perplexa, Cat ergueu o rosto batendo a cabeça na face

de Duncan ao fazê-lo. Ao abrir os olhos, deparou-se com a figura de um homem que os fitava em pé, ao lado deles.

— O que você quer, Angus? — ralhou Duncan, irritado, saindo de cima de Cat.

— Desculpe interromper seu interlúdio romântico, mas os homens querem discutir nosso próximo passo contra os MacDougal — ele declarou, virando-se para Cat ao dizer as últimas palavras. Havia algo sombrio na maneira como a fitou. Nada que ela fizesse ou dissesse parecia mudar a opinião que aquele guerreiro possuía a seu respeito.

Angus era um MacPherson. Ela, uma MacDougal. Portanto, eram inimigos.

Perturbada, aceitou a mão que Duncan lhe ofereceu e se pôs em pé.

— Estarei lá em breve — ele resmungou, mal-humorado. O homem meneou a cabeça e partiu, não sem antes tornar a fitar Cat com a mesma expressão carregada.

Como ela não conseguisse desviar o olhar, Duncan tocou-a no queixo e a fez erguer a face para ele.

— Quero encontrá-la mais tarde. Vai permitir?

Cat fitou o lindo rosto do guerreiro à sua frente, sabendo que deveria dizer "não", pois não era sábio se entregar à loucura que ele a fazia sentir. No entanto, negá-lo seria negar a si mesma. Ela necessitava dele com uma intensidade quase impossível de suportar. Se tinha essa chance, ela a aceitaria.

— Sim — concordou em um murmúrio. — Vou esperá-lo. Ao ouvir aquilo, Duncan abriu um sorriso tão doce que quase a matou de paixão.

Cat sabia o que ele queria, e por que viria encontrá-la mais tarde. E ela queria o mesmo. Desfrutaria o que ele tinha a dar, e retribuiria da mesma maneira, entregando-se por inteiro.

Então, escaparia do encanto sensual que a amarrava àquele homem e voltaria a Minch Castle para confrontar a besta.

A lua cheia prateava Skye Castle, um lindo círculo branco perfurando a noite negra.

Em pé na janela, Cat recebia os raios de luar e a energia que traziam. Ao fundo, ouvia os ruídos da madeira estalando de tempos em tempos, e o fogo sibilando suavemente. As chamas aqueciam o quarto, mas assim mesmo ela sentia calafrios. A antecipação do que estava por vir penetrava-lhe a alma, ainda que fizesse força para afugentar o medo. Pensava nos sentimentos provocados por Duncan, sentimentos aos quais não podia se entregar, sob pena de colocar em risco o que necessitava fazer.

Tinha de partir. Ir embora, sabendo que não voltaria. Por isso, iria saborear os momentos que aquela noite traria e guardá-los para sempre na memória.

As batidas na porta desviaram seus pensamentos, e seu corpo reagiu, lembrando o toque do homem que ela esperava.

— Entre — disse, um pouco surpresa por conseguir falar com tantas emoções fluindo na alma e no coração.

Virou-se quando a porta se abriu. Um corpo enorme preenchia o umbral, eclipsando a luz vinda do corredor. Era um homem, mas não o homem que ela esperava. Cat o conhecera rapidamente e seria difícil esquecer o homem que vira Duncan deitado sobre ela, pressionando-a contra a relva e tocando-a intimamente.

O olhar do cavaleiro era desafiador e brilhava com malícia.

— O que deseja? — perguntou Cat, indagando a si mesma por que a visão do estranho lhe produzira um arrepio na espinha.

Sem nada dizer, Angus entrou e fechou a porta.

— O que está fazendo? — ela exigiu, alarmada.

— Vim falar com você — ele respondeu afinal, com voz grave e sombria.

— Por qual motivo? — Cat sentiu o arrepio se deslocar da espinha para o estômago.

— Vim discutir sua partida deste castelo.

— O que tem a dizer a respeito?

— Quanto mais cedo, melhor — ele respondeu, avançando quarto adentro e parando defronte à lareira. O brilho das brasas dava-lhe uma aura levemente avermelhada.

— Tenho certeza que pensa assim — replicou Cat, desejando que Duncan chegasse o mais rápido possível.

— Sabe que não é bem-vinda aqui, ainda mais porque usa seus encantos para seduzir Duncan. Não permitirei que continue fazendo isso.

— Quem é você para dizer o que devo ou não fazer? — retrucou Cat, irritada com o insulto.

— Não se preocupe com quem sou. Preocupe-se em partir com vida deste castelo.

— Está me ameaçando?

— Pensa que só eu não a desejo aqui? — indagou Angus, fitando-a nos olhos. — Que só eu posso lhe fazer mal? Olhe em volta, moça. Está no ninho da serpente.

Duncan pode ter grandes planos para você, mas não permitirei que sejam levados adiante.

— A que se refere? — perguntou Cat, confusa.

— Vejo que ele ainda não falou. Ótimo — disse, afinal, com um sorriso que não atingia os olhos. — Melhor para você e para mim.

— Ó que quer dizer? Fala por enigmas...

— É uma moça graciosa... — comentou Angus, sem responder à pergunta. — É fácil compreender por que Duncan está tão excitado a ponto de não pensar com clareza. Sem dúvida deve ser capaz de tirar um homem do sério ao oferecer-se a ele.

— Diga de uma vez o que tem a dizer e saia daqui — ordenou Cat, chocada.

Sem avisar, Angus se aproximou com apenas dois passos e a prendeu nos braços sem delicadeza.

— Você não é a dama deste castelo. Não pense que pode me dar ordens — declarou em tom ainda mais severo.

— Duncan chegará a qualquer momento.

— Compreendo — ele replicou, exalando um forte odor de uísque. — Claro que virá... para possuí-la. Mas arranjei algo para ele fazer antes de vir, garantindo que terei tempo de dizer tudo que pretendo.

— Fale de uma vez!

— Você é uma gata selvagem e feroz — avaliou Angus, ampliando o sorriso sinistro. — Uma guerreira, Duncan chegou a dizer. Até concordo... Mas aviso, sempre ganharei a batalha.

— É o que isso significa para você? Uma batalha?

— Existe outra coisa no mundo? É necessário lutar pelo que queremos. Os fracos que se danem.

Os fracos, pensou Cat. Como eu.

Não, reagiu imediatamente. Desta vez ela não se intimidaria. Iria fazer o que fosse necessário.

— Por que quer lutar contra mim?

— Você é o inimigo, apesar de Duncan fazer questão de esquecer isso. O poder que tem sobre ele pode arruinar este clã.

— Não tenho poder sobre ele.

— Tem, sim... Mas corrigirei esse problema rapidamente.

— O que pretende fazer? Vai me matar?

— Não será necessário. Eu me darei por satisfeito ao vê-la longe daqui. E Duncan verá, com minha ajuda, naturalmente, que seu único interesse era seduzi-lo para que a deixasse livre para atacar ou fugir.

— Por que daria meu corpo a Duncan se pretendesse ir embora?

— Para escarnecê-lo, talvez.

— Esqueceu que Jock me mantém sob vigilância?

— Deve estar se aproveitando tanto das carícias de Duncan, que nem notou que Jock não está mais na porta do quarto. Duncan crê que não é mais necessário.

Cat refletiu que, de fato, não via Jock desde quando descobrira que Malcolm era o verdadeiro assassino de seus pais.

— E se Duncan for me buscar depois de eu ir embora? — perguntou, sem saber a razão de presumir tal coisa.

— Duncan estará ocupado demais planejando a guerra contra seu clã. Não terá tempo para outras coisas.

— Duncan não pretende aniquilar o meu clã. Quer matar somente aqueles que assassinaram o irmão dele.

— Ele pensa que não terá de lutar contra todo o seu clã, mas quando seu tio não enviar os homens responsáveis pela morte de Erik...

— Certamente meu tio entregará os responsáveis... para salvar a própria pele.

— Não importa. Tratarei de convencer Duncan que Malcolm não entregou os verdadeiros responsáveis, e somente tentou se desvencilhar de guerreiros doentes ou menos valentes, que não vão fazer falta.

— Como sabe que conseguirá iludir Duncan?

— Quer salvar o seu povo? — indagou Angus, sem responder à pergunta.

— Claro que sim!

— O prazo concedido por Duncan termina quando o sol nascer, amanhã. Se não criar problemas e me seguir esta noite, conseguirá chegar lá antes do amanhecer e salvar algumas almas. Esteja pronta para partir após soar a meia-noite.

— Pretende ir comigo?

— Sim. Quero ter certeza de que voltou para onde nunca devia ter saído. As coisas voltarão a ser como eram antes, e Duncan esquecerá esta tolice.

— Que tolice?

— De se casar com você — revelou Angus com desdém. Cat franziu o cenho de leve. Não fazia mesmo sentido.

Ela era o inimigo. Os membros de seu clã haviam matado o irmão de Duncan. Ele não podia fugir ao fato de que os MacPherson jamais a aceitariam.

— Por que Duncan casaria comigo? — perguntou, estupefata.

— Porque pensa que deve protegê-la de seu tio — replicou Angus. — Mas, ao salvá-la, vai arruinar a si próprio, e a este clã. Se ninguém mais pode pensar com clareza, eu o farei.

Cat mordeu o lábio. Não podia permitir que Duncan arriscasse o próprio clã para lhe oferecer proteção.

Nesse momento, leves batidas na porta tornaram a soar.

— Cat?

— Entre — ela respondeu com uma calma que não sentia. Duncan entrou. Sorriu para Cat antes de notar Angus que se voltara rapidamente para perto da lareira e se agachara.

— O que está fazendo aqui, Angus? — perguntou, a voz soando sombria como uma nuvem de tempestade.

Devagar, o homem se ergueu e recolocou no chão o instrumento de ferro utilizado para lidar com a lenha.

— Não vieram acender o fogo para a moça. Ela me pediu para fazê-lo.

Por um momento, Cat pensou que Duncan não acreditava no que ouvia. Mas ele meneou a cabeça, concordando, depois fez um gesto indicando que Angus deveria partir.

Um minuto depois, viram-se a sós. Sem querer que ele notasse sua aflição, ela caminhou para a janela.

Parada, fitando a noite lá fora, esperou Duncan se aproximar. Ele atravessou o quarto sem fazer ruído e a abraçou pelas costas. Ao sentir o calor do corpo másculo, o mal-estar advindo do encontro com Angus começou a dissipar.

— Está bem? — perguntou Duncan, abraçando-a pela cintura e puxando-a contra si. — Parece nervosa, calada demais.

— Ele fez uma pausa. — Quer que eu vá embora? Não vim com a intenção de pressioná-la a fazer algo que não queira.

Cat não queria. Gostaria que ele curasse a dor que a afligia agora, para ela poder lidar com a dor que estava por vir. Nada podia mudar quem eles eram e as coisas que necessitavam fazer. Porém, poderiam esquecer tudo isso por algumas horas.

Devagar, Duncan a girou nos braços.

— Não está me pressionando — ela murmurou. — Quero você. Creio que o desejo desde o primeiro momento em que nos vimos. — Ergueu os braços e repousou as mãos sobre os ombros largos, precisando de sua solidez. — Quero tocá-lo aos poucos, descobrir seu corpo devagar.

Um brilho tomou conta dos olhos de Duncan. Ele queria beijá-la.

— Fique à vontade — ele retrucou. — Mas não se assuste se notar algo diferente no meu corpo.

Cat sentiu um calor assomar à face ao compreender o que ele insinuava. Já sentira a virilidade de Duncan comprimida contra ela. Ao tomar consciência do que se passaria naquela noite entre ela e o enorme guerreiro, mordeu o lábio, nervosa.

— É grande demais? — perguntou, tímida.

Duncan reclinou a cabeça para trás e riu. Ao fitá-la, parecia mais lindo do que nunca.

— É razoável, mas não se preocupe. Prometo que a farei desfrutar cada minuto de nossa intimidade.

Cat desviou o olhar, mas Duncan tocou-lhe levemente o queixo e a fez encará-lo. — Não farei nada que não deseje

— disse, fitando-a tão profundamente que parecia atingir sua alma. — Podemos somente conversar, se preferir. Tudo que desejo é estar com você.

— Estar comigo? — ela ecoou em um murmúrio.

— Sim. E creio que gostaria de derrotá-la em uma partida de xadrez — ele afirmou sorrindo. — Tenho um tabuleiro no quarto. Voltarei em um instante.

Cat, no entanto, o agarrou pela mão. Duncan parou e a fitou por cima do ombro.

A luz do luar entrando pela janela somava-se à do fogo na lareira. A mescla de brilhos criava uma atmosfera mágica, que ressaltava os traços másculos do rosto moreno, ao mesmo tempo em que delineava sua silhueta vigorosa.

— Não quero jogar xadrez — ela sussurrou, engolindo em seco na antecipação do que ia dizer. — Quero você.

— Cat... — Duncan se voltou e a envolveu nos braços com um gemido que não dissimulava o desejo que o dominava. Puxou-a contra si e a beijou profundamente. Em seguida, ergueu-a do solo. — Assim... — Ele a fez enlaçar as pernas atrás de suas costas.

Ao fazê-lo, Cat percebeu o quanto ele a desejava. Quando Duncan começou a caminhar em direção ao leito, a fricção entre os corpos se tornou quase insuportável. Deixando a cabeça tombar para trás, ela soltou um gemido. Com um movimento firme, Duncan a ajeitou melhor contra o corpo e recomeçou a beijá-la, primeiro no pescoço, depois na orelha, acariciando-a com a língua quente e úmida.

Fez com que ela se sentasse na cama, por fim, mas agarrou-lhe as nádegas com firmeza e a trouxe de encontro ao membro rijo, fazendo-a soltar uma exclamação. Cat o enlaçou pelo pescoço, comprimindo o resto do corpo contra o dele.

Quando ela pensava que não mais suportaria o erótico contato entre os corpos, Duncan a libertou. Sem nada dizer, ajoelhou-se e passou a desabotoar o corpete do vestido.

— É tão linda — sussurrou, beijando-lhe a pele exposta. Por um instante, Cat se lembrou da visita de Angus e as

coisas que ele dissera, sabendo que tinham poucas horas para desfrutar antes da realidade nua e crua desabar sobre ela.

Duncan parou de beijá-la e, ao terminar de abrir o vestido, puxou-o com cuidado, deixando-a nua.

— Esta noite é sua, Cat. Inteiramente sua — afirmou, tocando-a nos braços e passando a beijá-la no ventre — Quero que descubra tudo o que posso fazê-la sentir. Quero que conheça o prazer que posso lhe dar — prosseguiu, sem parar de beijá-la no ventre, abaixo dos seios, nos braços. — Guarde esta noite na memória, pois vou tocar seu corpo inteiro — prometeu, logo se calando para beijá-la nos seios, o que a fez delirar de prazer. — São como duas cerejas — continuou, ofegante, afastando a face e dando a ela um instante para se refazer antes de prosseguir, sugando-os, mordiscando-os, acariciando um e outro com a língua.

Cat soltou outro gemido, arqueou o peito em oferecimento e cerrou os olhos.

— Olhe para mim — ele pediu, rouco. — Quero que veja o que faço com seu corpo.

Zonza, como se a houvessem drogado, ela obedeceu e observou a maneira como Duncan a saboreava.

— Gosta? — ele perguntou.

— Sim — sussurrou, puxando-o ainda mais para si. — Deixe-me tocá-lo também.

— Quero que me toque — assegurou Duncan. — Mas quero que esta noite seja especial para você, que seja uma noite inesquecível.

Sem hesitar, passou a beijá-la no braço, descendo devagar até atingir a mão. Beijou-lhe os dedos, tomando-os dentro da boca em uma carícia que ela jamais imaginara existir e que gerava profundos arrepios. Cat tornou a gemer e, involuntariamente, abriu mais as coxas.

— O que quer que eu faça, minha ninfa? — murmurou Duncan. — Diga-me! Farei tudo que me pedir.

— Quero que me toque... Aqui.

— Assim? — ele perguntou num murmúrio, acariciando-a abaixo do ventre.

— Oh... Sim... — Ela gemeu. Quando ele aprofundou o toque, ela se contorceu, extasiada.

— Você é maravilhosa... — Ele ofegou.

Cat não conseguia acreditar nas sensações que sentia. Faíscas pareciam espargir de seus olhos cerrados, enquanto uma pressão sensual crescia e se avolumava dentro de seu corpo. Duncan a massageava internamente e beijava-lhe um mamilo, quase a levando à loucura.

De repente, no entanto, ele se afastou.

— Não! — Cat implorou, em um tom de voz que mal reconheceu.

— Devagar... Deixe-me fazer amor com você.

Centímetro por centímetro, ele desceu por seu corpo inteiro, tocando-a com a mão ou a boca. Beijou-a no umbigo e afagou-lhe a parte interna dos joelhos. Passou a deslizar os lábios pela parte interior das coxas, primeiro de um lado, depois do outro. Antes que ela pudesse formar um pensamento coerente, sentiu que ele a beijava intimamente. Cores mais vividas dançaram diante dela enquanto ele prosseguia com o toque, operando uma mágica que ela desconhecia.

— Duncan, eu... — Não conseguia falar, não conseguia pensar. Só conseguia sentir.

— Relaxe, Cat! Desfrute — ele pediu, tocando-a levemente de modo a fazê-la se deitar.

Relaxar era impossível, pois seu corpo parecia produzir ondas quentes de prazer que desciam em direção ao seu âmago.

Duncan se ergueu de repente. Quando Cat abriu os olhos, viu que ele a fitava com olhos sedentos de paixão e desejo.

— Volte!

— Não pretendo ir embora, amor — ele afirmou, colocando-se em pé diante da cama.

Começou a desabotoar a camisa, que logo atirou ao chão. Fitava-a nos olhos, porém Cat estava fascinada pela visão de seu torso nu, o peito largo, os braços fortes. Não podia desviar o olhar nem mesmo se Deus ordenasse. Ele se libertou da saia escocesa, por fim, e se revelou em sua gloriosa nudez. Ao ver o membro ereto e rijo, Cat arregalou os olhos.

Duncan se aproximou e tomou-lhe uma mecha dos cabelos entre os dedos.

— Quero fazer amor com você.

— Então há mais?

— Sim. — Ele sorriu diante da inocência que ela nem tentava dissimular. — Vai me aceitar, Cat?

A maneira como ele falara deu a impressão de que ele queria dizer mais do que somente fazer amor. Entretanto, Cat só sabia que o desejava, total e absolutamente.

— Sim. Quero que faça amor comigo.

Ao ouvi-la, Duncan não hesitou. No instante seguinte já estava deitado a seu lado, acariciando seu corpo nu.

Desta vez, Cat ergueu o tronco e passou a fazer o mesmo, utilizando mãos e língua, como acabara de aprender com o guerreiro MacPherson.

E assim ambos se perderam em carícias mútuas, que rapidamente se tornaram mais intensas. Duncan montou sobre ela, como fizera quando estavam na colina. A grande diferença era que agora estavam desnudos.

Cat pressentiu que o momento chegara. O momento em que se entregaria totalmente ao primeiro homem de sua vida.

A virilidade de Duncan a tocou em seu cerne, pedindo passagem. Ao sentir que a penetração começava, ela soltou um gemido.

— Céus! — ele exclamou, enlevado. — Não posso esperar mais!

Cat respondeu agarrando-lhe as nádegas, sentindo-as contrair quando ele começou a se aprofundar dentro dela.

— Pode doer um instante... mas vai passar — Duncan avisou, antes de penetrá-la totalmente.

Cat sentiu uma pontada dolorida, porém curta, assim como ele avisara. Duncan de pronto a reconfortou, acari-ciando-a e beijando-a na face. Para ela, era como se o tempo e espaço houvessem deixado de existir, só havia eles dois, nada mais. E os dois eram um só.

— Enlace-me com as pernas — ele pediu ao começar a mover os quadris.

Cat obedeceu, e os movimentos de Duncan se tornaram mais rápidos. Ela arqueou o corpo instintivamente, precisando do contato, até que ele ergueu o tronco de repente e jogou a cabeça para trás, liberando um jato de fluido morno dentro dela em um arquejo. Cat o observou se libertar da aparente tortura, mas, extasiada, seguiu se movendo, até se ver sacudida por uma onda violenta de prazer, que percebeu, nada mais era do que o ápice da entrega.

Duncan repousou o tronco sobre o dela. Estava exausto e saciado. Cat o beijou nos cabelos, sentindo-se como se estivesse embriagada.

Quando a respiração de ambos afinal se acalmou, ele ergueu a face, beijou-a suavemente nos lábios, e rolou para o lado dela. Cat se encolheu ligeiramente, aconchegando-se junto ao corpo másculo que a envolvia como ela se fosse um tesouro precioso.

— Amo você, lorde MacPherson — murmurou segundos antes de adormecer, mal percebendo o que dizia.

— Acorde...

Devagar, Cat despertou do sono alimentado por sonhos com Duncan, nos quais ele sorria com uma emoção especial.

— Acorde! — a voz repetiu e, desta vez, alguém a chacoalhou sobre o leito.

Zonza, Cat se sentou na cama, e o movimento fez as cobertas deslizar até a cintura. Ao se deparar com o rosto envelhecido de Angus, ela soltou um grito e puxou a colcha até o pescoço.

Ele sorriu, malicioso

— Ela é tímida... Que doce. Se eu tivesse tempo, não deixaria de usufruir seus encantos. Mas estamos atrasados. Não previ que Duncan fosse demorar tanto. Deve ter-lhe dado um ótimo tratamento... Espero que não esteja dolorida demais para andar a cavalo — acrescentou com ironia.

O quarto ainda estava mergulhado na escuridão. Cat sabia que deveriam partir na clandestinidade, e o momento havia chegado. Porém, não esperava que fosse se sentir tão exausta, como se o corpo exigisse mais descanso para recuperar a energia.

— Levante de uma vez — urgiu Angus, atirando as roupas dela sobre a cama. — Vista-se e me encontre no salão em cinco minutos.

No instante seguinte, ele partia.

Sentindo as pernas pesadas, Cat se levantou e começou a se vestir. Ao terminar, ainda observou o aposento uma última vez, tentando reter na memória o local onde passara alguns dos melhores e piores momentos de sua vida. Abriu a porta por fim, dizendo a si mesma que era hora de olhar para a frente, e não para trás. Tinha de ter coragem. E por várias razões.

Ao encontrar Angus no salão deserto e escuro, ele a tomou pelo braço e a conduziu para a noite lá fora.

— Há um túnel sob a muralha, as sentinelas não nos verão. Tenho um cavalo esperando do outro lado.

— Um cavalo apenas?

— Sim. — Seus olhos brilhavam como os de uma serpente. — Vai galopar comigo.

— Quero um cavalo para mim — replicou Cat, insatisfeita com a idéia de ter de se colocar tão próxima do homem.

— Não é possível. Vou levá-la até a metade do caminho, depois você continua a pé. Sei que gosta de caminhar — afirmou, referindo-se à maneira como ela adentrara as terras dos MacPherson.

Conduzindo-a rente ao lado interior da muralha que circundava a fortaleza, Angus a fez parar no local onde se encontrava o túnel ao qual ele se referira. Tocou uma das pedras da muralha, e uma portinhola se abriu, era a passagem secreta.

— Entre — ordenou, empurrando Cat na direção da escuridão.

O túnel era estreito e baixo, o que a obrigou a se pôr de joelhos. O solo estava úmido, e o ar tinha cheiro de mofo. Quando alguma coisa pequena e peluda roçou sua perna, Cat teve de se controlar para não gritar. Coragem, tornou a repetir para si.

Após avançar alguns metros, notou uma luz tênue do outro lado. O fim do túnel. Empurrou os gravetos e arbustos que escondiam o buraco na terra e saiu. O ar da noite estava mais frio fora das muralhas. Sentindo um calafrio, Cat escalou pela parede de terra e se pôs em pé, agora do lado de fora do castelo.

— Por aqui — disse Angus, puxando-a pelo braço sem delicadeza.

O cavalo estava escondido atrás de arbustos, e antes que Cat pudesse adivinhar, Angus a ergueu e a jogou sobre a sela. No instante seguinte, montou atrás dela. Então, começaram a trotar, distanciando-se de Skye Castle.

Duncan estava parado defronte à janela do quarto, fitando o céu sem estrelas. Não fora capaz de dormir. Naquele dia saberia se os MacDougal entregariam os homens que haviam assassinado seu irmão e diria a Cat que queria que ela ficasse, pois desejava se casar com ela.

Tivera o impulso de dizê-lo no dia anterior, no entanto queria que, antes disso, ela o visse como realmente era, e não como o vilão que ela imaginara a princípio.

Cat era encantadora quando estava zangada e quando não estava. A vida ao seu lado jamais seria entediante, pensou sorrindo.

Na verdade, gostaria de voltar para ela agora, despertá-la e tornar a fazer amor. Entretanto, havia outras coisas que necessitavam ser feitas e não podiam esperar. Por isso a deixara adormecida.

A morte de Erik não estava ainda explicada. Os fatos não se encaixavam e havia inconsistências. A despeito do relato de Angus, as marcas no solo haviam indicado que os dois não tinham sido atacados por quatro homens.

E Erik fora acertado pelas costas. Fora aquele o golpe fatal. A maneira como o sangue se espalhara sobre a terra, somada ao fato de ele estar caído com o rosto contra o solo, não permitia outra interpretação. O corte na garganta fora desferido mais tarde. Além disso, a espada de seu irmão não tinha manchas de sangue, como se ele não houvesse tido oportunidade de usá-la.

Só um covarde, ou alguém com algo a esconder, mataria seu irmão dessa forma.

Duncan comprimiu os lábios diante da certeza que o atingiu ao unir os fatos. Angus reclamara das tantas perguntas que ele lhe fizera, hostilizara Cat abertamente. Por isso ele se vira obrigado a concluir algo que não desejava: Angus assassinara Erik.

Mas por quê?, questionou-se, inconformado. Pertenciam ao mesmo clã, e era como se fossem parentes de sangue. Angus vira Erik nascer e crescer, e era o responsável pela segurança dele.

Duncan lembrou-se da missão que destinara a Erik e Angus: a aliança com os MacDougal. Angus odiara a idéia, pois queria que as coisas permanecessem como tinham sido até então.

Desejava que os MacPherson seguissem sendo o clã mais poderoso de todos os feudos ao redor.

Decidido, Duncan se afastou da janela e rumou para a porta. Encontraria Angus para obter as respostas que necessitava de uma vez por todas.

— Bem-vinda de volta, Catherine.

Cat se virou ao reconhecer a voz que soou às suas costas assim que desmontou do cavalo. Angus havia parado onde dissera que o faria, na metade do percurso entre Skye Castle e o castelo dos MacDougal.

— O que faz aqui? — ela inquiriu, sentindo a raiva crescer dentro de si ao ouvir a voz do tio. A voz da besta. Malcolm estava a poucos metros de distância, os braços cruzados sobre o peito. Seus olhos desprovidos de emoção a fitavam com a frieza de uma serpente.

— Vim buscá-la para levar para casa, criança — ele respondeu, sem parecer aliviado ao vê-la sã e salva.

— Você sabia que ele estaria aqui, não sabia? — disparou Cat, virando-se para Angus, que acabava de saltar do cavalo e estava em pé ao lado dela.

— Naturalmente.

— Por quê?

Antes de responder, ele fitou a região leste do céu, que principiava a se tornar alaranjada. O sol nasceria dentro em pouco. Tornou a se virar para Cat e a fitou com um olhar frio.

— Não é óbvio? Queria ter certeza que sua presença causadora de tantos problemas estaria definitivamente afastada. Por isso enviei uma mensagem a seu tio informando onde nos encontrar.

— Pensei que você odiasse todos os MacDougal. Por que não me deixou aqui para eu prosseguir caminhando, como disse que faria?

— Tinha de ter certeza que você não iria dar meia-volta e retornar para Skye Castle.

— Por que não me matou de uma vez, já que estava tão determinado a se ver livre de mim?

— Não vou negar que pensei nessa possibilidade — replicou Angus com sarcasmo. — Mas não podia ter duas mortes tão próximas uma da outra sem levantar suspeitas. Duncan já fez perguntas demais, e eu não poderia dar-lhe motivo para desconfiar.

— Duas mortes? — espantou-se Cat, subitamente compreendendo a extensão do que Angus dizia. — Você matou Erik? — perguntou, sem conseguir acreditar no que concluía.

Por um momento, uma sombra de dor pareceu transformar a expressão de Angus. No instante seguinte, no entanto, desapareceu, e ele retomou o ar pragmático.

— Tive de fazê-lo.

— Por quê?! — perguntou Cat, perplexa, sentindo um nó na garganta. Angus traíra Erik. E Duncan. — Erik era como se fosse seu parente!

— Era um bom rapaz, mas infelizmente se transformou em um empecilho.

— O que está dizendo? — ela continuou, afastando-se da presença maléfica dos dois homens e tentando coordenar as idéias. Necessitava de uma arma, ou algo para atacá-los. Desta vez, o medo não a paralisaria. Ela ia lutar! — Como pôde fazer isso com Erik e com Duncan? Eram os senhores do seu clã, e você jurou lutar para protegê-los!

— Eu teria lutado por eles, maldição! Mas Duncan era condescendente demais, não somente com o irmão, mas com as leis que regem a vida dos clãs. Duncan queria estabelecer a paz com nossos inimigos — continuou com ferocidade. — Era necessário fazê-lo ver o absurdo de tal coisa.

— E a maneira como o fez foi matando o irmão dele? Você é louco!

— Não sou louco, moça. Sou esperto. Pergunte a seu tio, caso não compreenda como as coisas acontecem no mundo real.

Perplexa, Cat sentiu como se uma fenda se abrisse a seus pés, sugando-a para as profundezas da terra. Custava crer que as pessoas pudessem pensar e agir dessa forma, privilegiando a guerra e a morte em detrimento da paz e da vida.

— Por que está me contando tudo isso? — perguntou, sentindo-se zozza e rezando para a força retornar.

— Não tem medo de que Duncan descubra a verdade? Angus meneou a cabeça, sorrindo.

— Duncan jamais acreditará na palavra de um MacDougal mais do que na minha. Além disso, você estará longe — afirmou, virando-se para fitar Malcolm. — Tenho certeza de que Malcolm, o novo senhor MacDougal, planeja nos atacar, não é?

— Sim — concordou o outro no tom frio e deliberado que o caracterizava. — Já teria atacado antes, mas meu irmão era um obstáculo para eu levar meus planos adiante.

— Demônio! Bastardo desgraçado! — rugiu Cat ao ouvir as palavras que a feriam como punhaladas.

— Minha querida sobrinha — começou Malcolm. — Se não soubesse como você se sente, eu ficaria ofendido ao ouvi-la falar assim. Mas sei que carrega a culpa por não ter feito nada para salvar seus pais.

Nesse instante, Cat notou uma pedra de tamanho razoável no solo, a seus pés. Sem hesitar, ela se inclinou, tomou a pedra e a atirou com ódio em Malcolm, conseguindo acertá-lo na cabeça. Imediatamente, o sangue começou a escorrer pela testa do MacDougal traidor.

— Minha consciência está tranqüila! — exclamou, satisfeita ao ver que o golpe o atingira. — Espero que você queime no fogo do inferno!

Malcolm ergueu a mão e tocou o ferimento. Ao ver o próprio sangue, voltou-se para ela, os olhos faiscando.

— Vai pagar por isso, sua vagabunda! Guardas! — chamou.

Dois homens montados a cavalo apareceram pela direita e pela esquerda, saindo detrás dos arbustos.

— Levem-na! Mas, antes, matem esse MacPherson — ordenou, apontando para Angus.

— Com os diabos, o que... — começou Angus, surpreso, porém já sendo interrompido pelo cavaleiro que jogava o cavalo em sua direção, já empunhando a espada no ar para desferir o golpe.

Agilmente, Angus desembainhou a espada e atacou a tempo de deter o golpe, que seria fatal. Os dois passaram a lutar. O outro homem a cavalo avançou sobre Cat. Ela correu para trás de uma árvore, onde felizmente encontrou outra pedra sobre o chão.

Sem hesitar, agarrou a pedra e a atirou no cavaleiro que se inclinava para prendê-la. Também desta vez conseguiu acertar o alvo, mas o ataque somente a fez ganhar alguns poucos segundos. Em um ímpeto, começou a correr, pedindo a Deus que lhe desse forças para fugir sem ser alcançada.

Então ouviu o ruído de alguém correndo logo atrás dela, quebrando galhos e arbustos no caminho. Virou-se para ver o que acontecia, mas seus longos cabelos caíram sobre a face, toldando-lhe a visão.

Malcolm quase a alcançava. Mais alguns segundos e conseguiria agarrá-la! Além disso, o som das patas de cavalo dizia que o cavaleiro que a atacara anteriormente também se recuperara.

Cat correu em ziguezague, tentando confundi-los, mas o cavalo se aproximou rapidamente. De súbito, sentiu que a erguiam do chão e a enlaçavam pela cintura, jogando-a sobre a sela. No instante seguinte, o cavaleiro puxou as rédeas do animal, fazendo-o estancar abruptamente e erguer as patas dianteiras no ar.

Ela tentou se virar sobre a sela, disposta a lutar enquanto tivesse forças. Todavia, o braço de ferro que a prendia a impediu de se mover. Cat continuou lutando.

— Sou eu, Cat! Duncan!

Ela parou imediatamente de lutar. Contudo, não teve tempo para perguntar como ele a encontrara, pois Malcolm já os alcançava com a espada desembainhada.

— Galope de volta para Skye Castle! — instruiu Duncan, saltando da montaria para enfrentar Malcolm.

Os dois homens não trocaram palavra. Somente fitaram um ao outro um instante, sabendo que a luta que viria era uma luta de morte.

Começaram o combate. A cada metro que conseguia avançar, Malcolm era obrigado a recuar dois. Cat percebeu rapidamente que seu tio não era páreo para Duncan. Lorde MacPherson era o guerreiro mais magnífico que ela jamais conhecera. A espada de Duncan cruzava o ar com tanta rapidez, que era impossível segui-la com a visão.

De repente, a camisa de Malcolm se tingiu de vermelho. O MacDougal parou um instante, surpreso ao ver que fora ferido. No momento seguinte, soltou um rugido e tornou a investir contra Duncan, a espada apontada diretamente contra seu peito. Duncan desviou, evitando o golpe. Preso à ética dos cavaleiros, esperou Malcolm virar-se para poder enfrentá-lo, como cabe aos guerreiros honrados que não atacam pelas costas.

Malcolm, entretanto, não se voltou. Ao contrário, seguiu em frente, avançando na direção de Cat.

— Cat! — gritou Duncan ao ver a inesperada investida.

Malcolm desferiu um golpe com a espada, que certamente a teria atingido se Cat não houvesse reagido puxando as rédeas do cavalo e fazendo o animal saltar para o lado.

Malcolm tornou a se virar para Duncan. Os dois homens se encararam e logo retomaram a luta, deslocando-se em círculo.

Duncan usou a espada, obrigando Malcolm a recuar. De repente, Malcolm deu um salto e se aproximou de Cat, desta vez perto o suficiente para acertá-la antes que ela ou Duncan pudessem reagir.

Nesse exato instante, Angus apareceu, saindo das sombras. Seu estado, no entanto, era deplorável. Conseguira dar cabo dos outros dois cavaleiros, mas estava coberto de sangue e avançava com muito esforço.

Malcolm tinha a espada erguida e não necessitaria mais do que um segundo para acertar Cat.

Angus, porém, foi mais rápido, e o atingiu primeiro.

Como em câmera lenta, Malcolm cambaleou e soltou a espada, que caiu pesadamente. Sua expressão agora era uma máscara de dor, uma dor que prenunciava a morte. Tombou de joelhos.

Sem hesitar, Angus ergueu a espada e desferiu o golpe fatal.

Cat estava paralisada sobre a sela quando Duncan a alcançou. Com agilidade, puxou-a das costas de Atlas, a fez desmontar, e a envolveu em um abraço protetor, comprimindo sua face contra o próprio peito.

— Está salva, meu amor. Ela soltou o ar.

Um baque surdo, contudo, a fez afastar o rosto do abraço protetor. Ao se voltarem, viram Angus estatelado sobre o solo pedregoso. Duncan soltou Cat e correu a amparar o cavaleiro que o vira nascer, e que prometera protegê-lo como a um filho. Cat também se aproximou correndo e parou do outro lado, enquanto Duncan sustentava a cabeça agora sem forças do guerreiro.

Está morrendo, ela pensou, sabendo que o fato de Angus MacPherson a ter salvado do tio o redimia de sua traição a Duncan.

— Eu sinto muito — Angus murmurou, antes de soltar o último suspiro e tombar a cabeça.

O som estridente da gaita de foles se ergueu sobre o clamor das risadas e conversas. A música que se tocava naquele dia era de festa e celebração. Ao lado do instrumentista, dois MacPherson, vestidos no mais fino traje com as cores do clã, dançavam uma típica dança escocesa. Aos pés de Cat e em seus cabelos, muitos ramos de lavanda. Nas mãos ela trazia um buquê da mesma flor, mas adornado com outras, brancas e amarelas. Meg o confeccionara.

Sorriu para a moça que a recebera com amizade desde o primeiro instante, e Meg retribuiu o sorriso.

Havia muitas mesas no pátio, repletas de comidas e doces. O clã inteiro se reunira para celebrar o casamento de seu senhor.

Ao tomarem conhecimento de toda a verdade, e de como as coisas haviam se passado, os MacPherson se preparavam para aceitar Cat. Para ela, tratava-se de encontrar novos amigos e, mais do que isso, uma nova família. Ela renunciara ao comando do clã MacDougal, entregando ao primo, filho de Malcolm, o título que herdara por direito. Ele era um rapaz maduro e honrado, completamente diferente do pai.

O coração dela estava com Duncan. Onde quer que Duncan estivesse, ela se sentiria em casa.